

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Compreensão e Interpretação de
Textos



Presidente: Gabriel Granjeiro

Vice-Presidente: Rodrigo Calado

Diretor Pedagógico: Erico Teixeira

Diretora de Produção Educacional: Vivian Higashi

Gerente de Produção Digital: Bárbara Guerra

Todo o material desta apostila (incluindo textos e imagens) está protegido por direitos autorais do Gran. Será proibida toda forma de plágio, cópia, reprodução ou qualquer outra forma de uso, não autorizada expressamente, seja ela onerosa ou não, sujeitando-se o transgressor às penalidades previstas civil e criminalmente.

CÓDIGO:

251111487380



BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).

GRAN
CONCURSOS

SUMÁRIO

Apresentação	4
Compreensão e Interpretação de Textos.....	6
Definição de Texto e de Interpretação de Textos.....	6
Funções da Linguagem.....	17
Vozes Discursivas (Intertextualidade)	20
Níveis de Leitura	23
Pressupostos e Subentendidos.....	24
Marcas Discursivas (de Pressuposição)	25
Níveis de Linguagem.....	27
Variação Linguística	29
Breve Introdução aos Estudos Linguísticos.....	33
Tipologia da Frase Portuguesa	36
Frase: Conceito e Classificação.....	36
Problemas Estruturais das Frases	40
Resumo	42
Mapa Mental	43
Questões de Concurso.....	45
Gabarito	70
Gabarito Comentado.....	71
Referências	107

APRESENTAÇÃO

Olá! Tudo bem?

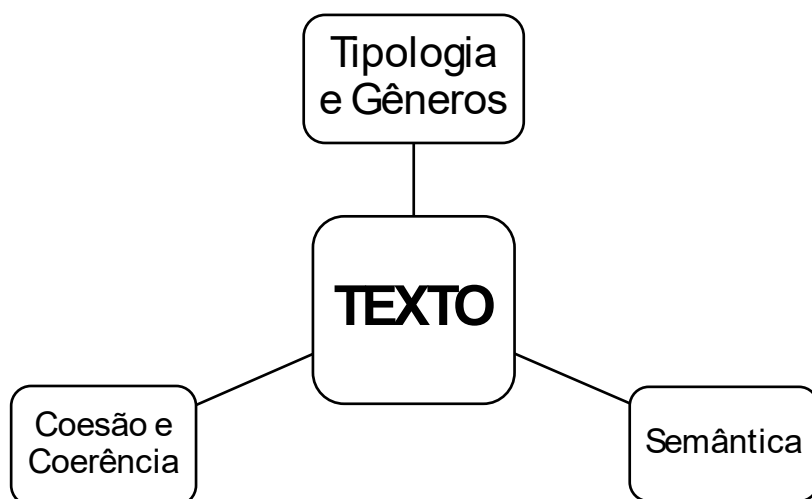
E então, preparado(a) para começar nossos estudos? Espero que sim!

Nas aulas que compõem este curso de **Texto**, procuro trazer o que há de mais atual em relação aos perfis das provas de concurso mais recentes. Meu objetivo é tornar seu estudo eficiente, focando exatamente no que está sendo mais cobrado nos últimos processos seletivos.

Como seguiremos juntos até o final deste curso, a pergunta inicial a ser feita é: qual será **o meu** papel em sua preparação? Bom, eu trabalharei para apresentar os conteúdos teóricos de forma clara e dinâmica, sempre otimizando o seu tempo e a sua energia. E qual é **o seu** papel ao longo deste curso? Muito do processo de aprendizagem depende de **você**. Por isso, precisarei de sua atenção e de seu raciocínio. Também precisarei de seu conhecimento de mundo e de suas referências (leituras, experiências etc.).

Estabelecidos o meu papel e o seu, quero que você saiba que pensei nossas aulas com a ideia de que caminharemos juntos. Muito do que trago de inovação aqui é resultado da minha interação com alunos nos espaços **Fórum de Dúvidas** e **Avaliações** (ambos disponíveis em seu espaço de aluno na Plataforma do Gran). Espero que você também possa acessar o **Fórum de Dúvidas** para dialogar comigo, apresentando dúvidas, sugestões, reclamações etc. Ah, é igualmente importante que você faça a sua **Avaliação** (curtindo ou descurtando a aula), ok?

Em relação ao nosso conteúdo teórico, seguirei uma divisão baseada em uma tríade:



Como você pode ver, a noção de Texto envolve principalmente três componentes: (i) as tipologias e os gêneros textuais; (ii) a coesão e a coerência textuais; e (iii) a semântica. Ao longo de minha explicação sobre o conteúdo (e sobre esses três componentes), outras noções aparecerão, como **intertextualidade**, **variação linguística**, **paráfrase**, **reescrita de textos** etc.

Fique tranquilo(a): as aulas que compõem este curso atendem ao exigido no conteúdo programático do edital que norteia o concurso para o qual você está se preparando.

Em cada uma das aulas, seguirei a seguinte **metodologia**:

- Explicarei objetivamente o conteúdo;
- Sempre que possível, apresentarei questões de provas anteriores e questões inéditas para identificarmos, com clareza, o modo de cobrança do conteúdo;
- Para sintetizar as principais noções estudadas, a cada aula, elaborarei um resumo e um mapa mental.

Em todo o curso, utilizo como fonte minha experiência como professor (e como leitor) e obras de autores que são grandes referências na área de Língua Portuguesa (e Linguística). Sempre procuro citar com clareza essas fontes, ok? Caso você queira se aprofundar nesse estudo, disponibilizo o nome das obras ao final de cada aula (**Referências**).

A análise de **como** o conteúdo de Texto é avaliado pela banca é muito importante. É exatamente aqui que você deve direcionar seus conhecimentos, de modo a solucionar a questão com segurança. E é claro que você já está ciente do seguinte fato: só conquista a aprovação quem resolve muitas, muitas questões de concurso. É por isso que, a cada aula, apresento um conjunto de questões de concurso de **diversas bancas** (todas **atuais** e com gabarito comentado). Faço a seguinte orientação para você trabalhá-las:

- Obs.:**
- 1) Primeiramente, somente resolva as questões após ter estudado o conteúdo;
 - 2) Na resolução, não consulte o gabarito (ou meus comentários sobre ele);
 - 3) Após ter resolvido a questão, compare a sua resposta ao gabarito;
 - 4) Caso haja alguma diferença entre o que você marcou e o que está registrado no gabarito, volte ao material teórico (e ao meu comentário no gabarito) e procure estudar novamente o que não ficou bem compreendido.

Eu realmente espero que este curso seja relevante para a sua preparação. Aqui, começamos a caminhada rumo à **aprovação** (e nomeação no DOU, é claro)! Vamos à aula!

Bons estudos!

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

DEFINIÇÃO DE TEXTO E DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nessa primeira parte, trabalharemos o conceito de **Texto**, o qual envolve uma série de elementos: linguísticos, culturais, sociais, afetivos etc. Ler um texto é um processo que também exige leitura de mundo; é compreender como ocorre a relação entre os indivíduos que interagem por meio da atividade verbal.

Serei bem objetivo na apresentação dos conceitos. Primeiramente, vamos definir **Texto** (segundo o professor Marcuschi):

Obs.: “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.”

Também segundo o professor Marcuschi (na obra “Produção textual – análise de gêneros e compreensão”, página 93), um texto, enquanto unidade comunicativa, “deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização”. Os critérios são os seguintes:

- Aceitabilidade;
- Intencionalidade;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade.

A nossa definição para cada critério será baseada na seguinte prova da banca Consulplan:

Obs.: Note que a abordagem da questão possui a finalidade didática de apresentar os conceitos de cada um dos critérios de textualização. Por isso, não tente resolvê-la testando seus conhecimentos, pois os conteúdos ainda estão sendo apresentados!

DIRETO DO CONCURSO



001. (CONSULPLAN/SEGER/ANALISTA) Relacione adequadamente os fatores às suas respectivas características.

1. Aceitabilidade.
2. Intencionalidade.
3. Situacionalidade.
4. Informatividade.
5. Intertextualidade.

- () Está direcionada ao protagonista do ato comunicativo. Trata-se da disposição e do empenho de se construir um discurso coerente, coeso e com grande capacidade de satisfazer determinada audiência. Diz respeito às informações e conhecimentos prévios que o autor tem para chegar a seu público.
- () É voltada para o contexto no qual a situação comunicativa está inserida. Ela se relaciona à adequação ou não do contexto, pois ele pode influenciar no significado do texto que, inserido em contextos distintos, pode produzir significados completamente diversos.
- () Consiste na influência e na relação que um texto exerce sobre outro. Esse processo ocorre durante a produção de um texto, no qual o autor coloca, na estrutura de sua produção, referências explícitas ou implícitas de outra obra.
- () Nesse fator, consideram-se as informações prévias e as informações novas obtidas no texto. É preciso que haja equilíbrio entre ambas, pois um texto que possui apenas informações prévias não traz novidade ao leitor. Já um texto somente com informações novas pode dificultar a compreensão da leitura.
- () Esse fator está focando no leitor. O leitor precisa de algum conhecimento sobre o assunto para poder analisar o texto e decidir se concorda com a intenção do autor. É através de sua interpretação do texto que ele poderá reconhecer o que está implícito ou explícito no texto.

A sequência está correta em

- a) 1, 3, 5, 4, 2.
- b) 2, 3, 5, 4, 1.
- c) 3, 1, 2, 5, 4.
- d) 5, 1, 4, 2, 3.
- e) 5, 2, 3, 4, 1.



A sequência correta é esta (cada termo seguido de sua definição):

(2) A **intencionalidade** está direcionada ao protagonista do ato comunicativo. Trata-se da disposição e do empenho de se construir um discurso coerente, coeso e com grande capacidade de satisfazer determinada audiência. Diz respeito às informações e conhecimentos prévios que o autor possui para chegar ao seu público;

(3) A **situacionalidade** é voltada para o contexto no qual a situação comunicativa está inserida. Ela se relaciona à adequação ou não do contexto, pois este pode influenciar o significado do texto que, inserido em contextos distintos, pode produzir significados completamente diversos;

(5) A **intertextualidade** consiste na influência e na relação que um texto exerce sobre outro. Esse processo ocorre durante a produção de um texto, no qual o autor insere, na estrutura de sua produção, referências explícitas ou implícitas de outra obra;

(4) No critério da **informatividade**, consideram-se as informações prévias e as informações novas obtidas no texto. É preciso que haja equilíbrio entre ambas, pois um texto que possui apenas informações prévias não traz novidade ao leitor. Já um texto somente com informações novas pode dificultar a compreensão da leitura.

(1) O critério da **aceitabilidade**, por fim, está focado no leitor, que precisa de algum conhecimento sobre o assunto para poder analisar o texto e decidir se concorda com a intenção do autor. É por meio de sua interpretação que ele poderá reconhecer o que está implícito ou explícito no texto.

Letra b.

Obs.: Para além da banca CONSULPLAN, em outros editais, como os da FGV, também observamos a solicitação do conteúdo “critérios de textualidade”.

Professor, estou achando a linguagem da sua aula muito complicada. É assim mesmo?

Sim, eu sei... parece que estou dificultando as coisas, mas não é bem assim. No fim das contas, o uso de vocabulário técnico é necessário para explicar o funcionamento de qualquer área do conhecimento. Se pensarmos no Direito, ocorre algo bastante semelhante (e em Informática, em Matemática etc.). Ao longo das aulas, à medida que você for se ambientando à temática, essa impressão tende a diminuir, ok? Bom, vamos seguir.

Em concursos públicos, o texto mais recorrente é o verbal escrito. Em muitos casos, o texto será não verbal, como se percebe em quadrinhos, anúncios publicitários, infográficos etc.

Outro ponto importante nas provas de concurso público (e isso vale para diversas bancas) é que você precisa saber que há dois tipos principais de expressão textual escrita: a prosa e o poema. Vamos entender a diferença entre elas.

A **prosa** é a expressão natural da linguagem escrita ou falada, sem metrificacão intencional e não sujeita a ritmos regulares. No texto escrito, observamos a prosa quando há organização em linha corrida, ocupando toda a extensão da página. Há também organização em parágrafos, os quais apresentam certa unidade de sentido. O texto das nossas aulas em PDF, por exemplo, é produzido em prosa.

Já o **poema** é a composição literária em que há características poéticas, cuja temática é diversificada. O poema apresenta-se sob a forma de versos. O verso é cada uma das linhas de um poema e caracteriza-se por possuir certa linha melódica ou efeitos sonoros, além de apresentar unidade de sentido. O conjunto de versos equivale a uma estrofe. Há diversas maneiras de dispor graficamente as estrofes (e os versos) – e isso dependerá do período literário ao qual a obra se filia e da criatividade do autor. Veja dois exemplos:

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por soldada pretendia.
Os dias na esperança de um só dia
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel, lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que por enganos
lhe fora assim negada sua pastora,
como se a não tivera merecida,
tornando já a servir outros sete anos,
dizia: – Mais serviria, se não fora
para tão longo amor tão curta vida.

(Luís Vaz de Camões)

soylo
seus
sop o
faz
encontrar o infinito em

(Fábio Bahia)

Nas diversas bancas examinadoras, a maioria dos textos é organizada em prosa. Nesse caso, a banca faz referência às noções de **linha**, **período** e **parágrafo**. Quando as bancas avaliam a estrutura de um poema, há referência às noções de **verso** e **estrofe**.

Em provas de concurso, os textos poéticos são abordados predominantemente em termos de temática e expressividade linguística (ou seja, em como os sentidos do poema são construídos a partir de sua composição):

DIRETO DO CONCURSO 

quanto falta pra gente se ver hoje
quanto falta pra gente se ver logo
quanto falta pra gente se ver todo dia
quanto falta pra gente se ver pra sempre
quanto falta pra gente se ver dia sim dia não

quanto falta pra gente se ver às vezes
 quanto falta pra gente se ver cada vez menos
 quanto falta pra gente não querer se ver
 quanto falta pra gente não querer se ver nunca mais
 quanto falta pra gente se ver e fingir que não se viu
 quanto falta pra gente se ver e não se reconhecer
 quanto falta pra gente se ver e nem lembrar que um dia se conheceu.

Bruna Beber. Rua da padaria. São Paulo: Record, 2013.

002. (CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. PORTUGUÊS/2025) Acerca do poema Rua da Padaria, julgue a afirmativa a seguir

No poema, a anáfora marca o ritmo dos versos e assume um sentido diferente em cada ocorrência.



Atenção: o conceito de “anáfora” possui dois sentidos, um na coesão textual e outro nas figuras de linguagem. Como figura de linguagem, representa a repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas, para enfatizar o termo repetido. Na afirmativa da questão, fala-se que o sentido de cada termo repetido é diferente em cada ocorrência, o que está errado, pois o sentido se mantém o mesmo. A diferença ocorre na sequência da frase após o termo repetido.

Errado.

Uai, professor... já é a segunda questão com conteúdos ainda não trabalhados em aula. Por quê?

Estou utilizando as questões como ilustração em relação à abordagem das bancas. O importante aqui não é “acertar” a questão, mas observar *como* elas cobram esse tipo de conteúdo.

Mais recentemente, as bancas examinadoras cobram, no conteúdo programático, a distinção entre **texto não literário** e **texto literário**. De maneira simples, pode-se dizer que o texto literário se diferencia do não literário principalmente pela finalidade e pelo modo como trabalha a linguagem. Enquanto o texto não literário busca transmitir informações de forma objetiva, direta e funcional (como observamos em notícias, relatórios, artigos científicos e instruções), o texto literário privilegia a expressão simbólica, plurissignificativa e subjetiva, explorando recursos estéticos, jogos de linguagem, figuras de sentido e múltiplas interpretações. Assim, o primeiro organiza-se para informar, explicar ou orientar o leitor,

reduzindo a presença de marcas de subjetividade, ao passo que o segundo se concentra na construção artística da palavra, na sugestão e na abertura interpretativa, permitindo que o leitor experimente sentidos mais amplos, afetivos e imaginativos. Uma maneira prática de estabelecer a distinção é pensar no par literário/ficcional x não literário/factual, lembrando que “ficcional” não significa necessariamente “fantástico”.

Pois bem. Então, temos que um texto é um composto linguístico que atende aos critérios de textualidade (aceitabilidade, intencionalidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade). Há também outros critérios, como a coesão e a coerência. Também sabemos da distinção entre prosa e poema, além de texto literário e não literário. Somados, esses conceitos já nos permitem interpretar um número expressivo de questões de concurso, como nos exemplos a seguir:

DIRETO DO CONCURSO

NETWORKING ESTRATÉGICO

Todo mundo conhece alguém que conseguiu emprego por indicação ou fechou um negócio importante através de um contato. Mas quando chega ____ hora de fazer networking para si mesmo, muita gente trava, não sabe por onde começar ou acha que é coisa de vendedor insistente que fica distribuindo cartão em todo lugar.

A verdade é que fazer conexões profissionais virou necessidade básica no mercado de trabalho, mas a maioria ainda confunde isso com sair adicionando todo mundo no LinkedIn ou guardar pilhas de cartões que nunca mais vai olhar. O networking estratégico é diferente disso tudo, e entender essa diferença pode ser a chave para mudar os rumos do seu negócio ou carreira.

Networking estratégico é criar conexões profissionais de forma planejada, pensando em construir relacionamentos que tragam benefícios para os dois lados. Enquanto o networking comum acontece por acaso, numa conversa de elevador ou num happy hour depois do trabalho, o estratégico tem método. Você escolhe com quem quer se conectar e tem um motivo claro para isso, seja porque trabalham na mesma área, enfrentam problemas parecidos ou podem trocar conhecimentos úteis.

O segredo está em entender que todo mundo tem algo ____ oferecer. Pode ser uma vivência diferente, conhecimento técnico, acesso a outros contatos ou simplesmente uma perspectiva nova sobre algum problema. Quando as duas partes en...ergam valor na relação, o networking funciona de verdade.

O primeiro passo é mapear quem são as pessoas que fazem sentido para sua área de atuação. Depois vem a parte de fazer o contato acontecer. Eventos da sua área são lugares

naturais para isso, já que juntam pessoas com interesses parecidos. As redes sociais também entram no jogo. Participar de grupos do Facebook ou WhatsApp da sua área, comentar em posts relevantes no LinkedIn e compartilhar conteúdo útil são formas de aparecer e ser lembrado.

O networking de negócios também serve como uma espécie de consultoria gratuita. Conversar com quem já passou pelos mesmos desafios economiza tempo, dinheiro e evita erros que outros já cometeram. É aprender com a experiência alheia sem precisar pagar caro por isso.

O networking tradicional é aquele que todo mundo faz sem pensar muito. Encontra alguém num evento, troca cartão, adiciona no LinkedIn e nunca mais fala com a pessoa. Ou pior: só procura quando precisa de alguma coisa, geralmente emprego ou indicação de cliente.

O estratégico funciona diferente. Tem planejamento por trás, com tempo separado na agenda para manter contatos ativos no dia ____ dia. É mandar aquela mensagem quando vê uma notícia que interessa ao contato, indicar uma oportunidade mesmo sem ganhar nada com isso ou simplesmente perguntar como andam os projetos da pessoa.

A grande diferença está na con...istência. O networking tradicional é e....porádico e interesseiro, enquanto o estratégico é frequente e baseado em troca real. Um acumula contatos frios, o outro constrói uma rede que funciona quando você precisa porque você também funciona para ela.

Por fim, seja paciente. Relacionamento profissional sólido não se constrói da noite para o dia. É um investimento de longo prazo que exige dedicação, mas que paga dividendos em oportunidades, aprendizado e apoio quando mais se precisa.

(Disponível em: <https://exame.com/carreira/guia-de-carreira/networking-estrategico-o-que-e-como-funciona-e-como-aplicar-no-seu-negocio/> – texto adaptado especialmente para esta prova).

003. (FUNDATEC/DPE-SC/TÉCNICO/2025) Com base no texto, relacione a Coluna 1 à Coluna 2, associando os dois tipos de networking apresentados às suas características.

Coluna 1

1. Networking de negócios.
2. Networking tradicional.

Coluna 2

- () Gera aprendizado a partir de trocas de vivências.
- () É ativado somente em caso de necessidade.
- () Evita a repetição de equívocos que outros já cometeram antes.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 2 – 1 – 1.
- b) 2 – 2 – 1.
- c) 2 – 1 – 2.
- d) 1 – 2 – 1.
- e) 1 – 2 – 2.



O networking de negócios gera aprendizado a partir de trocas de vivências e evita a repetição de equívocos que outros já cometeram antes. O networking tradicional, por sua vez, é ativado apenas em caso de necessidade. Logo, a sequência correta está em (D): 1 – 2 – 1.

Letra d.

TRÊS CURIOSIDADES SOBRE A RESTAURAÇÃO DE NOTRE-DAME

A catedral mais famosa do mundo abriu as portas esta semana, cinco anos após o incêndio de 2019. Saiba o que foi feito com as esculturas, o órgão e a coroa de espinhos de Cristo.

Por Maria Clara Rossini

No fim da tarde do dia 15 de abril de 2019, um dos principais cartões-postais de Paris começou a queimar. A Catedral de Notre-Dame de Paris passava por pequenas obras de restauração quando o incêndio teve início. Embora a causa ainda não seja conhecida, presume-se que o acidente esteja relacionado à reforma.

Cinco anos, sete meses, 22 dias e uma pandemia depois, Notre-Dame reabriu ao público no último sábado, 7 de dezembro.

A restauração da catedral envolveu o trabalho de duas mil pessoas, 250 empresas e US\$ 900 milhões (R\$ 5,5 bilhões) em doações. Abaixo, confira três curiosidades que você provavelmente não sabia sobre a reforma.

1. Esculturas haviam sido retiradas para restauração dias antes do incêndio

O telhado da catedral foi a região mais atingida pelo incêndio. Em especial, o pináculo que colapsou com as chamas. Ao redor dele, ficavam esculturas em cobre dos doze apóstolos de Jesus. Elas estavam dispostas em quatro cantos da torre, em grupos de três. No centro desse grupo, havia estátuas de animais representando os quatro evangelistas. No total, 16 esculturas povoavam o pináculo.

Nenhuma delas foi danificada no incêndio. Isso porque as esculturas haviam sido retiradas da catedral para restauração dias antes do desastre. As estátuas estavam em um workshop da empresa Socra, especializada na conservação de obras de arte. A coincidência acabou salvando as esculturas de serem consumidas pelo fogo.

2. O órgão foi afinado no silêncio da noite, ao longo de seis meses

O órgão de Notre-Dame é um dos maiores instrumentos musicais da França. Ele sobreviveu ao incêndio, mas seus oito mil componentes musicais foram cobertos por fuligem. Ele teve que ser desmontado e retirado da catedral para limpeza e manutenção.

Poucas oficinas no mundo são qualificadas para renovar um órgão desse calibre. Após meses desmontando o órgão, suas peças foram enviadas com sigilo para três ateliês franceses.

Finalizada a limpeza, chegou a hora de montar e afinar o instrumento. Para isso, foi necessário silêncio absoluto – o que seria impossível de conseguir em meio à obra. A solução foi afinar o órgão de madrugada, depois que a barulheira havia terminado.

Os artesãos noturnos foram acompanhados de quatro organistas que trabalharam por anos tocando o instrumento da catedral gótica. Os ouvidos treinados identificaram os sons e timbres do órgão, garantindo que ele soasse da mesma forma que estava antes do incêndio. Todo o processo demorou seis meses.

3. Coroa de espinhos de Cristo foi transferida para o Hôtel de Ville

A coroa de espinhos presumivelmente usada por Jesus na crucificação estava guardada em Notre-Dame desde 1063. Os pedaços de madeira estão protegidos por um relicário transparente, que é exibido todos os anos ao público na Sexta-feira Santa, lembrando o dia da morte de Cristo na cruz.

No dia do incêndio, o padre e bombeiro Jean-Marc Fournier organizou o resgate das relíquias sagradas junto ao corpo de bombeiros de Paris. O capitão dos bombeiros Franck recebeu um mapa com a localização das relíquias dentro da catedral.

Ele entrou na catedral e procurou pela coroa em meio ao incêndio. Ele encontrou algo que se parecia com a coroa de espinhos e saiu em segurança. No entanto, era apenas uma réplica para exibição. A verdadeira permanecia em Notre-Dame, guardada em um cofre.

O gestor da catedral chegou ao local, mas o choque não o deixava explicar onde estava o cofre. Franck lembrava de ter visto uma caixa cinza, que parecia um transformador – era lá que a coroa estava. O cofre só podia ser aberto com um código que pouquíssimas pessoas conheciam. Após se acalmar, o sacerdote passou a senha e os bombeiros resgataram a relíquia.

Adaptado de: Superinteressante. Acesso em: dez. 2024.

004. (AOCP/SME RECIFE/AGENTE/2025) A partir da leitura e da compreensão do texto, assinale a alternativa correta.

- a) Cinco anos, sete meses e 22 dias após o início da reforma, um dos principais cartões-postais de Paris começou a queimar.
- b) As 16 esculturas que rodeavam o pináculo, dos doze apóstolos de Jesus e dos animais que representavam os seis evangelistas, não foram danificadas pelo incêndio.
- c) O órgão da catedral, um dos instrumentos musicais mais antigos da França, ficou coberto de fuligem.

d) As três curiosidades expostas pelo texto referem-se, respectivamente, às dezesseis esculturas do pináculo, ao instrumento musical e à coroa de espinhos.

e) No dia do incêndio, o padre e bombeiro Jean-Marc Fournier foi quem resgatou a coroa de espinhos.



Observe a razão de as alternativas (a), (b), (c) e (e) estarem incorretas: (a) na verdade, após esse período, houve a reabertura da catedral; (b) não eram seis evangelistas, mas quatro; (c) não se fala que o órgão da catedral é o mais antigo (fala-se que é um dos maiores instrumentos musicais da França); (e) o resgate foi realizado pelos bombeiros (não se especifica quem). A afirmativa correta está em (d): de fato, as três curiosidades se referem às esculturas, ao instrumento e à coroa.

Letra d.

Quando começou a enterrar os seus mortos, quando de algum modo construiu um ritual funeral, o homo sapiens há cem mil anos já tinha consciência de sua finitude, de sua presença provisória no mundo. E este ritual funeral marca um novo estágio na vida da espécie homo, a consciência: nasce o homo sapiens sapiens, aquele que tem consciência do próprio saber, aquele que sabe que sabe. Foi esta consciência da fragilidade da vida, foi este choque que nos fez ver a nós mesmos, que nos fez ter a vida em alta conta: a vida é rara, deve ser cuidada, cultivada, mantida.

Foi a necessidade de expansão da vida humana no mundo, foi o seu fortalecimento que nos fez de algum modo pensar: “Preciso me precaver, conhecer as estações, preciso plantar o próprio alimento, cultivar as ervas que curam, preciso fabricar armas, ferramentas, preciso festejar o que ainda tenho e brindar à vida porque a vida é curta e eu quero viver”.

Foi a consciência da fragilidade da vida, do quanto tudo é provisório e instável, que impulsionou os humanos em direção à cultura, mas esta relação entre a vida pensada como natureza, e a cultura no sentido de ação, de intervenção humana no mundo, sempre foi uma relação difícil. É esta relação entre conhecimento, produto da linguagem e da dúvida, que interessa a Nietzsche, e do modo como a espécie humana se relaciona com a natureza, o mundo, a exterioridade que a cerca, mas também com a natureza que traz em seu próprio corpo e que a constitui.

O que Nietzsche faz é propor um exercício de autognose, ou seja, de autoconhecimento da humanidade, como se a própria espécie se colocasse em questão e pensasse: O que temos feito? Que caminhos trilhamos? O que enfim nos tornamos? É com este objetivo que Nietzsche percorre a história da humanidade procurando não aquilo que aparece, mas aquilo que a cultura esconde: O que de fato move a nossa ação no mundo? Que valores reproduz?

(MOSE, Viviane. *Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 11)

005. (IBFC/TJ-PE/ANALISTA/2025) A partir de sua análise atenta e do sentido global do texto, assinale a alternativa correta.

- a) A cultura é vista como resposta à fragilidade da vida, apresentando-se questionamentos sobre os rumos da humanidade.
- b) A evolução humana é descrita como um processo linear e progressivo, em que a consciência sempre levou a melhores escolhas.
- c) A cultura é apresentada como uma construção natural e espontânea do ser humano, resultado da harmonia entre natureza e saber.
- d) A consciência da morte e da finitude levou ao abandono da natureza e à completa negação de tudo que é instável ou passageiro.



No texto de Viviane Mosé, a cultura é vista como resposta à fragilidade da vida e apresentam-se questionamentos a partir dessa consciência. As outras alternativas estão incorretas por estas razões: b) não há linearidade; c) o texto fala em relação difícil, não em harmonia; d) não há abandono da natureza.

Letra a.

QUESTÃO INÉDITA



006. (INÉDITA/2025) Um cliente de um restaurante estuda o cardápio e pede explicações sobre a “sopa de pedra”; o garçom explica que se trata de uma sopa típica portuguesa muito saborosa, preparada com feijão, carne de porco, linguiças e legumes. O cliente comenta:

– Ainda bem!

O comentário do cliente indica que ele estava preocupado com:

- a) a quantidade de sopa que seria servida;
- b) a utilização de um ingrediente impróprio;
- c) a dificuldade de se utilizar os talheres;
- d) possíveis problemas renais;
- e) a alta temperatura que a pedra poderia atingir no cozimento.



A resposta “Ainda bem!” indica que o cliente estava preocupado com a utilização de um ingrediente impróprio na sopa: a pedra. A alternativa correta é a “b”. A partir da resposta, não se pode inferir que o cliente estava preocupado com “a” a quantidade de sopa que seria servida, “c” a dificuldade de utilizar os talheres, “d” possíveis problemas renais ou “e” a alta temperatura que a pedra poderia atingir no cozimento.

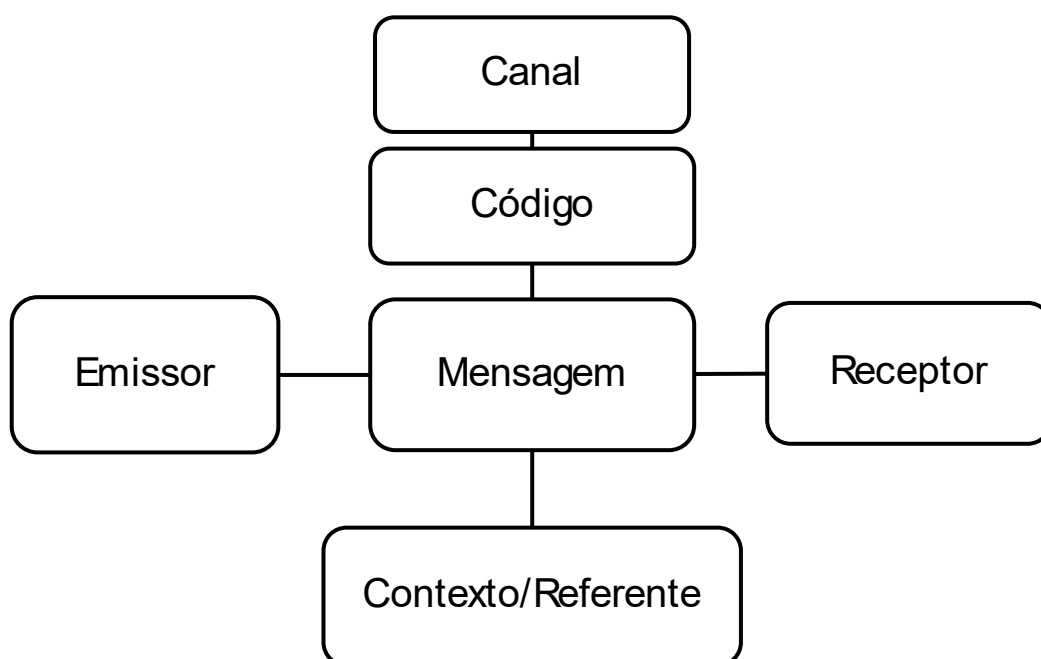
Letra b.

Muito bem. Até agora, apresentei importantes conhecimentos para compreender melhor um texto. Vamos continuar, agora trabalhando os elementos presentes em uma comunicação e as funções da linguagem (segundo um linguista chamado Roman Jakobson). Se você quiser fazer uma breve pausa para conferir as mensagens, beber água ou tomar um café, agora é o momento!



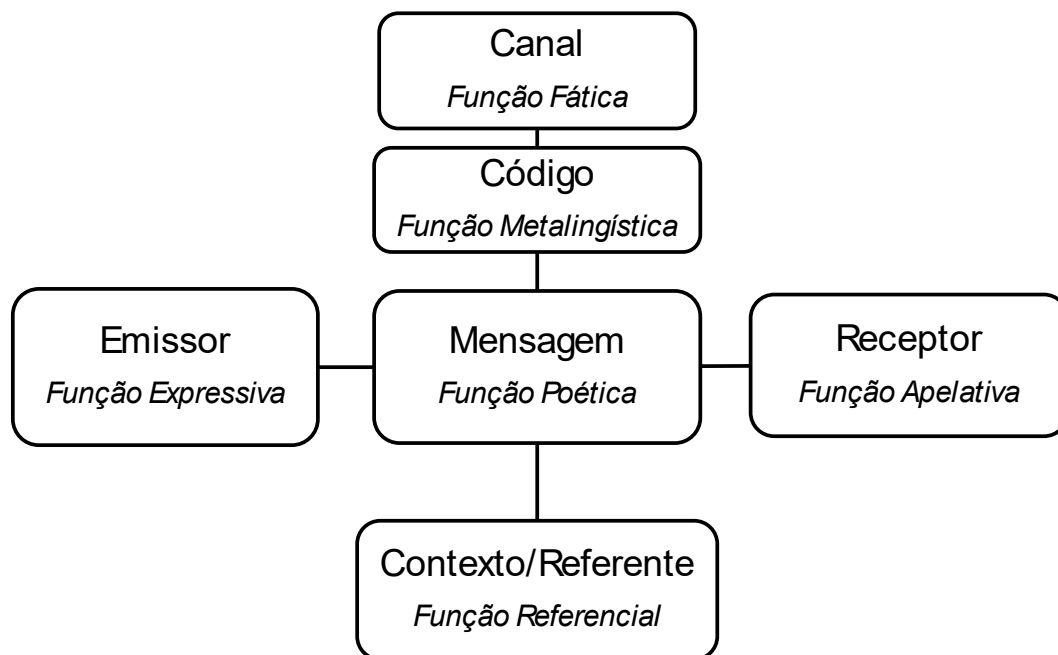
FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Quando nos comunicamos, interagimos com outro(s) indivíduo(s). Esse indivíduo é capaz de nos compreender e, muitas vezes, dialoga conosco (ou seja, ele também fala conosco, responde, discorda etc.). Para que uma comunicação seja realizada, os seguintes elementos devem estar presentes:



Devemos ler o esquema acima da seguinte maneira: o emissor transmite uma mensagem ao receptor. Essa mensagem tem como suporte o canal (o som de nossa voz ou o registro escrito, por exemplo) e está codificada em nossa língua portuguesa. Essa mensagem está situada em um contexto e faz referência ao mundo biossocial (ou seja, a coisas concretas ou a fenômenos abstratos) do emissor e do receptor.

A depender da ênfase dada a cada um desses elementos, a função da linguagem (ou seja, o uso da linguagem) será diferente:



No quadro a seguir, apresento a definição e um exemplo de cada função:

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Referencial (ou denotativa ou informativa)	Centralizada no contexto/referente, é a mais “neutra” em relação ao modo como as informações são transmitidas. Linguisticamente, é marcada pela impessoalidade. O objetivo é tratar de um “outro”, de um terceiro.	Textos jornalísticos, como a notícia; Discursos científicos, como um artigo ou uma monografia; Relatórios.
Apelativa (ou conativa)	Centralizada no receptor. Busca agir sobre quem recebe a mensagem, de modo a modificar algum comportamento (fazer, deixar de fazer; convencer). Linguisticamente, é marcada pelo emprego da forma verbal imperativa e por recursos expressivos, como exclamações e entonações.	Anúncios publicitários; Manuais.
Expressiva (ou emotiva)	Centrada no emissor. É subjetiva e expressa estados interiores (emoções ou sentimentos, por exemplo). Linguisticamente, é marcada pelo uso da primeira pessoa e da adjetivação.	Relato pessoal.
Poética	Centralizada na mensagem. Explora recursos linguísticos com fins expressivos e estéticos, trabalhando sobre a forma (isto é, sobre o material linguístico).	Tipicamente, os textos poéticos exploram recursos linguísticos com fins expressivos. No entanto, nos textos poéticos, também podem predominar outras funções, como a metalinguística, a expressiva ou a apelativa.

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Fática	Centralizada no canal. É um recurso para manter a comunicação ativa, sendo evidente quando se busca consolidar o contato.	Certificar-se: "Está me ouvindo?"; "Alô!"
Metalinguística	Centralizada no código (em nosso caso, na língua portuguesa).	Uma aula de morfologia, de sintaxe e de fonologia. Os dicionários. Essa nossa aula, que, por meio do código, busca explicar esse mesmo código.

Na questão a seguir, o comando exige a identificação da frase que ilustra a função emotiva da linguagem (aquela que é centrada no emissor, na primeira pessoa):

DIRETO DO CONCURSO

007. (FGV/TCE RR/AUDITOR/2025) Assinale a frase que exemplifica a função emotiva da linguagem.

- a) Se eu não fosse político, queria ser publicitário.
- b) Juiz é um estudante de direito que dá notas a si próprio.
- c) Um ladrão passa por cavalheiro depois que os roubos o enriqueceram.
- d) Quase tudo vem de quase nada.
- e) Não há regras. Apenas siga o seu coração.



A função emotiva da linguagem é marcada pela primeira pessoa do discurso: eu. Observando as alternativas, apenas a frase em A apresenta a primeira pessoa. Nas outras alternativas (B, C, D e E), não há marcas de primeira pessoa, apenas de terceira e de segunda.

Letra a.

O PULO DO GATO

Muitas bancas avaliam as funções da linguagem utilizando as expressões "a finalidade essencial do texto é" e "o objetivo do autor é".

Depois de conhecermos os elementos da comunicação e as funções da linguagem, vamos passar a trabalhar um conteúdo denominado **vozes discursivas**.

VOZES DISCURSIVAS (INTERTEXTUALIDADE)

A conceituação de “vozes discursivas” é complexa. O termo está relacionado à noção de *polifonia*, que significa “várias vozes (discursivas)”, isto é, vários discursos presentes em uma obra. Nesse caso, diversos *enunciadores* participam do processo discursivo. Os fenômenos de intertextualidade e citação estão diretamente relacionados à ideia de polifonia. Vamos trabalhá-los mais detalhadamente, pois são os mais cobrados em concursos públicos.

Intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto. Trata-se do conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos mantém com outros textos. Pode-se afirmar que todos os textos fazem referência a outros textos; ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se encontra isolado e solitário.

Quando produzimos um texto, sempre fazemos referência a alguma outra forma de texto (um discurso, um documentário, uma reportagem, uma obra literária, uma notícia etc.). Segundo a professora Ingedore Koch, há duas formas principais de intertextualidade:

Intertextualidade explícita (especialmente a citação)	Intertextualidade implícita (feita com textos próprios, alheios ou genéricos)
Como no caso de citações, discursos diretos, referências documentadas com a fonte, resumos e resenhas. Esse tipo de intertextualidade é utilizado em textos acadêmicos e em textos dissertativos/argumentativos (como em artigos de opinião, editoriais, ensaios etc.).	Alguém pode muito bem situar-se numa relação consigo mesmo e aludir a seus textos. Também é comum aludir a textos alheios (de outros autores) ou sem autoria específica, como os provérbios.

Na questão a seguir, ilustro como a intertextualidade implícita pode ser avaliada em concursos (é bastante comum em provas da banca FGV):

QUESTÃO INÉDITA

008. (INÉDITA/2025) A frase abaixo que NÃO mostra a presença de intertextualidade, ou seja, a alusão a um texto conhecido, é:

- a) “A pressa é inimiga da refeição”;
- b) “Depois da impunidade vem a bonança”;
- c) “Sinto vergonha, logo existo”;
- d) “Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”;
- e) “Está provado, quem espera nunca alcança”.



Em (d) não temos intertextualidade implícita, pois o texto é o “original”: o *Poema de Sete Faces*, do poeta Carlos Drummond. Em (a), (b), (c) e (e), há intertextualidade, pois os textos aludem às “vozes” originais (provérbios ou fórmulas filosóficas), sem citá-las explicitamente: “A pressa é inimiga da perfeição”; “Depois da tempestade vem a bonança”; “Penso, logo existo” (Descartes); “Está provado, quem espera sempre alcança”.

Letra d.

Vejamos também alguns tipos de vozes discursivas:

Citação: é a menção a informações extraídas de outras fontes. A citação pode ser **direta** ou **indireta**. Na citação direta, o texto mencionado é reproduzido exatamente como no original; na citação indireta, o texto é mencionado indiretamente por meio da voz do autor do texto. Veja um exemplo:

Observamos que os PCNs (2000) privilegiam o desenvolvimento da competência comunicativa, a qual permite ao aluno a utilização da língua em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos dos interlocutores, como se lê no excerto a seguir (PCNs, 2000, p. 11):

As relações linguísticas, longe de serem uniformes, marcam o poder simbólico acumulado pelos seus protagonistas. Não existe uma competência linguística abstrata, mas, sim, uma delimitada pelas condições de produção/interpretação dos enunciados, determinados pelos contextos de uso da língua.

Paródia: é um texto em que se imita outra obra (ou seus procedimentos) com o objetivo jocoso (que provoca riso; engraçado, divertido) ou satírico.

Alusão: na alusão, faz-se referência indireta a algo que pode lembrar ou caracterizar o objeto, fato ou ser descrito.

Paráfrase: é uma forma (frasal) diferente de dizer algo. Em leitura, faz-se paráfrase quando há interpretação, explicação ou nova apresentação de um texto que visa torná-lo mais compreensível.

Epígrafe: é o título ou frase que, colocada no início de um livro (ou de um capítulo, um poema etc.), serve de tema ao assunto ou para resumir o sentido ou situar a motivação da obra.

Beleza, terminamos mais um tópico importante. Agora avançarei um cadinho mais: falaremos mais detalhadamente sobre como as bancas examinadoras trabalham a noção de **interpretação e compreensão de textos**. De modo geral, os termos utilizados na redação das questões são os seguintes:

- infere-se do texto;
- conclui-se do texto;

- de acordo com o texto;
- o texto pode ser considerado;
- os sentidos seriam preservados.

No âmbito da interpretação e compreensão de textos, há **níveis** de interpretação: pode-se solicitar apenas a compreensão de conhecimentos superficiais, como quem é o autor do texto, quais são os participantes (como em uma narrativa) etc. Em um nível mais profundo de leitura, pode-se solicitar, por exemplo, os pressupostos ideológicos veiculados por afirmações do autor. Veja a questão a seguir:

DIRETO DO CONCURSO



TEXTO CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido

processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

Fonte: João Baptista de Oliveira e Costa Junior. Os primórdios da perícia médico-legal.

009. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Acerca do Texto CG1A1, julgue a afirmativa a seguir. Infere-se do terceiro parágrafo do texto que, nos dias atuais, a atividade de perícia médico-legal é responsabilidade do Estado.



O implícito está no trecho “já era tarefa do Estado desde o tempo” [...]. Se já era tarefa do Estado e não se encerra essa competência (não se informa isso no texto), infere-se que o Estado continua a ser responsável por isso.

Certo.

É exatamente o que fazemos quando depreendemos informações não explícitas de afirmativas simples, como “João parou de fumar”. Nela, depreendemos que ele fumava, mesmo que isso não tenha sido dito explicitamente.

Mas é claro que nem tudo é esse “mel na chupeta”. Há diferentes níveis de leitura. A sequência da aula é justamente sobre isso.

NÍVEIS DE LEITURA

Vou contar com a ajuda de um autor chamado Medeiros para caracterizar o fenômeno da leitura. Para ele, a leitura é o processo de interação entre falante e ouvinte (textos orais) ou entre autor e leitor (textos escritos). Essa é uma visão mais ampla, em que se leva em consideração o processo de comunicação entre dois interlocutores. Esse processo de comunicação está situado em um contexto social, e por isso o *contexto* da comunicação deve ser levado em consideração.

Para a sua prova, o importante é conhecer os *níveis de leitura* propostos pelos autores Adler e Doren:

- **Leitura elementar:** leitura básica ou inicial. Ao leitor cabe reconhecer cada palavra de uma página. Nesse tipo de leitura, o leitor dispõe de treinamento básico e adquiriu rudimentos da arte de ler;
- **Leitura inspecional:** caracteriza-se pelo tempo estabelecido para a leitura. É a arte de folhear sistematicamente;
- **Leitura analítica:** é uma forma de leitura mais minuciosa e completa, a melhor que o leitor é capaz de fazer. É ativa em grau elevado e tem em vista principalmente o entendimento e a compreensão do texto;

- **Leitura sinóptica:** leitura comparativa realizada por quem lê muitas obras, correlacionando-as entre si. É um nível ativo e laborioso de leitura.

É claro que você, na hora da prova, precisa dominar todos esses níveis de leitura, ok? Uma estratégia para ler adequadamente um texto pode ser a seguinte: (passos propostos por Molina)

- i) Visão geral do texto (quem é o autor, a mídia, o título etc.);
- ii) Questionamento despertado pelo texto;
- iii) Análise do vocabulário;
- iv) Linguagem não verbal (possui gráficos, imagens?);
- v) Essência do texto;
- vi) Síntese do texto;
- vii) Avaliação.

ATENÇÃO

Muitos alunos me perguntam se é preciso ler o texto todo antes de resolver as questões. Meu posicionamento é: SIM, É PRECISO LER O TEXTO TODO. O ganho de ler o texto todo é maior do que o ganho de tempo por não o ler. Após a leitura completa do texto, a operação de resolução da questão segue um padrão: é preciso sempre voltar ao texto para ter a certeza sobre o que se está afirmando no item (isto é, se a afirmativa é correta ou incorreta).

Na sequência da aula, veremos que há duas formas básicas de classificar o nível de leitura mais profundo: os pressupostos e os subentendidos.

PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Vou explicar a ideia de pressuposto a partir de um texto publicado pela revista Veja (março de 2018). Nele, o autor do texto diz: “Em autobiografia, Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden, foge ao estereótipo do metaleiro ogro: cultiva hábitos civilizados, como a literatura e a esgrima.”

O que podemos entender desse texto? Basicamente, o seguinte: de forma geral, o autor pressupõe (ao citar o estereótipo) que metaleiros **não cultivam hábitos civilizados**. Observe a existência de uma marca linguística, a forma verbal **“foge”**, que deixa clara essa ideia de que Bruce Dickinson NÃO segue o estereótipo, pois cultiva hábitos civilizados.

Esse fenômeno também pode ser observado em afirmações machistas, como: “Apesar de ser mulher, ela é inteligente” (dita há algum tempo por um empresário brasileiro). A palavra **“apesar”** é uma marca clara de uma visão de mundo do autor da declaração.

Assim, quando podemos ler o não dito, quando é possível identificar marcas linguísticas que nos permitem interpretar essas informações nas “entrelinhas”, estamos diante de uma **pressuposição**.

Agora, se estamos diante de um **subentendido**, não encontramos marcas linguísticas que nos permitam ler as informações das “entrelinhas”. Por exemplo, observe a situação (real) a seguir:

EXEMPLO

Um dia, eu estava tocando violão na casa de meu sogro. Enquanto tentava tocar uma música, ele se virou para mim e falou: “Bruno, você já pensou em fazer aula de violão?”

O que ele quis dizer com isso? Uma possibilidade era: “Bruno, você é ruim demais tocando violão! Procure algumas aulas para melhorar.” Ele não afirmou isso explicitamente, é claro, mas subentende-se que queria dizer algo próximo ao que eu entendi. Observe que não há qualquer marca linguística que me permita confirmar a minha interpretação, mas posso fazer essa leitura.

MARCAS DISCURSIVAS (DE PRESSUPOSIÇÃO)

Em produções textuais escritas, podemos encontrar diversas **marcas discursivas**, como:

- uso de pontuação expressiva, como aspas, reticências, exclamação e interrogação (perguntas retóricas);
- uso de formatação especial (itálico, negrito, caixa alta, maiúscula, minúscula);
- uso de vocabulário específico (jargões técnicos, coloquialismos e gírias);
- uso de recursos morfológicos expressivos, como diminutivo, aumentativo etc.;
- uso de padrões sintáticos, como voz passiva, impessoalizações e inversões sintáticas.

Todas essas marcas são destacadas pelas bancas organizadoras, como você poderá ver ao longo desta e das demais aulas. Para ilustrar essa abordagem, observe as questões inéditas a seguir:

QUESTÃO INÉDITA

010. (INÉDITA/2025) Abaixo aparecem cinco manchetes de um jornal paulista; a única delas que mostra influência da visão do redator é:

- Banco Central comunica vazamento de informações pessoais de 160 mil chaves Pix.
- Governo prepara PEC para atropelar lei e baixar gasolina e luz em ano eleitoral.
- Presidente da TIM é escolhido para comandar Telecon Italia.
- Vendas de livros crescem 29% em 2021.
- Vacinas de RNA mensageiro não trazem risco a grávidas e bebês.



Em (B), a adoção do termo “atropelar” evidencia o posicionamento contrário em relação à ação do governo, pois conota “transgressão” ou “erro de decisão”. Nas demais alternativas (A), (C), (D) e (E), não se encontram marcas que mostram a influência da visão do redator.

Letra b.

011. (INÉDITA/2025) Em muitos textos, o autor insere elementos subjetivos; o enunciado abaixo que **não** exemplifica tal situação é:

a) Na manhã do dia 19 de janeiro de 2022, moradores da favela do Jacarezinho e do morro da Muzema foram surpreendidos com o início do novo projeto de ocupação de comunidades do governo do estado do Rio de Janeiro: Cidade Integrada.

b) Carlos Lyra compôs a *Marcha da Quarta-Feira de Cinzas* (1963), canção a um só tempo melancólica e política, que descreve esse famigerado dia da semana que sucede o feriado de Carnaval.

c) Todos tínhamos algum grau de esperança de que o final de 2021 e o início de 2022 nos trouxessem a esperada retração da pandemia. Entretanto, a emergência da nova variante Ômicron nos distanciou do que ansiosamente almejávamos.

d) É necessário combater esse negacionismo bizarro, especialmente quando estamos falando de saúde pública.

e) Não há nada de novo sob o sol. Voltamos, lamentavelmente, a discutir a fome e a miséria no país, temas que, com uma esperança receosa, foram deixados de lado nas discussões dos tomadores de decisão com a retirada do Brasil do Mapa da Fome, da ONU, e a consolidação de políticas de geração de renda para as pessoas mais vulneráveis.



Não há elementos subjetivos em “a”, pois o texto apresenta apenas marcas de impessoalidade (terceira pessoa; ausência de pontuação expressiva; ausência de marcas de subjetividade, como adjetivação afetiva). Em “b”, “c”, “d” e “e”, os elementos subjetivos são estes (respectivamente): uso de adjetivação subjetiva, como “melancólica” e “famigerado”; adoção de primeira pessoa do plural (nós) e de formas subjetivas, como “ansiosamente” e “almejar”; uso de adjetivação subjetiva (bizarro) e de primeira pessoa do plural; uso de primeira pessoa do plural e de formas subjetivas, como “lamentavelmente”.

Letra a.

Um ponto adicional deve ser observado: algumas bancas exigem em seus editais o conteúdo “pragmática”. A pragmática é definida como a parte da teoria do uso linguístico que estuda os princípios de cooperação que atuam no relacionamento linguístico entre

o falante e o ouvinte (Houaiss, 2009). As questões a seguir ilustram com clareza uma abordagem pragmática:

QUESTÃO INÉDITA

012. (INÉDITA/2025) Na comunicação linguística, ocorrem circunstâncias em que os interlocutores esperam cortesia mútua. As palavras e expressões corteses apresentam valor positivo, mas também podem ter conotações negativas.

A situação abaixo que mostra uma conotação negativa é:

- a) Por favor, senhora, preencha essa ficha de inscrição.
- b) Márcio, pegue um refrigerante para mim, por favor!
- c) Por favor, moço, você sabe onde fica o elevador?
- d) Por favor, Roberto, coloque as suas roupas no cesto!
- e) Por favor, ajude-me a guardar a mala.



Em “a”, “b”, “c” e “e”, as expressões “por favor” apresentam valor positivo. Em “d”, no entanto, a expressão cortês “por favor” adquire conotação negativa, expressando uma última súplica (de uma série de outras não atendidas).

Letra d.

Observe que a identificação do papel dos interlocutores (quem participa do ato da comunicação) e do contexto é fundamental para a correta interpretação do texto. A análise do conjunto [interlocutores|contexto] nos leva à percepção de que, a partir do contexto e do perfil dos participantes, uma linguagem específica deve ser adotada: mais formal, menos formal; mais objetiva, menos objetiva etc.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

Identificar o nível de linguagem também é fundamental para compreender o texto. Nas provas, verificamos a presença de textos de todos os tipos, que trazem diversos níveis de linguagem. Há três níveis de linguagem, segundo um autor chamado Dino Preti.

O primeiro deles é o chamado **culto**, no qual se faz uso da língua-padrão, aquela que possui prestígio social e segue as normas da gramática tradicional; é o nível de linguagem usado em situações formais, e os falantes possuem alto nível de escolarização.

O nível de linguagem denominado **comum** situa-se entre os níveis **culto** e **popular**; é o registro empregado por falantes com escolarização básica e pelos meios de comunicação de massa.

Por fim, o nível de linguagem **popular** é aquele que não possui prestígio social e é utilizado em situações informais de comunicação; não “segue” as normas da gramática tradicional e faz uso de vocabulário restrito.

Obs.: Em provas de concurso, utiliza-se mais comumente o termo **coloquial(ismo)** para denominar a variante da língua falada usada em situações informais ou de pouca formalidade.

Ah, sempre é importante notar que um falante (e um texto) pode transitar, em uma mesma produção, pelos três níveis, a depender dos objetivos da comunicação.

QUESTÃO INÉDITA

013. (INÉDITA/2025) Em situações de **formalidade**, é conveniente evitar o uso de linguagem informal; a frase abaixo que se mostra inteiramente formal é:

- a) Eu fiquei de cara quando ouvi a Cesária Évora cantando;
- b) Os escritores declinaram das homenagens que lhes eram devidas;
- c) Aí ela começou a falar que nem uma doida com o meu cachorro: “iti malia, que coisinha mais lindinha da mamãe”;
- d) Me diz se esse cara é biscoiteiro ou não, amiga; ele não para de postar foto sem camisa.
- e) O jogador ainda não se tocou que já deveria ter pendurado as chuteiras.



Em “b”, a frase é inteiramente formal: há precisão vocabular, ordenação sintática canônica e respeito à norma culta. Nas demais alternativas, as marcas de informalidade são estas: “a” de cara; “c” uso do articulador coesivo “aí”, típico da oralidade; uso da expressão “que nem” e traços de oralidade na escrita (“iti malia” > “vixe maria” > “Virgem Maria”); “d” próclise em início de período; uso do termo “biscoiteiro”; “e” não se tocar (equivalendo a “perceber”); pendurar as chuteiras (equivalendo a “aposentar-se”).

Letra b.

014. (INÉDITA/2025) Entre os segmentos a seguir, assinale aquele que mostra uma expressão que exemplifica o uso coloquial de linguagem.

- a) “As utopias se criam pelo reconhecimento das carências da sociedade.”
- b) “Uma tese é feita para ser atacada pela banca, que são aquelas pessoas que gostam de botar banca.”
- c) “Nos territórios do Centro-Oeste, o uso de agrotóxicos se intensifica.”
- d) “Porto recebe licença prévia para operar no Pantanal.”
- e) “Analista afirma que criptomoedas não são o futuro do dinheiro.”



O uso coloquial está presente na expressão “botar banca”, que significa “vangloriar-se” (alternativa “b”). Nas demais alternativas (“a”, “c”, “d” e “e”), não há exemplos de uso coloquial da linguagem.

Letra b.

No texto a seguir, exigido em um processo seletivo, observamos justamente esse fenômeno:

Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patrício e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Nesse texto, o que gera o efeito de humor é justamente a adoção de um nível de linguagem muito formal/culto para um término de namoro (ou seja, o perfil dos interlocutores não é compatível com o nível de linguagem adotado).

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os estudos sociolinguísticos demonstraram que as línguas sofrem variação. Essa variação é sistemática e coerente, sendo muitas vezes a causadora das mudanças linguísticas ao longo do tempo. No âmbito da variação linguística, as bancas examinadoras abordam os seguintes **conceitos** (adoto as definições segundo Camacho, 2001):

Dialetos (ou variação diatópica)	São variações faladas por comunidades <i>geograficamente</i> definidas. Estão relacionadas, por exemplo, a noções como “o falar paulista” ou “o falar do Norte”.
Idioma	Refere-se ao sistema comunicativo adotado por uma nação para fins de ensino, comunicação oficial e representação internacional.
Socioletos	São variações faladas por comunidades <i>socialmente</i> definidas. Nessa caracterização, considera-se a posição social do falante (e a influência dessa posição social nos registros linguísticos).

Linguagem Padrão (ou norma padrão)	É o registro padronizado em função da comunicação pública e da educação. A linguagem padrão está vinculada à tradição gramatical, aquela que postula uma norma linguística de correção/adequação.
Idioletos	Diz respeito à variação individual, ao modo de falar de cada indivíduo.
Registros	Faz referência a usos especializados de vocabulário e/ou estrutura gramatical de certas atividades ou profissões. Um advogado, por exemplo, faz uso de um vocabulário distinto do adotado por um profissional da área da saúde.

Camacho (2001) apresenta os seguintes **tipos** de variação:

Variação histórica (Diacrônica)	Acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém, com o tempo, a nova variante torna-se normal na fala e, finalmente, consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.
Variação geográfica (Diatópica)	Trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões linguísticos utilizados na região de sua influência. As diferenças linguísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.
Variação social (Diastrática)	Agrupa alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; a idade e o sexo. A variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional; o uso de certas variantes pode indicar qual é o nível socioeconômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.
Variação estilística/ social (Diafásica)	Considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores. Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversas imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversas que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.

Obs.: Em concursos para a área militar, são comumente utilizadas as nomenclaturas “diacrônica”, “diatópica”, “diastrática” e “diafásica”.

Recentemente, na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (2025), uma questão abordou a variação diatópica:

EXEMPLO



Revista Língua Portuguesa, n. 31, maio 2008 (adaptado).

Esse texto, que apresenta um prato da culinária brasileira, evidencia

- A** valor afetivo nas nomenclaturas.
- B** variedade linguística entre regiões.
- C** disputa regional pelo melhor prato.
- D** modos de preparo de um mesmo alimento.
- E** paladares diversificados entre diferentes estados.

As diferentes formas de denominar um prato da culinária brasileira evidenciam a variedade linguística entre as regiões (alternativa A). Vejamos outras questões, agora específicas para concursos públicos:

DIRETO DO CONCURSO

015. (FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Observe a charge a seguir:



O tema tratado na charge é

- a) a adequação da mensagem ao leitor.
- b) a utilização de um vocabulário simples nas mensagens.
- c) a falta de informação entre os jovens.
- d) o desentendimento entre as gerações.
- e) o desinteresse pela política.



O tema da charge é a adequação da mensagem (formato e linguagem) ao perfil do interlocutor (o leitor). O político, ao invés de apresentar um resumo escrito de seus feitos públicos, precisa, a partir da demanda do eleitor, adequar-se ao novo perfil do interlocutor (um jovem internauta). O tema central não é a utilização de vocabulário simples, a falta de informação entre os jovens, o desentendimento entre as gerações ou o interesse pela política. Dessas alternativas, a D é a que pode gerar dúvida, pois parece ser o tema da charge. No entanto, não se fala especificamente sobre “desentendimento”, mas sobre “adequação”.

Letra a.

Pronto, finalizamos o núcleo do conteúdo de nossa aula. Farei um adendo com dois tópicos: uma breve introdução aos estudos linguísticos e uma descrição da estrutura da frase em língua portuguesa. Esses tópicos são abordados por algumas bancas, especialmente as voltadas para a área de Letras.

Se quiser dar uma pausa, agora é o momento ideal! Mas não esqueça de voltar logo.

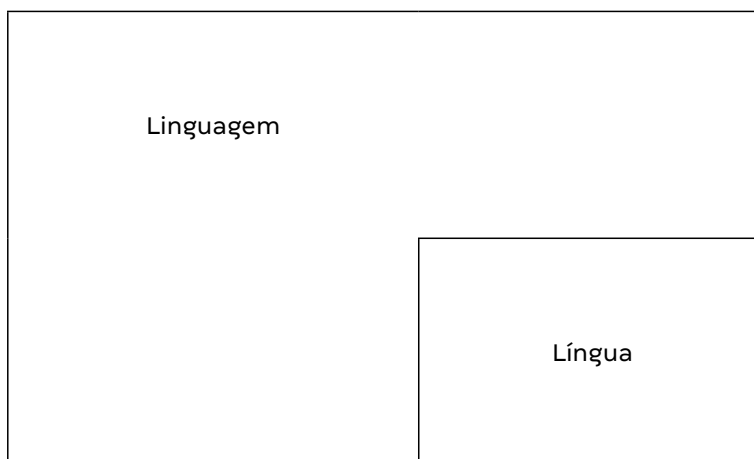


Pronto, você está de volta e agora podemos conhecer melhor o funcionamento de um *sistema linguístico*.

BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Os estudos linguísticos modernos têm como marco a obra *Curso de Linguística Geral*, do linguista Ferdinand de Saussure (2012). A partir dela (e das propostas de Saussure, lá registradas), a ciência denominada **Linguística** passa a ter autonomia em relação às outras áreas do conhecimento e começa a operar com metodologia própria.

O objeto de estudo da linguística é a língua, definida por Saussure como “um sistema de signos”. Assim, a linguística não estuda o fenômeno geral da linguagem. A linguagem, segundo Saussure, é um fenômeno “heteróclito e multifacetado” e é constituída por diferentes domínios (psíquico, social, fisiológico, material etc.). A ciência que estuda o fenômeno geral da linguagem é a semiologia/semiótica. Nesse sentido, uma língua faz parte do fenômeno geral da linguagem:



Sobre o fenômeno geral da linguagem, é interessante mostrar a classificação de Charles S. Peirce para os tipos de signos existentes:

Tipo de signo	Propriedade	Exemplo
ÍCONE	O signo (representante) possui alto grau de semelhança com a coisa representada.	Uma fotografia, um brinquedo.
ÍNDICE	O signo possui relação de contiguidade com a coisa representada (ou seja, é uma extensão dela).	Fumaça (indicando fogo); uma pegada.
SÍMBOLO	O signo não possui proximidade de forma (semelhança) com a coisa representada.	Substantivos, verbos, adjetivos (registro oral ou escrito)

Professor, você poderia explicar melhor os tipos de signos: ícone, índice e símbolo? Não consegui entender muito bem.

É claro! A diferença entre os três conceitos é o grau de proximidade entre o signo e a coisa representada.

Imagine que você está brincando com seu filho e faz uso de uma furadeira de brinquedo. Esse brinquedo é bem parecido com uma furadeira, mas não é uma furadeira. Ele representa uma furadeira. Como há muita semelhança entre os objetos (mas não são iguais, porque um é de “mentira” (brinquedo) e o outro é de verdade, o real, aquele que funciona), estamos diante de um **ícone**.

Agora imagine alguém perguntando a você: você me empresta a sua **furadeira**? A pessoa usou a palavra “**furadeira**”, mas não mostrou uma foto ou um brinquedo. Ela apenas pronunciou a palavra. Como não há qualquer semelhança entre a palavra (falada ou escrita) e a coisa a que ela se refere (a ferramenta que serve para furar), estamos diante de um **símbolo**.

Por fim, imagine agora que você está chegando a um lugar e ouve um **barulho** intenso de uma broca furando uma parede (vruuuuuuuuuu). Esse barulho é bem parecido com o som de uma furadeira em ação. Como o barulho sai da furadeira (é emitido por ela), temos um **índice** (pois ele indica a existência desse objeto).

A semiótica/semiologia tem por objeto de estudo, portanto, todas as formas de comunicação. Os gestos, as cores, as formas, os cheiros etc. são analisados como produtores de significado e capazes de estabelecer comunicação. É o que se chama de **linguagem não verbal**. O domínio da semiótica/semiologia abrange *toda* forma de comunicação, inclusive as línguas humanas (isto é, a **linguagem verbal**).

O estudo realizado pela ciência linguística é diferente do realizado pela tradição gramatical (normativa). Veja a seguir algumas diferenças:

Ciência Linguística	Tradição gramatical
É objetiva em relação ao seu objeto de estudo, a língua. Com isso, não existem as noções de <i>certo</i> ou <i>errado</i> .	Considera a existência de uma “língua idealizada”, a adotada por escritores consagrados da literatura de língua portuguesa. Por haver juízo de valor, é uma forma subjetiva de se estudar a língua.
Todos os registros linguísticos são considerados como objeto de análise, independentemente de prestígio ou não.	Consideram a existência de registros linguísticos de maior ou menor prestígio. Esse registro será considerado o <i>correto</i> , em oposição (e detrimento) a outros registros, tratados como de menor prestígio.

Para a ciência linguística, as línguas humanas possuem algumas características fundamentais. Na formulação de Saussure, o estudo de uma língua deve considerar os seguintes aspectos:

- as línguas são situadas historicamente. Existe um “momento específico” (chamado sincronia) e existe uma sucessão de “momentos específicos” (diacronia). Assim, a língua portuguesa pode ser estudada em seu “momento” 1572 (ano da publicação de *Os Lusíadas*) ou no “momento” 1808. Nos dois casos, estaremos realizando um estudo sincrônico. Se estudarmos a mudança que ocorreu na língua entre 1572 e 1808, estaremos realizando um estudo diacrônico (porque estaremos considerando uma sucessão de momentos específicos);
- a oralidade é histórica e biologicamente anterior à escrita;
- há duas partes que compõem o sistema linguístico: os monemas (primeira articulação) e os fonemas (segunda articulação). Os monemas são as menores unidades portadoras de significado (isto é, que possuem significado); os fonemas são as menores unidades desprovidas de significado. A combinação dessas formas primárias gera uma infinidade de novas formas;

Obs.: A distinção entre a primeira e a segunda articulação da linguagem é fundamental na análise gramatical, inclusive na tradicional.

- um signo linguístico é formado pela associação entre um significante e um significado (em nossa 3ª aula, sobre semântica, veremos esse assunto em mais detalhes);
- a língua é um fenômeno social; a fala, realizada pelos indivíduos integrantes dessa comunidade, é a manifestação concreta da língua. À linguística cabe o estudo da língua.

É a partir desses pressupostos gerais que se pode analisar, por exemplo, as mudanças ocorridas ao longo da formação de nossa língua portuguesa e as transformações atualmente em curso.

Fique atento(a) para este fato importantíssimo: as línguas mudam ao longo do tempo. A língua portuguesa, como a conhecemos hoje (esta que você fala e escuta todos os dias, que lê agora, nesta aula), teve um passado e terá um futuro. O passado de nossa língua é estudado pela *linguística histórica*.

A nossa língua descende do latim, língua falada pelos romanos. Outras línguas contemporâneas também descendem do latim: o francês, o italiano e o espanhol. É dito que o latim é a língua-mãe do português, do espanhol, do francês e do italiano. Essas línguas-filhas são chamadas de línguas-irmãs, pois descendem da mesma língua-mãe.

Mas por que essas línguas se diferenciaram umas das outras, se tiveram a mesma origem? Essas mudanças são explicadas por diversos fatores: o perfil dos falantes (se letrados ou não), as políticas linguísticas do Estado (se existentes), os contatos linguísticos com outros povos etc. Assim, é sabido que o português brasileiro é o que é porque realizou distintos contatos linguísticos ao longo dos séculos, além de ter passado por diferentes políticas linguísticas e de ter um perfil de falantes diferente.

Quando avançamos a análise para o nível da frase, observamos que a relação entre os itens lexicais obedece a certos princípios, como a ordem dos termos. Esse é o assunto principal do último tópico de nossa aula.

TIPOLOGIA DA FRASE PORTUGUESA

A banca FGV tem exigido em seus editais os conteúdos “Tipologia da frase portuguesa” e “Problemas estruturais das frases”. A seguir, apresento sinteticamente essas noções, considerando especialmente o conceito mais amplo de “texto”. Basicamente, a ideia é considerar o texto como uma unidade formada por parágrafos, os quais, por sua vez, são compostos por períodos (simples e/ou compostos). A depender da configuração da frase (ordem, extensão etc.), o sentido resultante pode ser um ou outro. De modo semelhante, caso haja algum problema estrutural em um desses elementos (ordem dos períodos; estrutura do parágrafo), a organização global do texto fica comprometida.

Começemos pela definição de frase.

FRASE: CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

Frase é a expressão linguística, oral ou escrita, com vistas à comunicação (HAUY, 2014). Há dois tipos básicos de frase:

- frase nominal;
- frase verbal.

A frase nominal é caracterizada pela **ausência de verbo flexionado**. A frase verbal, por sua vez, é caracterizada pela **presença de um verbo flexionado**.

Por não possuir um verbo flexionado, as frases nominais precisam de informações sobre a situação contextual, como imagens ou o local em que ocorrem (seja uma placa, um anúncio publicitário etc.). As frases verbais são mais independentes em relação a essas informações sobre a situação contextual em que ocorrem.

A seguir, apresento exemplos de frases nominais e frases verbais:

Frases nominais	Frases verbais
Linda casa 4 quartos.	Eu comprei uma linda casa com 4 quartos.
Vidas Secas.	Eu já li o livro “Vidas Secas”.
Nossa, que calor!	Naquele dia, eu senti muito calor!
À sombra do presidente.	Li a reportagem “À sombra do presidente”, publicada em uma revista semanal.

As frases nominais são comumente utilizadas em títulos de obras, notícias, reportagens ou em descrições de objetos, locais e seres.

Obs.: Ah, importante dizer: muitas **expressões interjetivas** também são analisadas como frases nominais. Em provas de concurso, elas são comuns em charges, tirinhas e peças publicitárias.

Além de contextos mais particulares, em que ocorrem sozinhas, as frases nominais também são utilizadas internamente no texto, de modo a trazer expressividade ao que está sendo escrito.

As frases verbais são utilizadas nos demais contextos, sendo mais abundantes por possuírem mais autonomia em relação ao contexto.

Uma boa definição de **frase** é dada por Othon M. Garcia:

Obs.: Frase é todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação (GARCIA, 2013).

Em relação à sua classificação, as frases podem ser:

- **declarativas** ou **enunciativas**: expressam um juízo;

EXEMPLO

Eu fui aprovado no concurso.

- **interrogativas** (diretas ou indiretas): têm a função de interpelar o ouvinte;

EXEMPLO

Você viu o acidente? [direta]

Quero saber onde a sua irmã mora. [indireta]

- **exclamativas**: exprimem diversos sentimentos;

EXEMPLO

Não acredito!

- **optativas**: manifestam votos e desejos;

EXEMPLO

Deus me ajude.

- **imperativas:** exprimem ordem, pedido ou súplica.

EXEMPLO

Saia daqui.

Pronto, já estamos de posse da noção de **frase**. Podemos seguir com a caracterização da **oração**, a qual é uma expressão que possui como termo central um **verbo flexionado**. As gramáticas do português são consensuais na caracterização de uma oração como a junção de um sujeito e um predicado (são os chamados **termos essenciais**). O **predicado** pode ser caracterizado como “aquilo que se afirma ou nega em relação ao sujeito”. Por isso, dizemos que **o predicado se refere a um sujeito**. Temos, então, o seguinte:

Obs.: Oração = Sujeito + Predicado

As orações podem ser **absolutas** ou **subordinadas**. No caso das absolutas, um único núcleo verbal é capaz de formar o predicado que será atribuído a um sujeito. Nas orações subordinadas, uma estrutura oracional funciona como um elemento hierarquicamente inferior (isto é, que na oração absoluta não possui o *status* de oração, como um adjunto adnominal ou um objeto direto).

Certo, certo... esses conceitos são todos da gramática tradicional. Por que eles seriam importantes para esta aula? Um tópico bem recorrente em concursos públicos, principalmente em questões de reescrita, é a ordem dos constituintes (termos) da oração. O examinador, muitas vezes, propõe a mudança na ordem de um termo e pergunta se há ou não alteração de sentido ou correção gramatical. Imagine a oração a seguir:

EXEMPLO

- Apenas** Maria usou o uniforme.
- Maria **apenas** usou o uniforme.

E então, qual é o novo sentido resultante da alteração da posição da palavra “apenas”? Em (a), o sentido é de que somente Maria usou o uniforme (e ninguém mais). Em (b), é dito que ela fez apenas uma ação: usar o uniforme (e não fez nada além disso). Veja como é importante perceber essas alterações de sentido, certo? Isso é muito relevante em provas de concurso – muito mesmo.

Vamos agora olhar mais atentamente para essa sequência linear da oração. Em português, a ordem canônica (padrão, direta) dos constituintes da oração é a seguinte:

EXEMPLO

SUJEITO	VERBO	OBJETO
----------------	--------------	---------------

EXEMPLE

Sujeito	Verbo	Objeto
1. O homem	está	comendo
2. O homem	está	comendo
3. O homem	está	comendo
4. O homem	está	comendo
5. O homem	está	comendo
6. O homem	está	comendo
7. O homem	está	comendo
8. O homem	está	comendo
9. O homem	está	comendo
10. O homem	está	comendo
11. O homem	está	comendo
12. O homem	está	comendo
13. O homem	está	comendo
14. O homem	está	comendo
15. O homem	está	comendo
16. O homem	está	comendo
17. O homem	está	comendo
18. O homem	está	comendo
19. O homem	está	comendo
20. O homem	está	comendo
21. O homem	está	comendo
22. O homem	está	comendo
23. O homem	está	comendo
24. O homem	está	comendo
25. O homem	está	comendo
26. O homem	está	comendo
27. O homem	está	comendo
28. O homem	está	comendo
29. O homem	está	comendo
30. O homem	está	comendo
31. O homem	está	comendo
32. O homem	está	comendo
33. O homem	está	comendo
34. O homem	está	comendo
35. O homem	está	comendo
36. O homem	está	comendo
37. O homem	está	comendo
38. O homem	está	comendo
39. O homem	está	comendo
40. O homem	está	comendo
41. O homem	está	comendo
42. O homem	está	comendo
43. O homem	está	comendo
44. O homem	está	comendo
45. O homem	está	comendo
46. O homem	está	comendo
47. O homem	está	comendo
48. O homem	está	comendo
49. O homem	está	comendo
50. O homem	está	comendo
51. O homem	está	comendo
52. O homem	está	comendo
53. O homem	está	comendo
54. O homem	está	comendo
55. O homem	está	comendo
56. O homem	está	comendo
57. O homem	está	comendo
58. O homem	está	comendo
59. O homem	está	comendo
60. O homem	está	comendo
61. O homem	está	comendo
62. O homem	está	comendo
63. O homem	está	comendo
64. O homem	está	comendo
65. O homem	está	comendo
66. O homem	está	comendo
67. O homem	está	comendo
68. O homem	está	comendo
69. O homem	está	comendo
70. O homem	está	comendo
71. O homem	está	comendo
72. O homem	está	comendo
73. O homem	está	comendo
74. O homem	está	comendo
75. O homem	está	comendo
76. O homem	está	comendo
77. O homem	está	comendo
78. O homem	está	comendo
79. O homem	está	comendo
80. O homem	está	comendo
81. O homem	está	comendo
82. O homem	está	comendo
83. O homem	está	comendo
84. O homem	está	comendo
85. O homem	está	comendo
86. O homem	está	comendo
87. O homem	está	comendo
88. O homem	está	comendo
89. O homem	está	comendo
90. O homem	está	comendo
91. O homem	está	comendo
92. O homem	está	comendo
93. O homem	está	comendo
94. O homem	está	comendo
95. O homem	está	comendo
96. O homem	está	comendo
97. O homem	está	comendo
98. O homem	está	comendo
99. O homem	está	comendo
100. O homem	está	comendo

EXEMPLE

Sujeito Verbo Objeto

Sujeito Verbo Objeto

Agente **Paciente**

39 de 108

PROBLEMAS ESTRUTURAIS DAS FRASES

Othon M. Garcia (Comunicação em Prosa Moderna, FGV, 2010) descreve em detalhes os principais problemas em termos de estilística da frase. Antes de abordá-los, vejamos o conceito de período.

O período é uma unidade linguística que comporta uma ou mais orações. Na escrita, o período é marcado por letra maiúscula inicial e pontuação final (ponto final ou equivalente).

Os tipos de períodos são os seguintes:

- **Simples**, quando há uma única oração;
- **Composto**, quando há mais de uma oração:
 - por **coordenação**: orações que são sintaticamente equivalentes (exercem funções semelhantes);
 - por **subordinação**: quando uma oração exerce a função de constituinte sintático de uma oração principal.

A estrutura do período está vinculada a uma estrutura maior, a do parágrafo.

Segundo Othon M. Garcia (2013), “o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais períodos, em que se desenvolve determinada ideia *central, nuclear*, à qual se agregam outras, denominadas *secundárias*, as quais são intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes delas.”

O parágrafo é a divisão do texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases contidas nele mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto. Em textos jurídicos, o parágrafo é indicado pelo sinal (§), que é a junção de duas letras esse (ss), cada esse equivalendo às iniciais da expressão latina **Signum sectionis**, cujo significado é *senal de seção*. Nos textos não jurídicos, a indicação do parágrafo é feita pelo recuo da linha em relação à margem esquerda.

Professor, como esses conhecimentos são exigidos nas provas?

Certamente, você já viu a questão solicitar que encontre um trecho do texto, certo? Por exemplo: “no terceiro período do quarto parágrafo, o termo X pode ser substituído por Y”. Para encontrar corretamente o trecho, é preciso **localizar** o quarto parágrafo e, depois, o terceiro período desse parágrafo. Essa habilidade de localizar informações no texto pela referência a parágrafos e períodos deve ser bem trabalhada por você na resolução de questões, ok? Fique bem atento(a)!

Em questões de interpretação de textos, também é comum a avaliação da **ideia central** do parágrafo. Portanto, não deixe de registrar o quão importante é esse conteúdo para a sua prova!

Pronto, estamos aptos a apresentar a descrição de Othon M. Garcia (Comunicação em Prosa Moderna, FGV, 2010) sobre os principais problemas em termos de estilística da frase (reproduzo, nesta seção, boa parte do que encontramos na obra original de Garcia):

Obs.: Frase de arrastão – sequência de orações independentes muito curtas que se arrastam umas às outras, muitas vezes conectadas por vocábulos pouco variados (aí, então, depois).

Frase entrecortada – opta-se pela coordenação, por períodos curtos, evitando-se a subordinação e estruturas recursivas.

Frase de ladainha – variante da frase de arrastão. Adota-se uma interminável sucessão de orações coordenadas por “e”, com pouquíssimas subordinadas que não sejam adjetivas introduzidas por “que”.

Frase labiríntica ou centopeica – ocorre quando há diversas “idas e vindas” dos conteúdos, com uma grande prótase (antecipação, preparação) afastando a apódose (desfecho).

Ufa! Quanta coisa! Bom, é isso mesmo... Estamos diante de uma disciplina extremamente importante (e complexa) para concursos públicos.

Antes de trabalharmos as questões, vamos ao resumo e aos mapas mentais.

RESUMO

Nesta aula, apresentei os fundamentos que estruturam a compreensão e a interpretação de textos em concursos públicos. Comecei definindo o texto como um evento comunicativo que envolve ações linguísticas, sociais e cognitivas. Mostrei que, para que um texto seja reconhecido como tal, ele deve atender a **critérios de textualidade** — aceitabilidade, intencionalidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. São justamente esses os critérios que as bancas frequentemente exploram ao pedir que você identifique o propósito comunicativo, a relação entre texto e contexto ou a presença de informações novas e prévias. Também diferenciei texto **literário e não literário**, além de **prosa e poema**, reforçando como tais categorias são avaliadas especialmente pela FGV, CEBRASPE e Consulplan.

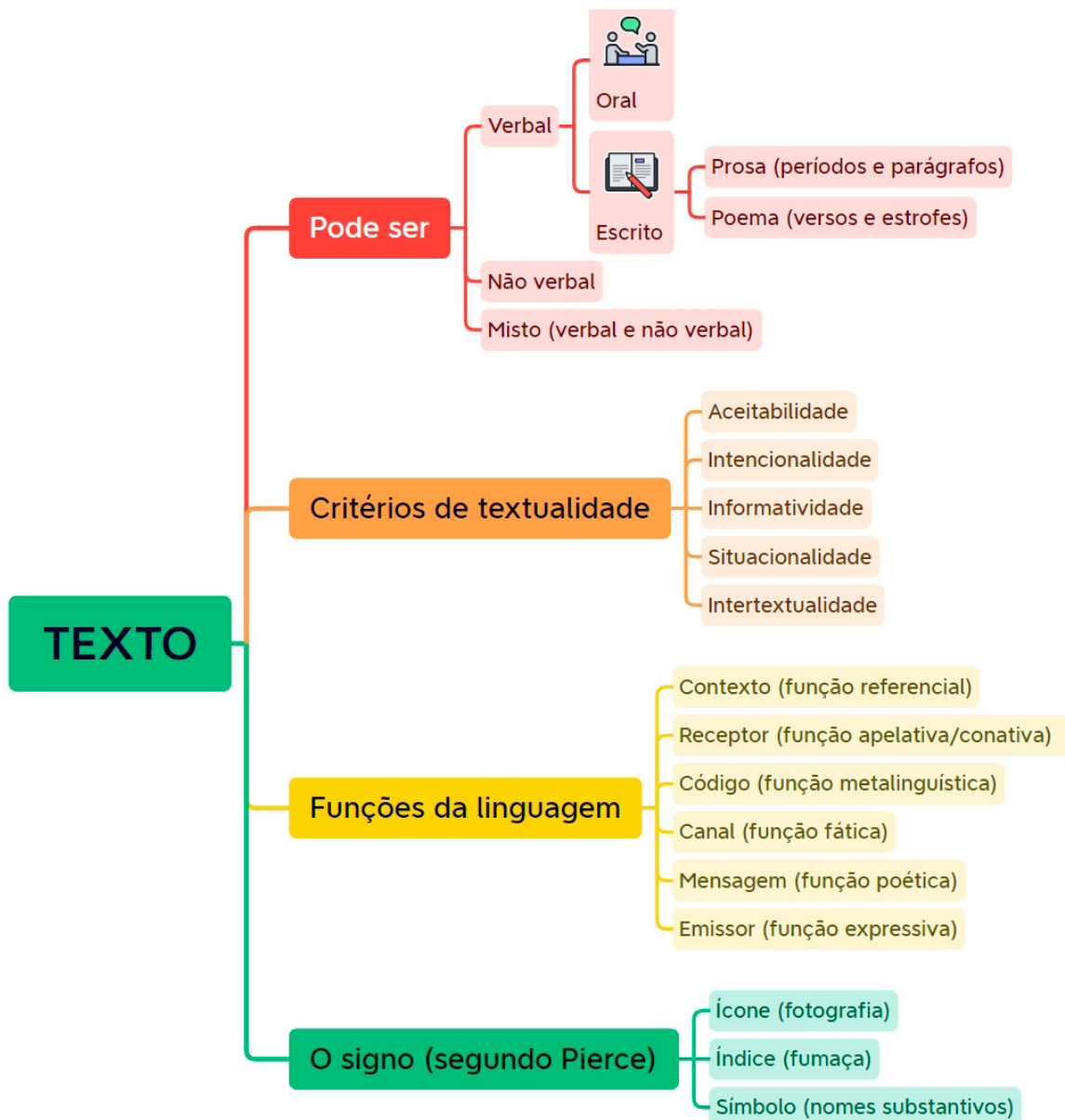
Na sequência da aula, estudamos as **funções da linguagem** segundo Jakobson. Vimos que cada função evidencia um **elemento da comunicação** e que muitos itens de prova exigem reconhecer a finalidade predominante do enunciado. Também trabalhamos a **intertextualidade** (tanto a explícita quanto a implícita), mostrando como as bancas, sobretudo a FGV, costumam cobrar o reconhecimento de alusões, paráfrases, provérbios modificados e citações disfarçadas.

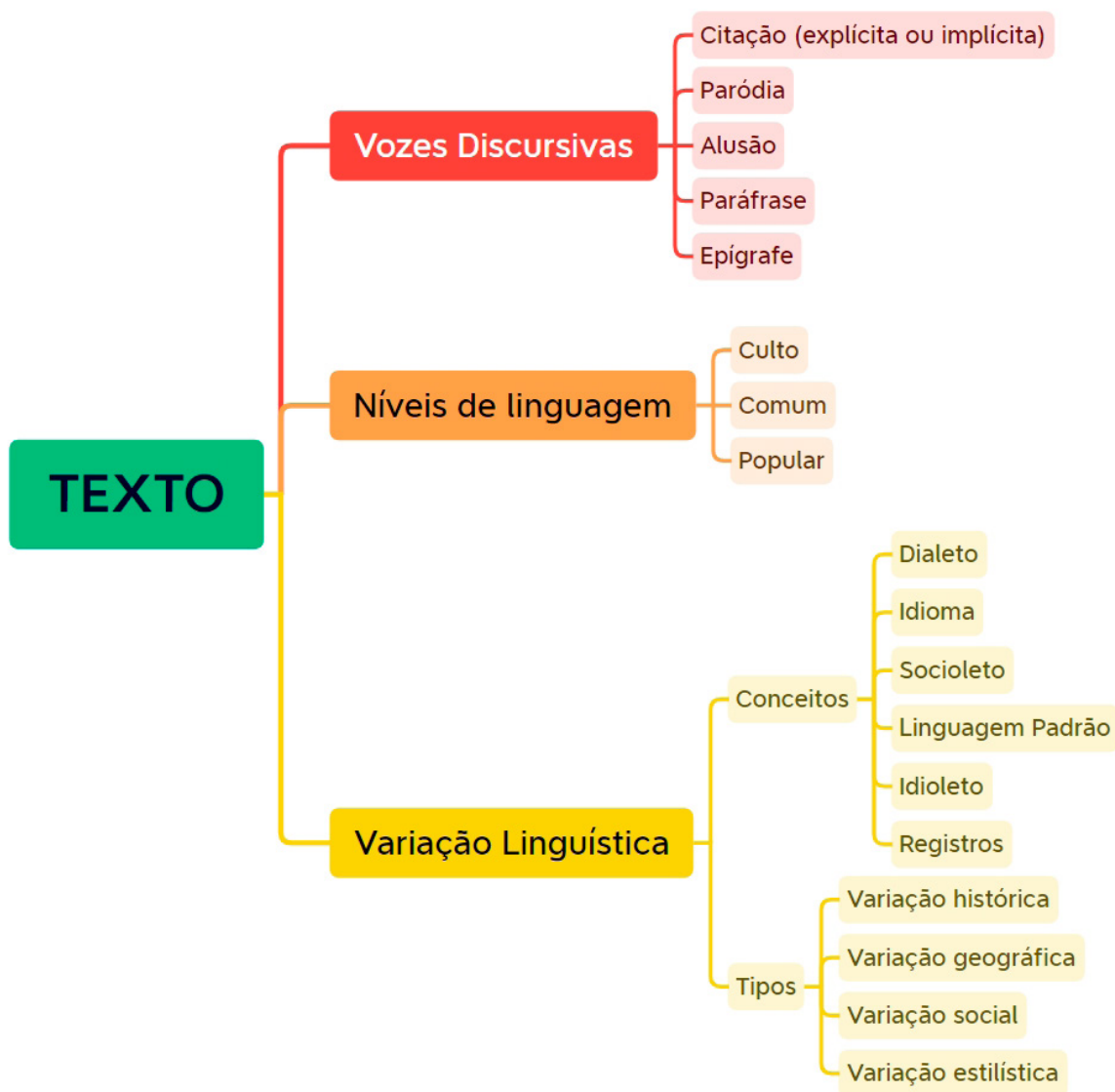
Avançamos, então, para a **leitura** propriamente dita. Em nossa aula, destaquei a diferença entre **compreender e interpretar**, apresentando os níveis de leitura (elementar, inspeccional, analítica e sinóptica). Enfatizei como as bancas estruturam comandos como “infere-se”, “conclui-se”, “de acordo com o texto” e “os sentidos seriam preservados”. Nessa parte, analisamos dois mecanismos fundamentais: os **pressupostos** — marcados linguisticamente — e os **subentendidos** — dependentes do contexto e das relações pragmáticas. As bancas utilizam esses fenômenos para avaliar a sua capacidade de identificar o não dito, reconhecer marcas ideológicas e perceber posicionamentos implícitos do autor.

Vimos também como **elementos subjetivos** surgem no discurso por meio de adjetivação avaliativa, escolhas lexicais, modalizações e recursos expressivos. Questões desse tipo (muito comuns) exigem que você identifique a presença ou a ausência de subjetividade, avaliando se o texto se mantém impessoal ou se revela o ponto de vista de seu redator. Na sequência, trabalhei a **pragmática**, especialmente o papel dos interlocutores e os efeitos de sentido advindos do contexto situacional.

Ah, é claro: discutimos ainda os **níveis de linguagem** (culto, comum e coloquial) e a importância da adequação ao gênero e ao contexto, aspecto que as bancas usam para avaliar o reconhecimento de variantes formais e informais. Apresentei também a **variação linguística** em suas dimensões diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica, observando como as provas cobram a identificação dessas variantes. Encerramos com uma breve **introdução à linguística** e à noção de língua como sistema, destacando a importância de se conhecer a **estrutura frasal da língua portuguesa**.

MAPA MENTAL





QUESTÕES DE CONCURSO

TEXTO CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

Fonte: João Baptista de Oliveira e Costa Junior. Os primórdios da perícia médico-legal.

001. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) Segundo as ideias do texto, a superioridade da legislação hebraica em relação às legislações precedentes no que diz respeito à perícia médica fica evidenciada pelo aspecto religioso inerente ao exercício da perícia nos primórdios dessa prática.

002. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) A oficialização, em 1532, da perícia médico-legal no Código Carolino é uma evidência de que essa atividade já era realizada na época da Renascença.

003. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) A necessidade de solução para casos concretos originou a prática da perícia médico-legal.

004. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) Está implícita no texto a ideia de que todos os médicos são aptos ao exercício da perícia médico-legal.

Analisando-se a literatura produzida sobre justiça restaurativa desde o final da década de 70 do século passado, verifica-se que há diferentes abordagens, produzidas por estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento (filosofia, psicologia social, antropologia, ciências jurídicas, pedagogia, assistência social, entre outros), incluídos acadêmicos, facilitadores de justiça restaurativa, servidores públicos e entusiastas da justiça restaurativa que buscam disseminar e fortalecer a sua implementação em nível institucional.

Dada essa pluralidade de abordagens, surgiram diversas definições de justiça restaurativa na literatura ao longo das últimas décadas, razão pela qual alguns autores atuais apontam que o conceito de justiça restaurativa ainda estaria “em aberto”. Contudo, parece haver na literatura certo consenso de que tal pluralidade seria algo positivo, por possibilitar a adaptação do conceito a diferentes contextos culturais. Alguns autores também sugerem que a justiça restaurativa seria um conceito “guarda-chuva”, ou seja, um conceito que abarca uma vasta gama de formulações, desde que sejam conservados os elementos essenciais da justiça restaurativa.

Fernanda Carvalho Dias de Oliveira Silva. A experiência e o saber da experiência da justiça restaurativa no Brasil: práticas, discursos e desafios. São Paulo: Blucher, 2021, p. 37-38 (com adaptações).

005. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) Segundo as informações do texto, o fim da década de 70 do século passado marcou o início da abordagem do conceito de justiça restaurativa em diferentes áreas do saber.

006. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) No texto, a autora sugere tratar a justiça restaurativa como um conceito “guarda-chuva”, isto é, aplicável a várias formulações, devido à existência de diferentes definições desse instituto na literatura.

007. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) O tema central do texto é o conceito de justiça restaurativa, cujos elementos essenciais são detalhados no texto com o objetivo de apresentar ao leitor uma proposta de definição desse conceito.

De acordo com o **Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio**, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental que ataca ou utiliza linguagem pejorativa ou discriminatória em referência a uma pessoa ou grupo, com base em fatores de identidade, como religião, etnia, gênero, entre outros. Diferentemente da desinformação (prática não intencional de compartilhamento de informações imprecisas), ou da distribuição intencional de informações falsas com o intuito de provocar dano, o discurso de ódio se expressa de forma violenta contra grupos delimitados.

O discurso de ódio online pode ser reproduzido em diferentes formatos, mas geralmente contém características típicas do meio digital, como o anonimato do(a) autor(a), o alcance expandido do ataque, a instantaneidade da mensagem e a formação de comunidades em torno do discurso.

Eduardo Georjão Fernandes e Valentina Fonseca da Luz. O papel das políticas públicas no combate ao discurso de ódio na Internet. Internet: <agenciagov.ebc.com.br> (com adaptações).

008. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) O texto informa que discursos de ódio são um tipo de comunicação que se materializa de modo violento e que ataca uma pessoa ou grupos específicos.

Pesquisadores da Universidade Raboud, na Holanda, analisando cerca de 5.000 participantes de 358 tarefas cognitivas, chegaram à conclusão de que pensar dói. Não ria. A análise foi feita com o auxílio de um programa especial da NASA. Pelo que entendi, certas atividades cerebrais, como fazer cálculos matemáticos, ler Gertrude Stein ou tomar decisões que envolvam um sim ou não de vida ou morte, provocam sensações orgânicas que podem ser classificadas como dolorosas.

Segundo o estudo, quanto maior o esforço mental, maior o desconforto físico. Não é preciso pensar muito para se chegar a este óbvio, por definição, ululante. A pesquisa não considera a hipótese de todo esforço mental ser relativo — para muitos, calcular uma raiz quadrada será uma tarefa intransponível, enquanto, para outros, discutir a conjectura de Poincaré com Alfred North Whitehead pode ser tão simples como falar de futebol no botequim.

O que me espanta é que a conclusão de que pensar dói tenha vindo de uma instituição da Holanda, país admirado por produzir pensadores em tantos ramos. Eram holandeses Erasmo de Roterdão (1466–1536) e Spinoza (1632–1677), dois pilares da filosofia, atividade cuja única ferramenta é o pensamento. E não há registro de que os filósofos sofressem de lombalgia ou dor de dentes por pensar.

Os holandeses inventaram também a fita cassete, o CD e o DVD, e temos de lhes ser gratos por isso. Mas depois os desinventaram — e pensar nisso, sim, dói.

Ruy Castro. Pensar dói? Internet: (com adaptações).

009. (Q3663889/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR/2025) Ao declarar “Não ria” (segundo período do primeiro parágrafo), o autor direciona-se ao público leitor do texto, partindo do pressuposto de que seria risível a ideia de que pensar dói.

TEXTO 9A1

No cotidiano de todo brasileiro, podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos, de origem Banto e Iorubá, no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

A entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, de certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, conseqüentemente, da forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, ainda é possível visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

O Museu da Língua Portuguesa, ao expor o acervo de palavras africanas que entraram no vocabulário da língua portuguesa, favorece reconhecer a história da população africana no Brasil como agente da cultura e da língua portuguesa que se desenhava sobre este solo. No setor Palavras Cruzadas do museu, por exemplo, visualizam-se palavras que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos, como: bagunça lengalenga, dengo. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais. Outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como borocoxô, cafofo.

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. Não é possível perdê-la. A mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar em um movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas.

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes. Esta é a história da língua portuguesa em solo brasileiro: ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não impediu que esta acolhesse uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporasse um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa compõem o papel de traduzir os sentidos e significados compartilhados na cultura brasileira. É uma história nem sempre contada em livros didáticos, mas que carregamos conosco para os diferentes lugares a que podemos ir. A importância da língua portuguesa como um bem museológico se faz nesse ato de contar histórias que não são definidas por nós, mas são praticadas e vividas coletivamente.

Wilmihara Santos. A presença africana nas palavras que falamos em português. 2018. Internet: museuda-linguaportuguesa.org.br (com adaptações).

010. (Q3599713/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Dada a finalidade comunicativa do texto, é correto afirmar que nele predomina a função fática da linguagem.

“Você é espírita, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vem seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega”. (Carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 19/6/1946)

“De certo modo, você me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz como você de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando”. (Carta de Fernando Sabino a Clarice Lispector em 30/3/1955)

Em 1944, Fernando Sabino recebeu um exemplar de *Perto do Coração Selvagem*, com dedicatória da autora estreante, Clarice Lispector. Ele não fazia ideia de quem era ela. De qualquer maneira, ficou deslumbrado com o livro. Tempos depois, quando a conheceu pessoalmente, ficou deslumbrado com Clarice.

Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada. Encontravam-se diariamente, longas conversas numa confeitaria do Rio. Separados por compromissos fora do país, trocaram cartas, no período entre 1949 e 1969. Em 2001, Fernando as reuniu em *Cartas Perto do Coração*, comovente testemunho de fidelidade à literatura e à amizade. Livro de culto, rapidamente se esgotou; poucos exemplares, e caríssimos, eram achados em sebos. Reaparece agora, em edição de capa dura, novo projeto gráfico e fac-símiles dos manuscritos.

Quem vê o prestígio de Clarice hoje não imagina suas angústias e incertezas reveladas na correspondência. Seu segundo livro, *O Lustre*, foi recebido em silêncio. Dez anos após o aparecimento do terceiro, *A Cidade Sitiada*, de 1949, ela estava esquecida. Os originais do romance *A Maçã no Escuro* ficaram cinco anos pegando poeira no escritório do editor Ênio Silveira. Além de segurar a barra da amiga, Fernando passou a atuar como agente literário de Clarice, até que seu talento fosse reconhecido.

Com a publicação de *Uma Aprendizagem*, em 1969, Fernando carinhosamente entrega os pontos: “Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim”.

Álvaro Costa e Silva. A paixão nas cartas de Clarice Lispector e Fernando Sabino. Internet: folha.uol.com.br (com adaptações).

011. (Q3601001/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) É possível inferir do quinto parágrafo do texto que Clarice Lispector compartilhava com Fernando Sabino, por meio das cartas que lhe escrevia, desassossegos quanto à carreira literária.

A sociedade na qual vivemos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Produzimos,

portanto, textos para serem lidos pelos nossos sentidos. Nossos pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais e nossa história de indivíduos letrados começa com nossa imersão no universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais.

a) P. Dionísio e L. J. de Vasconcelos. *Multimodalidade, gênero textual e leitura*. In: Clecio Buzen e Marcia Mendonça. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

012. (Q3601019/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Nos textos multimodais, os desenhos e as figuras têm valor meramente ilustrativo, ou seja, as informações importantes são as veiculadas verbalmente.

O navio negreiro

Castro Alves

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar
(...)
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
(...)
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
(...)
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...

013. (Q3599616/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) As imagens descritas na primeira estrofe traduzem cenas de pavor ocorridas em uma senzala.

Cléber de Souza, empresário e ex-garçom, acordou mais cedo que de costume. Cumpriu sua rotina matinal, se vestiu e partiu para uma das raras lojas que ainda revelam fotografias em Jaraguá do Sul (SC), onde mora. Pagou por uma única foto, tirada 21 anos atrás. Nela,

aparece de camisa branca e gravata-borboleta ao lado de um sorridente senhor de barbas brancas, que vestia uma camisa rosa estampada com coqueiros. Era Francis Ford Coppola. O cineasta americano visitou Curitiba em 2003, ano da foto. Em uma estada de três semanas, passou cinco vezes no restaurante italiano onde Souza trabalhava. Foi tietado pelos funcionários e até criou uma pizza personalizada, feita em massa grossa com muçarela, molho de tomate fresco, azeite e manjerição. O sabor é servido até hoje, com seu nome.

Coppola circulava pela capital do Paraná, naquele ano, em busca de inspirações para o filme que vinha tentando produzir desde a década de 1980: Megalópolis. A película acaba de ser lançada e por isso o diretor resolveu retornar à cidade, que o atraiu anos atrás graças a seus dotes urbanísticos. Desta vez, permaneceu por apenas um dia. Souza, ansioso por reencontrar o antigo freguês na estreita janela de 24 horas, pegou a fotografia e percorreu, na tarde de 31 de outubro de 2024, os 160 quilômetros que conectam Jaraguá do Sul a Curitiba.

Plínio Lopes. O poderoso busão. In: Revista Piauí. Internet: piaui.folha.uol.com.br (com adaptações).

014. (Q3596379/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Infere-se do texto que as filmagens de Megalópolis aconteceram em Curitiba.

TEXTO CB1A1

O renomado linguista e filósofo Noam Chomsky e outros dois especialistas em linguística, Ian Roberts e Jeffrey Watumull, escreveram um artigo para o jornal The New York Times, em março de 2023, compartilhando sua visão sobre os avanços que vêm ocorrendo no campo da inteligência artificial (IA).

Para os intelectuais, os avanços “supostamente revolucionários” apresentados pelos desenvolvedores da IA são motivo “tanto para otimismo como para preocupação”.

No primeiro caso, porque as ferramentas de IA podem ser úteis para resolver certas problemáticas, ao passo que, no segundo, “tememos que a variedade mais popular e em voga da inteligência artificial (aprendizado automático) degrade nossa ciência e deprecie nossa ética ao incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea da linguagem e do conhecimento”.

Embora os linguistas reconheçam que as IA são eficazes na tarefa de armazenar imensas quantidades de informação, que não necessariamente são verídicas, elas não possuem uma “inteligência” como a das pessoas. “Por mais úteis que esses programas possam ser em alguns campos específicos (como na programação de computadores, por exemplo, ou na sugestão de rimas para versos rápidos), sabemos, pela ciência da língua e pela filosofia do conhecimento, que diferem profundamente do modo como os seres humanos raciocinam e utilizam a linguagem”, alertaram. “Essas diferenças impõem limitações significativas ao que podem fazer, que pode ser codificado com falhas inerradicáveis”.

Nesse sentido, os autores detalharam que, diferentemente de mecanismos de aplicativos como o ChatGPT, que operam com base na coleta de inúmeros dados, a mente humana pode funcionar com pequenas quantidades de informação, por meio das quais “não busca inferir correlações abruptas entre pontos (...), mas, sim, criar explicações”.

Nessa linha, manifestam que esses aplicativos não são realmente “inteligentes”, pois carecem de capacidade crítica. Embora possam descrever e prever “o que é”, “o que foi” e “o que será”, não são capazes de explicar “o que não é” e “o que não poderia ser”.

Internet: ihu.unisinos.br (com adaptações).

015. (Q3597311/CEBRASPE/PCDF/GESTOR DE APOIO/2025) Infere-se da leitura do texto que os linguistas que escreveram o artigo para o jornal americano são contrários ao uso de ferramentas de inteligência artificial.

016. (Q3599769/CEBRASPE/INOVERSASUL/SECRETÁRIA/2025) O código é a linguagem utilizada na construção da mensagem, e o canal é o meio pelo qual é transmitida a mensagem.

A humanidade produz 400 milhões de toneladas de plástico por ano, e apenas 10% dele é reaproveitado, até mesmo porque a reciclagem de alguns tipos é econômica ou tecnicamente inviável. Mas pode haver solução.

Uma equipe de pesquisadores da Universidade da Califórnia, liderados pela engenheira química e ambiental Kandis Abdul-Aziz, criou um método que transforma o plástico em fertilizante: ele é misturado a palha de milho e se torna um tipo de carvão extremamente poroso, ideal para fertilizar o solo.

Para transformar o plástico em carvão, a equipe utiliza plásticos como o PET, empregado em garrafas, e o isopor, misturados a resíduos de milho — restos de talos, folhas, cascas e espigas. Os pesquisadores aquecem essa mistura em um reator, sem oxigênio, para romper a estrutura molecular original e obter carbono elementar, que dá origem ao carvão. Esse processo de decomposição por altas temperaturas, chamado pirólise, já é frequentemente usado com outros restos agrícolas.

Esse carvão pode aumentar o teor de nutrientes como potássio e nitrogênio no solo, além de melhorar a retenção deles. Mas uma de suas aplicações mais promissoras é o uso dele para diminuir a chamada lixiviação de nitrogênio (remoção ou dissolução desse nutriente pela ação da água sobre o solo) e aumentar o teor de carbono orgânico presente no solo, o que otimizará sua saúde e o crescimento das plantações.

Quanto aos próximos passos para o desenvolvimento da técnica, a equipe liderada por Kandis Abdul-Aziz está pensando em combinar os plásticos com outros resíduos agrícolas comuns na Califórnia, além da palha de milho. O estado é um dos maiores produtores de frutas cítricas dos Estados Unidos da América, mas a maioria dos resíduos, como cascas,

sementes e polpa, é descartada e acaba em aterros sanitários. Além de produzir uma mercadoria valiosa como o carvão, o processo desenvolvido pelos pesquisadores pode fornecer uma alternativa sustentável para elementos que geralmente são considerados lixo.

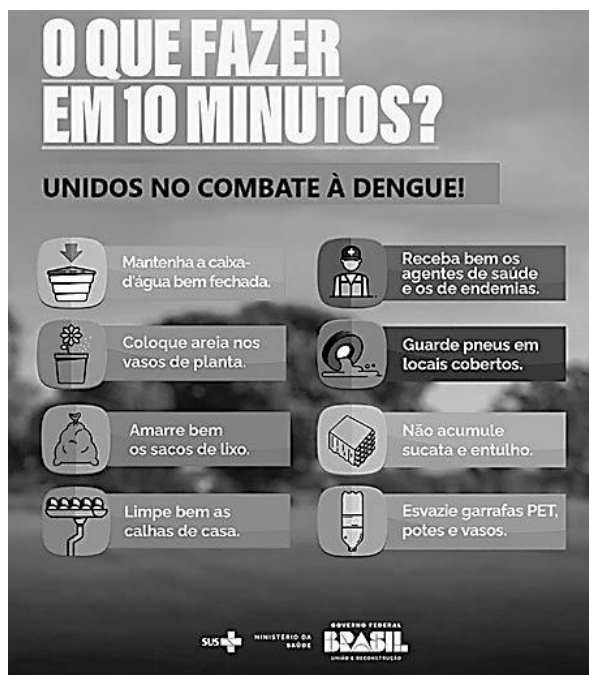
Nova tecnologia transforma plástico em adubo. Revista Superinteressante, 16/02/2023. Internet: <super.abril.com.br> (com adaptações).

Com relação à tipologia, às ideias e a aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os itens a seguir.

017. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) O objetivo principal do texto é explicar como diferentes resíduos agrícolas podem ser usados para produzir carvão.

018. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) De acordo com o texto, Kandis Abdul-Aziz foi a primeira cientista a buscar soluções para transformar plástico em adubo.

019. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) O quarto parágrafo do texto detalha benefícios que o carvão resultante da mistura de plástico com resíduos de milho pode gerar no solo.



Internet: <gov.br> (com adaptações).

020. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue o próximo item.

Além de listar ações rápidas que podem ajudar a combater a dengue, o texto descreve efeitos dessa doença na saúde da população, os quais são ilustrados por meio de desenhos.

TEXTO CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma condição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

Internet: <soberaniaeclima.org.br> (com adaptações).

A respeito das ideias veiculadas no texto CB1A1, julgue os itens a seguir.

021. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) De acordo com o texto, a participação da delegação brasileira na CNUMAH realizada em Estocolmo, em 1972, comprometeu a eficácia dos acordos de preservação ambiental então estabelecidos pelos Estados participantes do evento.

022. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Conclui-se das ideias veiculadas no texto que a preservação do meio ambiente deixou de ser considerada uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros e passou a ser entendida como requisito para a garantia da segurança nacional e humana.

023. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Depreende-se do texto que, nas últimas décadas, órgãos nacionais de segurança têm cooperado para a preservação do meio ambiente no Brasil.

024. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) De acordo com o texto, no passado as autoridades brasileiras consideravam auspiciosa a atuação de Estados estrangeiros em território brasileiro, dado o interesse que demonstravam pela preservação das riquezas naturais nacionais.

025. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Conclui-se do último parágrafo do texto que processos positivos para o país, como o fortalecimento de organizações da sociedade civil e o avanço dos estudos científicos, resultaram da mudança de interpretação quanto às questões ambientais.

TEXTO I

(...) as nações latinas do Novo Mundo não se podem queixar de deslembadas. Cada incidente, ainda sem grande relevo, encontra repercussão na imprensa europeia. Não aparecem, é verdade, nenhuns desses longos estudos, circunstanciados e sábios, onde os mestres em assuntos internacionais dizem o que sabem sobre a história política, social e econômica do país de que se ocupam, para daí deduzirem os seus juízos. Não; como de costume, sempre que se trata das repúblicas latino-americanas, os doutores e publicistas da política mundial se limitam a lavrar sentenças — invariáveis e condenatórias. Como variantes dessas sentenças, eles se limitam a ditar, de tempos em tempos, uns tantos conselhos axiomáticos.

Manoel Bomfim. América Latina: males de origem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 24 (com adaptações).

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto I, julgue (C ou E) os itens a seguir.

026. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na construção argumentativa do texto, o autor faz uma pausa retórica mediante o emprego do “Não” (quarto período), para relativizar sua oposição ao conteúdo do período imediatamente anterior, e repete, nos dois últimos períodos, a expressão “se limitam” com o propósito de reforçar sua crítica à visão eurocêntrica, por ele considerada superficial e pretensamente superior.

027. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Infere-se do texto que as nações latino-americanas não são lembradas pela imprensa europeia, ou, quando o são, servem, no máximo, como objeto de críticas, de “sentenças condenatórias”.

028. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Segundo o autor do texto, cada incidente ocorrido na América Latina é objeto de estudos aprofundados destinados a lavrar sentenças condenatórias.

TEXTO II

Um senhor que conheci fez-se uma celebridade em astronomia, com auxílio dos saraus que lhe eram oferecidos pelos amigos (...). E tudo isso com mais uns amigos dedicados a lhe oferecer bailes, por ocasião das suas portentosas descobertas nos céus ignotos, levaram o governo da Bruzundanga a nomeá-lo diretor (...).

Para obviar tais inconvenientes, houve alguém que teve a ideia de “canalizar”, de “disciplinar” o entusiasmo do povo bruzundanguense, entusiasmo tão necessário às manifestações que lá há constantemente, e tão indispensáveis são ao fabrico de grandes homens que dirijam os destinos da grande e formosa República (...).

*Lima Barreto. *Os Bruzundangas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 2023, p. 106 (com adaptações).*

No que se refere aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto II, julgue (C ou E) os itens seguintes.

029. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segundo parágrafo, o autor assinala que alguém teve “a ideia de ‘canalizar’, de ‘disciplinar’ o entusiasmo do povo bruzundanguense” com a finalidade de tornar óbvios os inconvenientes da prática de bailes e saraus para fabricar os “grandes homens” da República.

030. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segmento “nos céus ignotos” (segundo período do primeiro parágrafo), para expressar a natureza desconhecida do firmamento, o narrador atribui aos “céus” uma qualidade intrinsecamente humana.

031. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Evidencia-se no texto o emprego de paradoxo, que remete, em sentido conotativo, ao oposto daquilo que de fato o narrador afirma.

Afinal, os homens nascem iguais, apenas sem uma definição completa da natureza.

Em Rousseau, por exemplo, com a noção do “bom selvagem”, essa ideia estará absolutamente presente.

A alteridade desses “novos homens” transformada em modelo lógico se contrapunha à experiência ocidental. Como concluía Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens, “se há uma bondade original da natureza humana, a evolução social corrompeu-a”.

O famoso filósofo da Ilustração encontrava um modelo ideal nesse “outro” tão distante do “nós, ocidentais”, e o elegia como moralmente superior. No entanto, ao conformar esse quadro antitético, Rousseau de certa forma se afastava da Ilustração, já que refletia sobre um progresso às avessas.

Mas, se a visão idílica de Rousseau foi a mais fecunda, é impossível deixar de falar das vertentes mais negativas de interpretação. As imagens que detratam o Novo Mundo se

intensificaram, simetricamente correspondentes ao maior conhecimento e colonização desses novos territórios. É o momento em que se passa da projeção da inocência à inata maldade do selvagem.

Esse debate — que opunha o modelo igualitário da Ilustração às doutrinas raciais — faz parte, no entanto, de um problema mais remoto, sobre as origens da humanidade.

De um lado, a visão monogenista, dominante até meados do século XIX; de outro, a partir de então, a hipótese poligenista, que se transformava em uma alternativa plausível. Partiam os seus autores da crença na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas.

Lília Moritz Schwarcz. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 45-48 (com adaptações).

Em relação aos sentidos do texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

032. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No quarto parágrafo, o segmento “conformar esse quadro antitético” pode ser entendido como contextualizar, de forma contrária à visão do Iluminismo, a natureza humana.

033. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Entende-se da leitura do segundo e do terceiro parágrafos que o sentido dado pela autora ao termo “alteridade” é o de distinção entre a humanidade resultante da “experiência ocidental” e da ‘evolução social’ e os outros, caracterizados como o ‘bom selvagem’ e os ‘novos homens’.

034. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Depreende-se da leitura do texto que Rousseau, ao propor a imagem do ‘bom selvagem’, se alinha à tese, proposta pela Ilustração, de progresso da natureza humana.

Ainda em relação ao texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

035. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Segundo a autora, a hipótese teórica poligenista tornou-se hegemônica no século XIX.

036. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) O segmento “visão idílica” (primeiro período do quinto parágrafo) remete à noção bucólica do ‘bom selvagem’ de Rousseau, que representa um devaneio, uma utopia.

TEXTO IV

Assim como aquela senhora hopi que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho,

tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. (...)

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. (...)

O Rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. (...)

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. (...)

Ailton Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Em relação a aspectos linguísticos e estilísticos do texto IV, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

037. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Aspectos antitéticos dos seres humanos são explorados na passagem do primeiro parágrafo, em que prevalece o uso da prosopopeia, ao segundo parágrafo, que remete ao Antropoceno.

038. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Ao chamar o Rio Doce de Watu (terceiro parágrafo), o autor emprega uma metáfora.

039. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segundo parágrafo do texto, o autor utiliza metonímia para qualificar o tipo de humanidade que as pessoas estão sendo convocadas a integrar.

TEXTO V

Quando os jornais anunciaram para o dia 1º deste mês uma parede de açougueiros, a sensação que tive foi muito diversa da de todos os meus concidadãos. Vós ficastes aterrados; eu agradei o acontecimento ao céu. Boa ocasião para converter esta cidade ao vegetarianismo.

Não sei se sabem que eu era carnívoro por educação e vegetariano por princípio. Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne. Quando cheguei ao uso da razão e organizei o meu código de princípios, incluí nele o vegetarianismo; mas era tarde para a execução. Fiquei carnívoro. Era a sorte humana; foi a minha. Não importa, o homem é carnívoro.

Deus, ao contrário, é vegetariano. Para mim, a questão do paraíso terrestre explica-se clara e singelamente pelo vegetarianismo. Deus criou o homem para os vegetais, e os vegetais para o homem.

Enfim, chegou o dia 1º de março; quase todos os açougues amanhecera sem carne. Chamei a família; com um discurso mostrei-lhe que a superioridade do vegetal sobre o animal era tão grande, que devíamos aproveitar a ocasião e adotar o são e fecundo princípio

vegetariano. Ervas, ervas santas, puras, em que não há sangue; todas as variedades das plantas, que não berram nem esperneiam, quando lhes tiram a vida. Convenci a todos; não tivemos almoço nem jantar, mas dois banquetes. Nos outros dias a mesma coisa.

O vegetarianismo é pai dos simples. Os vegetarianos não se batem; têm horror ao sangue. Eu não me dou por apóstolo único desta grande doutrina. Creio até que os temos aqui, anteriores a mim, e, — singular aproximação! — no próprio conselho municipal. Só assim explico a nota jovial que entra em alguns debates sobre assuntos graves e gravíssimos.

Machado de Assis. Carnívoros e vegetarianos. In: A Semana, 1892 (com adaptações).

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto V, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

040. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na narrativa, a deflagração de um movimento paredista dos açougueiros é a situação que oportuniza ao narrador apresentar uma análise crítica de hábitos alimentares junto aos familiares.

041. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, percebe-se a intenção do narrador em apresentar uma experiência traumática com a alimentação na infância, algo que seria determinado pela sorte, o destino do ser humano.

042. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Da leitura do segundo parágrafo conclui-se, consideradas a estrutura narrativa da crônica e a sequência temporal empregada no primeiro período desse parágrafo, que a oração “eu era carnívoro”, apesar da flexão verbal no pretérito imperfeito do indicativo, pode ser interpretada como correspondente ao presente do indicativo.

043. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Evidencia-se na narrativa que o movimento paredista desencadeia um afastamento do narrador em relação à infância, o que o leva a uma crítica a hábitos adquiridos em seu percurso no sistema educacional e, ao mesmo tempo, a uma defesa da racionalidade humana.

TEXTO VI

O bife e o vinho compartilham a mitologia sanguínea. É o coração da carne, e qualquer um que a consuma assimila a força do touro. Obviamente, o prestígio do bife deve-se ao seu estado de semicrueza: nele o sangue é simultaneamente visível, denso, compacto e suscetível de ser cortado: imagina-se logo a ambrosia antiga sob a forma de uma matéria pesada que diminui entre os dentes, de modo a fazer com que se sinta ao mesmo tempo a sua força de origem e a sua plasticidade se expandirem no próprio sangue do homem.

E assim como o vinho se transforma, para um bom número de intelectuais, em substância mediúnica que os conduz à força original da natureza, do mesmo modo o bife é para eles um alimento de redenção, graças ao qual tornam o seu cerebralismo mais prosaico e conjuram, pelo sangue e a polpa mole, a secura estéril de que são acusados. Tal como o vinho, na França, o bife é um elemento básico, mais nacionalizado do que socializado, estando presente em todos os cenários da vida alimentar; participa de todos os ritmos, desde a confortável refeição burguesa ao lanche boêmio do celibatário; é uma alimentação simultaneamente rápida e densa, que realiza a mais perfeita união entre a economia e a eficácia, a mitologia e a plasticidade do seu consumo. Além de tudo isso, é um produto eminentemente francês (é certo que se encontra circunscrito, hoje em dia, pela invasão dos *steaks* americanos). Sendo nacional, depende da cotação dos valores patrióticos: revigora-os em tempo de guerra, sendo a própria carne do combatente francês, o bem inalienável que só pode passar-se para o inimigo à traição. Associado geralmente às batatas fritas, o bife transmite-lhes o seu renome: elas são nostálgicas e patrióticas como o bife.

Roland Barthes. O bife com batatas fritas. In: Mitologias. 2010, p. 79-80 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os próximos itens, relativos a aspectos linguísticos e ortográficos do texto VI.

044. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na análise crítica de aspectos culturais, o “bife” é caracterizado no texto duplamente como elemento de alienação e como elemento redentor.

045. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, o autor contesta a ideia do intelecto privilegiado dos intelectuais, o que os coloca na esfera dos mitos da sociedade.

046. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, a análise de elementos gastronômicos, como o bife, as batatas fritas, com a inclusão do vinho francês, é referenciada com o aporte semântico dos nomes e de sua simbologia, a partir do qual o autor tece sua visão crítica acerca da sociedade capitalista.

047. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) A proposição básica do autor é apontar a alienação do povo, por meio da denúncia da propagação de mensagens fantasiosas na mídia.

TEXTO CB1A1-I

A PETROBRAS demonstra compromisso com a sustentabilidade por meio do desenvolvimento de estratégias para acelerar a descarbonização e atuar sempre de forma ética e transparente, com operações seguras, respeito às pessoas e ao meio ambiente e com foco na geração de valor. Seis dos dez compromissos de sustentabilidade estabelecidos

pela empresa estão associados a carbono. Os outros quatro compromissos referem-se a segurança hídrica, conservação da biodiversidade, gestão de resíduos e responsabilidade social, e esse último inclui investimentos em projetos socioambientais, programas em direitos humanos, relacionamento comunitário e contribuição para a solução de problemas sociais e ambientais, envolvendo oportunidades de atuação junto aos públicos de interesse e clientes de produtos da PETROBRAS.

No que diz respeito aos desafios da transição energética, a PETROBRAS contribui para a mitigação da mudança climática por meio do investimento de recursos e tecnologias na produção de petróleo de baixo carbono no Brasil, gerando energia, divisas e riquezas relevantes para o financiamento de uma transição energética responsável, bem como para a capacidade de ofertar gás e energia despachável para viabilizar a elevada participação de energias renováveis na matriz elétrica brasileira. Além disso, investe em novas possibilidades de produtos e negócios de menor intensidade de carbono, promove pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e soluções de baixo carbono e investe em projetos socioambientais para a recuperação e conservação de florestas.

Internet: <<https://petrobras.com.br>> (com adaptações).

048. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Julgue o seguinte item, relativo às ideias do texto CB1A1-I e à sua tipologia.

De acordo com as informações do texto, o investimento de recursos e tecnologias para possibilitar uma transição energética responsável inclui-se entre as ações desenvolvidas pela PETROBRAS.

TEXTO CB1A1-II

Em 23/3/2023, o presidente da PETROBRAS, Jean Paul Prates, afirmou à imprensa que a companhia não deve praticar o preço de paridade internacional (PPI). “Se lá fora o preço do petróleo diminuiu, entendo que diminuiu também em termos de insumos para as refinarias, logo isso tem de refletir no preço para o consumidor final. Não é necessário que o preço do combustível esteja amarrado ao preço do importador, que é o nosso principal concorrente. Ao contrário. Paridade de importação não é preço que a companhia deve praticar.”

Prates disse que, em sua gestão como presidente da estatal, não haverá o “dogma do preço de paridade internacional (PPI)”, abrindo espaço para a negociação de preços que levem em consideração o cenário econômico nacional.

Instituída em 2016, a política do PPI prevê que a PETROBRAS alinhe os valores que cobra das distribuidoras pelo combustível ao que é cobrado pelas importadoras que trazem o petróleo refinado em forma de diesel e gasolina para o Brasil.

Questionado se haverá redução no preço da gasolina, Jean Paul Prates disse que as equipes estão avaliando o mercado sobre possíveis oscilações no preço do combustível. “A gente está avaliando a referência internacional e o mercado brasileiro. Essa é a nossa política agora. O mercado nacional é composto pelo que é produzido aqui com o produto importado. Sempre que a gente puder ter o preço mais barato para vender para o nosso cliente, para o nosso consumidor brasileiro, a gente vai fazer isso”, concluiu.

O presidente da companhia também garantiu que a venda dos ativos do Polo Bahia Terra, em negociação entre a PETROBRAS e um consórcio formado por PetroReconcavo e Eneva, está sendo reavaliada sob uma nova ótica e que nada está decidido. Segundo ele, “o que está assinado será cumprido; o que não está assinado será revisto”.

Internet: <www.cnnbrasil.com.br> (com adaptações).

Em relação às ideias do texto CB1A1-II, julgue os próximos itens.

049. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Depreende-se do texto que a atual política de preços da PETROBRAS visa à possibilidade de redução do preço do combustível para o consumidor brasileiro.

050. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Entende-se do segundo parágrafo do texto que, segundo o presidente da PETROBRAS, o PPI não deve ser visto como uma doutrina indiscutível.

051. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Infere-se do segundo parágrafo do texto, sobretudo pelo emprego da forma verbal “haverá”, flexionada no tempo futuro, que Jean Paul Prates ainda não foi efetivado na presidência da PETROBRAS.

052. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) No início do quarto parágrafo, o trecho “Questionado se haverá redução no preço da gasolina” expressa uma condição imposta pela imprensa ao presidente da PETROBRAS.

053. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Entende-se do texto que, quanto à venda de ativos, o presidente da PETROBRAS pretende rever todos os compromissos assumidos pela companhia antes de sua gestão.

A Geografia da Fome

Não é somente agindo sobre o corpo dos flagelados, roendo-lhes as vísceras e abrindo chagas e buracos na sua pele, que a fome aniquila a vida dos sertanejos, mas também atuando sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social. Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo

à personalidade humana quando alcança os limites da verdadeira inanição. Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentar-se, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado, apresenta uma conduta mental que pode parecer a mais desconcertante. Muda o seu comportamento como muda o de todos os seres vivos alcançados pelo flagelo nesta mesma área geográfica.

Josué de Castro, A Geografia da Fome

054. (Q3701226/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Esse texto aborda o problema da fome.

Um aspecto desse problema que **não** está presente nesse texto, é:

- a) a fome ataca o corpo e a mente.
- b) as causas da fome no Nordeste.
- c) as consequências da fome na conduta social.
- d) semelhanças entre homem/animal diante da fome.
- e) mudanças comportamentais do homem na fome.

Norma da empresa

Descartar-se um cliente que está reclamando com um “É norma da empresa” deixa-o furioso. É o equivalente empresarial da frase que nossos pais costumavam dizer: “Porque sim”.

055. (Q3701603/FGV/EBSERH/ASSISTENTE/2025) A **semelhança** entre as frases da empresa e dos pais é

- a) a grosseria das respostas.
- b) a falta de explicação clara.
- c) a ausência de diálogo.
- d) o autoritarismo exagerado.
- e) o reconhecimento do direito do próximo.

056. (Q3702098/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) A interrogação direta numa frase é a que leva a uma resposta de sim ou não. Assinale a frase que **está** nesse caso.

- a) Será que vai chover no final de semana?
- b) Quando haverá novas eleições?
- c) Como ele conseguiu essa proeza?
- d) Onde fica a nova agência do banco?
- e) Por que tudo está tão caro?

057. (Q3635949/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que mostra uma visão **positiva** do ser humano.

- a) Conhecer a fundo, e tal como é, um ser humano, e amá-lo, é impossível.

- b) Os homens em geral ganham muito por não serem perfeitamente conhecidos.
- c) Muitos são os prodígios; entretanto, nada é mais prodigioso do que o homem.
- d) Mas homens são homens e o melhor deles esquece-se às vezes de que é humano.
- e) Os homens deveriam ser aquilo que parecem.

058. (Q3636110/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que apresenta **intertextualidade** com uma outra frase muito conhecida.

- a) Não apreciamos bem nos outros senão as qualidades que julgamos possuir.
- b) O que mais besteiras ouve no mundo é, talvez, um quadro de museu.
- c) Um quadro só vive graças àquele que o olha.
- d) Tudo é puro para os que são puros.
- e) Parece um projeto adequado, mas nem tudo que reluz é ouro.

059. (Q3702072/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase em que **não há** a presença de um **interlocutor**.

- a) Vamos, crianças, silêncio na classe!
- b) Eu estou te dizendo que a festa será hoje!
- c) Outras informações, na secretaria, por favor!
- d) Por favor, não fumem!
- e) Vocês, João e Pedro, vão passear?

060. (Q3636112/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase integralmente construída com linguagem formal (não popular).

- a) A gente não sabe o que está por vir.
- b) Torna-se difícil para mim fazer isso hoje.
- c) A raça humana não suporta muita realidade.
- d) Me deram preocupações demais ao nascerem.
- e) Tem muitos anos que não viajo para a Europa.

061. (Q3702094/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que não mostra **uma ordem** de forma direta ou indireta.

- a) Tente não gastar todo o seu dinheiro.
- b) Lembre-me daqui a dois dias.
- c) Que ela venha aqui amanhã de manhã.
- d) A chuva vai continuar por todo o dia.
- e) Tome um comprimido a cada dia.

062. (Q3702090/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que mostra um termo que indica a **participação pessoal do autor** na mensagem da frase.

- a) A população aplaudiu a inauguração do mercado.

- b) Os impostos sobre a água não aumentarão.
- c) O Rio, como São Paulo, enfrenta problemas.
- d) O acusado foi, felizmente, preso.
- e) As máquinas interditaram a pista.

063. (Q3636101/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Observe o seguinte texto argumentativo: O papel principal da acupuntura, segundo nossa associação, é a de regularizar as diferentes energias do corpo humano. Isso pode ser comparado ao sistema de canalização de águas num rio. Logo que há um excesso de água num dado local do rio, deve-se abrir as válvulas de certas barragens, a fim de fazer descer o nível de água a um limite aceitável.

A respeito desse texto, assinale a afirmativa **inadequada**.

- a) O tema do texto é o controle dos níveis de água nos rios.
- b) O argumentador é representante de um grupo.
- c) O público-alvo é um leitor interessado em acupuntura.
- d) A finalidade do texto é mostrar o papel da acupuntura.
- e) O argumento básico do texto é do tipo comparativo.

064. (Q3701143/FGV/EBSERH/ADVOGADO/2025) Assinale a frase que indica um desejo, uma esperança.

- a) A marquesa estava deslumbrante na festa.
- b) Os ministros ainda estão em Brasília.
- c) Se somente ele tivesse sido eleito!
- d) O tempo não está esplêndido?
- e) Como neva nos Estados Unidos nesta época.

065. (Q3614915/FGV/PC MG/INVESTIGADOR/2025) Em todas as frases a seguir foi indicada uma inferência, ou seja, algo que pode ser deduzido da leitura. Assinale a opção que apresenta a frase em que a dedução é inadequada.

- a) O Flamengo ganhou o campeonato mundial. → O time do Flamengo é magnífico.
- b) As mulheres já podem servir nas Forças Armadas. → As mulheres mostram ascensão na sociedade.
- c) Muita gente no Rio de Janeiro vive nas favelas. → As favelas do Rio são lugares aprazíveis.
- d) Uma multidão atacou o supermercado de alimentos. → O país atravessa uma crise social.
- e) A temperatura no estádio atingiu 40 graus. → O futebol devia alterar alguns horários de partidas.

066. (FGV/TJ-RN/TÉCNICO/2024) Todas as frases abaixo fazem propaganda de um creme dental; aquela que, em busca do convencimento do cliente, apela para a sua vaidade é:

- a) Creme Dental X: mais por preço menor;

- b) Sorriso brilhante é com Creme Dental X;
- c) Faça como os franceses: compre Creme Dental X;
- d) Para proteção completa dos dentes: Creme Dental X;
- e) Não sofra com as cáries: use Creme Dental X.

067. (FGV/CFC/EXAME DE SUFICIÊNCIA/2025) Um cartaz, na porta de um supermercado, dizia: “Compre hoje! Amanhã pode estar mais caro!”

Esse cartaz

- a) aconselha o cliente a economizar.
- b) dá ordem ao cliente para ganhar tempo.
- c) chama a atenção do cliente para a possível falta de produtos.
- d) pretende ensinar o cliente a controlar seu orçamento.

068. (FGV/CFC/EXAME DE SUFICIÊNCIA/2025) Um famoso escritor falou sobre a leitura: “A leitura é para a mente o que a ginástica é para o corpo.”

Com essa frase, o autor quer dizer que

- a) exercícios físicos devem ser feitos todos os dias.
- b) a leitura, como a ginástica, deve ser feita diariamente.
- c) a leitura enriquece o nosso conhecimento.
- d) exercícios físicos e leitura fortalecem o corpo.

TEXTO 1

Menos mortes e engarrafamentos: movimento quer reduzir a velocidade nas cidades brasileiras (adaptado)

Por Marcela Donini e Tiago Medina

Mais que uma mudança de cidade e país, a vida da fonoaudióloga Paula Dallegrave Priori mudou de estilo a partir de 2021. Acompanhada do marido e da filha, então com menos de 3 anos, ela trocou Porto Alegre por Barcelona. O carro da família, tão necessário para deslocamentos na capital gaúcha, ficou do lado de cá do oceano. Se antes era um elemento presente no cotidiano, tornou-se anacrônico na nova cidade.

“A percepção do trânsito em relação a Porto Alegre é bem clara: aqui é muito melhor. Não percebemos o ambiente tóxico que é o trânsito aí”, compara ela, usuária frequente do metrô, além de pedestre habitual. Aliás, caminhar na rua com a filha é, agora, mais tranquilo. “Os carros não andam em alta velocidade, respeitam o pedestre, faixa de trânsito, usam a seta, enfim tu consegues prever o que vai acontecer.”

Tendência em cidades que são exemplo em mobilidade ativa, a redução de velocidade foi decretada pelo governo espanhol em maio de 2021. Desde então, os limites na maioria das vias urbanas de todas as cidades espanholas são de até 30 km/h [...].

Um movimento no Brasil quer entrar nessa onda e readequar os limites nas vias das cidades de todo o país. A União de Ciclistas do Brasil (UCB), em parceria com outras entidades como a Fundação Thiago Gonzaga, propõe uma alteração no Código de Trânsito Brasileiro que fixaria em 60km/h o máximo permitido nas vias de trânsito rápido e 50km/h nas vias arteriais. [...] O máximo para vias coletoras e locais permaneceria em 40km/h e 30 km/h. [...]

O documento publicado pela entidade apoia-se ainda em experiências brasileiras e estrangeiras nas quais a redução das velocidades levou a maior segurança no trânsito. São Paulo, por exemplo, fez alterações significativas nesse sentido desde 2011. Em 2015, foram reduzidos os limites em duas das principais vias expressas, as marginais Tietê e Pinheiros [...]. O sucesso da operação, destaca o relatório da UCB, foi verificado no ano seguinte, quando a cidade registrou uma queda de 52% no número de mortes nas duas marginais.

Outras experiências dentro e fora do Brasil comprovam a relação entre velocidades menores e menos mortes, mas ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população. Uma pesquisa de opinião encomendada pela UCB a uma empresa terceirizada revelou que 82% dos entrevistados conhecem alguém que morreu no trânsito, e 9 em cada 10 consideram alto o número de mortes nas vias brasileiras. Quando a questão são limites de velocidade mais baixos, metade concorda que isso evitaria mais óbitos, mas 8 em cada 9 deixaram de citar a redução dos limites como fator importante para essa queda.

[...] “As pessoas sempre pensam que vão ter perda se forem mais devagar. Ao contrário, o trânsito flui melhor”, diz, citando o exemplo da ponte Rio-Niterói, onde o limite passou de 110km/h para 80km/h e houve melhoria na fluidez. “Por isso, estamos deixando de falar em *redução*, e usando o termo *readequação* de velocidades”, explica.

Ana Luiza Carboni, coordenadora do projeto Vias Seguras, destaca uma ilustração didática aprendida com a engenheira de transportes e professora da Universidade Federal de Alagoas Jessica Lima. “Pense em uma torneira aberta, com ralo pequeno. Se você abrir toda a torneira, a água vai acumular. Se abrir menos, ela vai escoar, vai passar mais lentamente, mas constantemente”, exemplifica. “É preciso mudar a visão de que ‘a velocidade vai fazer eu chegar primeiro’. Já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média. As cidades são feitas de gargalos. Acelerar significa apenas que você vai chegar mais rápido num gargalo”, completa.

[...]

Status do carro

Em cidades planejadas para o carro, não à toa a população mais vulnerável no trânsito são pedestres, ciclistas e motociclistas – e dentro desse grupo, as vítimas mais comuns são pessoas negras, destaca Carboni.

Para a engenheira civil e gerente de mobilidade ativa do WRI, Paula Manoela dos Santos, a questão geracional é chave na mudança de visão que ainda precisa ser feita para o carro deixar de ser visto como o elemento central na mobilidade. “Ainda habita em nós uma questão de status do carro. A bicicleta é vista como veículo só no Código de Trânsito Brasileiro. Para as pessoas, nem sempre. Diria que até é um pouco marginalizada, como considerar que quem anda de bicicleta não teve sucesso”, diz.

Carboni sabe bem do que Santos está falando. A ativista, que não tem carro há oito anos, costuma contar a história de suas idas ao mercado: “Na hora de pagar, sempre perguntam se tenho o ticket do estacionamento, e eu respondo que não tenho carro. Até que um dia uma caixa falou ‘Deus há de prover um pra você’”.

Apesar de o caminho até um trânsito mais seguro ser longo, os especialistas ouvidos pelo Matinal são otimistas. Bohn lembra que já se avançou muito: “Hoje não é mais aceitável beber e dirigir como era 20 anos atrás”. A engenheira da WRI faz questão de ressaltar que as novas gerações têm outro entendimento, especialmente em relação ao carro.

Paula que o diga. A porto-alegrense cuja história abre a reportagem tem convicção de que o novo estilo de vida irá mudar a perspectiva da filha, de 4 anos, sobre mobilidade. “Hoje, ela está muito mais acostumada a ver as pessoas fazendo as coisas de bicicleta. Os ciclistas enfrentam dia de chuva, de frio. Isso é normal”, diz. Além do automóvel, também ficou para trás o hábito de entregar o celular na mão da pequena para driblar a impaciência dos momentos de trânsito parado.

Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/reduzir-velocidade-nas-cidades-brasileiras/>

069. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) O texto 1 discute o problema da segurança no trânsito. A alternativa que identifica, de acordo com o texto, uma *causa indireta* dos acidentes de trânsito é:

- a) respeito ao pedestre;
- b) sobrecarga do serviço público de saúde;
- c) alteração do Código de Trânsito Brasileiro;
- d) *status* do carro;
- e) desenvolvimento de um novo estilo de vida.

070. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) Do ponto de vista da organização estrutural, observa-se no texto 1 uma oposição entre, de um lado, o bloco introdução/conclusão (parágrafos 1, 2 e 13) e, de outro, o bloco do desenvolvimento (parágrafos 3 a 12). Essa oposição decorre da predominância, em cada um desses blocos, de estratégias composicionais distintas. A alternativa que captura corretamente a oposição entre as estratégias composicionais predominantes em cada um desses blocos, respectivamente, é:

- a) função fática X função referencial;
- b) situações factuais X situações hipotéticas;
- c) sequências descritivas X sequências injuntivas;
- d) discurso indireto X discurso indireto livre;
- e) perspectiva particularizante X perspectiva generalizante.

GABARITO

1. E	25. E	49. C
2. C	26. E	50. C
3. C	27. E	51. E
4. E	28. E	52. E
5. E	29. E	53. E
6. E	30. E	54. b
7. E	31. E	55. b
8. C	32. C	56. a
9. C	33. C	57. c
10. E	34. E	58. e
11. C	35. E	59. c
12. E	36. C	60. c
13. E	37. C	61. d
14. E	38. E	62. d
15. E	39. E	63. a
16. C	40. C	64. c
17. E	41. C	65. c
18. E	42. C	66. b
19. C	43. E	67. a
20. E	44. C	68. Anulada
21. E	45. E	69. d
22. C	46. C	70. e
23. C	47. E	
24. E	48. C	

GABARITO COMENTADO

TEXTO CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

Fonte: João Baptista de Oliveira e Costa Junior. Os primórdios da perícia médico-legal.

001. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) Segundo as ideias do texto, a superioridade da legislação hebraica em relação às legislações precedentes no que diz respeito à perícia médica fica evidenciada pelo aspecto religioso inerente ao exercício da perícia nos primórdios dessa prática.



A superioridade da legislação hebraica não fica evidenciada pelo aspecto religioso, mas por outros fatores, como a exigência de testemunhas, a garantia dos tribunais etc.

Errado.

002. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) A oficialização, em 1532, da perícia médico-legal no Código Carolino é uma evidência de que essa atividade já era realizada na época da Renascença.



De fato, como lemos no segundo período, a atividade de perícia médico-legal já era realizada na época da Renascença.

Certo.

003. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) A necessidade de solução para casos concretos originou a prática da perícia médico-legal.



A afirmativa é uma reescrita, via inversão, do primeiro período do segundo parágrafo. Como o sentido permanece o mesmo, a afirmativa está correta.

Certo.

004. (CEBRASPE/INSS/PERITO MÉDICO/2025) Está implícita no texto a ideia de que todos os médicos são aptos ao exercício da perícia médico-legal.



Não são TODOS os médicos que são aptos ao exercício da perícia médico-legal. Os requisitos (e, com isso, a restrição) são maiores, como descrito no último período do primeiro parágrafo.

Errado.

Analisando-se a literatura produzida sobre justiça restaurativa desde o final da década de 70 do século passado, verifica-se que há diferentes abordagens, produzidas por estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento (filosofia, psicologia social, antropologia, ciências jurídicas, pedagogia, assistência social, entre outros), incluídos acadêmicos, facilitadores de justiça restaurativa, servidores públicos e entusiastas da justiça restaurativa que buscam disseminar e fortalecer a sua implementação em nível institucional.

Dada essa pluralidade de abordagens, surgiram diversas definições de justiça restaurativa na literatura ao longo das últimas décadas, razão pela qual alguns autores atuais apontam que o conceito de justiça restaurativa ainda estaria “em aberto”. Contudo, parece haver na literatura certo consenso de que tal pluralidade seria algo positivo, por possibilitar a adaptação do conceito a diferentes contextos culturais. Alguns autores também sugerem que a justiça restaurativa seria um conceito “guarda-chuva”, ou seja, um conceito que abarca uma vasta gama de formulações, desde que sejam conservados os elementos essenciais da justiça restaurativa.

Fernanda Carvalho Dias de Oliveira Silva. A experiência e o saber da experiência da justiça restaurativa no Brasil: práticas, discursos e desafios. São Paulo: Blucher, 2021, p. 37-38 (com adaptações).

005. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) Segundo as informações do texto, o fim da década de 70 do século passado marcou o início da abordagem do conceito de justiça restaurativa em diferentes áreas do saber.



Não estou certo de que o final da década de 1970 marcou o início da abordagem. No texto, é dito que a análise toma como objeto esse período apenas. Por isso, considerarei essa afirmativa como errada.

Errado.

006. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) No texto, a autora sugere tratar a justiça restaurativa como um conceito “guarda-chuva”, isto é, aplicável a várias formulações, devido à existência de diferentes definições desse instituto na literatura.



A sugestão não parte da autora. Na verdade, ela faz referência à visão de outros autores, os quais sugerem que a justiça restaurativa seria um conceito “guarda-chuva”.

Errado.

007. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) O tema central do texto é o conceito de justiça restaurativa, cujos elementos essenciais são detalhados no texto com o objetivo de apresentar ao leitor uma proposta de definição desse conceito.



Não analiso o texto como centralmente voltado para o conceito ou definição de justiça restaurativa. Ao ler o texto, identifico outro conteúdo central: as diferentes abordagens e definições do conceito de justiça restaurativa.

Errado.

De acordo com o **Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio**, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental que ataca ou utiliza linguagem pejorativa ou discriminatória em referência a uma pessoa ou grupo, com base em fatores de identidade, como religião, etnia, gênero, entre outros. Diferentemente da desinformação (prática não intencional de compartilhamento de informações imprecisas), ou da distribuição intencional de informações falsas com o intuito de provocar dano, o discurso de ódio se expressa de forma violenta contra grupos delimitados.

O discurso de ódio online pode ser reproduzido em diferentes formatos, mas geralmente contém características típicas do meio digital, como o anonimato do(a) autor(a), o alcance expandido do ataque, a instantaneidade da mensagem e a formação de comunidades em torno do discurso.

Eduardo Georjão Fernandes e Valentina Fonseca da Luz. O papel das políticas públicas no combate ao discurso de ódio na Internet. Internet: <agenciagov.ebc.com.br> (com adaptações).

008. (CEBRASPE/TRF6/ANALISTA/2025) O texto informa que discursos de ódio são um tipo de comunicação que se materializa de modo violento e que ataca uma pessoa ou grupos específicos.



A afirmativa analisa corretamente o conteúdo do texto: de fato, afirma-se que discursos de ódio são um tipo de comunicação que se materializa de modo violento e ataca uma pessoa ou grupos específicos.

Certo.

Pesquisadores da Universidade Raboud, na Holanda, analisando cerca de 5.000 participantes de 358 tarefas cognitivas, chegaram à conclusão de que pensar dói. Não ria. A análise foi feita com o auxílio de um programa especial da NASA. Pelo que entendi, certas atividades cerebrais, como fazer cálculos matemáticos, ler Gertrude Stein ou tomar decisões que envolvam um sim ou não de vida ou morte, provocam sensações orgânicas que podem ser classificadas como dolorosas.

Segundo o estudo, quanto maior o esforço mental, maior o desconforto físico. Não é preciso pensar muito para se chegar a este óbvio, por definição, ululante. A pesquisa não considera a hipótese de todo esforço mental ser relativo — para muitos, calcular uma raiz quadrada será uma tarefa intransponível, enquanto, para outros, discutir a conjectura de Poincaré com Alfred North Whitehead pode ser tão simples como falar de futebol no botequim.

O que me espanta é que a conclusão de que pensar dói tenha vindo de uma instituição da Holanda, país admirado por produzir pensadores em tantos ramos. Eram holandeses Erasmo de Roterdão (1466-1536) e Spinoza (1632-1677), dois pilares da filosofia, atividade

cuja única ferramenta é o pensamento. E não há registro de que os filósofos sofressem de lombalgia ou dor de dentes por pensar.

Os holandeses inventaram também a fita cassete, o CD e o DVD, e temos de lhes ser gratos por isso. Mas depois os desinventaram — e pensar nisso, sim, dói.

Ruy Castro. Pensar dói? Internet: (com adaptações).

009. (Q3663889/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR/2025) Ao declarar “Não ria” (segundo período do primeiro parágrafo), o autor direciona-se ao público leitor do texto, partindo do pressuposto de que seria risível a ideia de que pensar dói.



A noção de pressuposição está correta: a marca linguística do tipo “não faça assim” pressupõe que alguém poderia, por alguma razão, fazer assim. No caso do texto, ao afirmar que pensar dói, o autor pressupõe que o leitor considere essa ideia risível.

Certo.

Texto 9A1

No cotidiano de todo brasileiro, podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos, de origem Banto e Iorubá, no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

A entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, de certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, conseqüentemente, da forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, ainda é possível visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

O Museu da Língua Portuguesa, ao expor o acervo de palavras africanas que entraram no vocabulário da língua portuguesa, favorece reconhecer a história da população africana no Brasil como agente da cultura e da língua portuguesa que se desenhava sobre este solo. No setor Palavras Cruzadas do museu, por exemplo, visualizam-se palavras que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos, como: bagunça lengalenga, dengo. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais. Outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como borocoxô, cafofo.

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. Não é possível perdê-la. A mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar em um movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas.

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes. Esta é a história da língua portuguesa em solo brasileiro: ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não impediu que esta acolhesse uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporasse um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa compõem o papel de traduzir os sentidos e significados compartilhados na cultura brasileira. É uma história nem sempre contada em livros didáticos, mas que carregamos conosco para os diferentes lugares a que podemos ir. A importância da língua portuguesa como um bem museológico se faz nesse ato de contar histórias que não são definidas por nós, mas são praticadas e vividas coletivamente.

Wilmihara Santos. A presença africana nas palavras que falamos em português. 2018. Internet: museuda-linguaportuguesa.org.br (com adaptações).

010. (Q3599713/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Dada a finalidade comunicativa do texto, é correto afirmar que nele predomina a função fática da linguagem.



Predomina a função referencial, a qual tem como foco o contexto (conceitos e coisas do mundo). Para que a função fática predomine, o texto deveria focar o canal ou o contato.

Errado.

“Você é espírita, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vem seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega”. (Carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 19/6/1946)

“De certo modo, você me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz como você de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando”. (Carta de Fernando Sabino a Clarice Lispector em 30/3/1955)

Em 1944, Fernando Sabino recebeu um exemplar de *Perto do Coração Selvagem*, com dedicatória da autora estreante, Clarice Lispector. Ele não fazia ideia de quem era ela. De qualquer maneira, ficou deslumbrado com o livro. Tempos depois, quando a conheceu pessoalmente, ficou deslumbrado com Clarice.

Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada. Encontravam-se diariamente, longas conversas numa confeitaria do Rio. Separados por compromissos fora do país, trocaram cartas, no período entre 1949 e 1969. Em 2001, Fernando as reuniu em *Cartas Perto do Coração*, comovente testemunho de fidelidade à literatura e à amizade. Livro de culto, rapidamente se esgotou; poucos exemplares, e caríssimos, eram achados em sebos. Reaparece agora, em edição de capa dura, novo projeto gráfico e fac-símiles dos manuscritos.

Quem vê o prestígio de Clarice hoje não imagina suas angústias e incertezas reveladas na correspondência. Seu segundo livro, *O Lustre*, foi recebido em silêncio. Dez anos após o aparecimento do terceiro, *A Cidade Sitiada*, de 1949, ela estava esquecida. Os originais do romance *A Maçã no Escuro* ficaram cinco anos pegando poeira no escritório do editor Ênio Silveira. Além de segurar a barra da amiga, Fernando passou a atuar como agente literário de Clarice, até que seu talento fosse reconhecido.

Com a publicação de *Uma Aprendizagem*, em 1969, Fernando carinhosamente entrega os pontos: “Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim”.

Álvaro Costa e Silva. *A paixão nas cartas de Clarice Lispector e Fernando Sabino*. Internet: folha.uol.com.br (com adaptações).

011. (Q3601001/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) É possível inferir do quinto parágrafo do texto que Clarice Lispector compartilhava com Fernando Sabino, por meio das cartas que lhe escrevia, desassossegos quanto à carreira literária.



A afirmativa está correta, pois, de fato, observamos as angústias e incertezas compartilhadas por Clarice e Fernando Sabino.

Certo.

A sociedade na qual vivemos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Produzimos, portanto, textos para serem lidos pelos nossos sentidos. Nossos pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais e nossa história de indivíduos letrados começa com nossa imersão no universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais.

a) P. Dionísio e L. J. de Vasconcelos. *Multimodalidade, gênero textual e leitura*. In: Clecio Buzen e Marcia Mendonça. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

012. (Q3601019/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Nos textos multimodais, os desenhos e as figuras têm valor meramente ilustrativo, ou seja, as informações importantes são as veiculadas verbalmente.



A afirmativa é completamente contrária ao que se expõe no texto, o qual afirma que desenhos e figuras (imagens, cores etc.) veiculam informações importantes na comunicação humana na sociedade.

Errado.

O navio negreiro

Castro Alves

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar
(...)
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
(...)
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
(...)
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...

013. (Q3599616/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) As imagens descritas na primeira estrofe traduzem cenas de pavor ocorridas em uma senzala.



Na afirmativa da questão, a indicação de que as cenas ocorrem em uma senzala está incorreta. Na verdade, as cenas ocorrem em um navio (observe o título do poema, além do verso “E o baque de um corpo ao **mar**”).

Errado.

Cléber de Souza, empresário e ex-garçom, acordou mais cedo que de costume. Cumpriu sua rotina matinal, se vestiu e partiu para uma das raras lojas que ainda revelam fotografias em Jaraguá do Sul (SC), onde mora. Pagou por uma única foto, tirada 21 anos atrás. Nela, aparece de camisa branca e gravata-borboleta ao lado de um sorridente senhor de barbas brancas, que vestia uma camisa rosa estampada com coqueiros. Era Francis Ford Coppola. O cineasta americano visitou Curitiba em 2003, ano da foto. Em uma estada de três

semanas, passou cinco vezes no restaurante italiano onde Souza trabalhava. Foi tietado pelos funcionários e até criou uma pizza personalizada, feita em massa grossa com muçarela, molho de tomate fresco, azeite e manjericão. O sabor é servido até hoje, com seu nome.

Coppola circulava pela capital do Paraná, naquele ano, em busca de inspirações para o filme que vinha tentando produzir desde a década de 1980: *Megalópolis*. A película acaba de ser lançada e por isso o diretor resolveu retornar à cidade, que o atraiu anos atrás graças a seus dotes urbanísticos. Desta vez, permaneceu por apenas um dia. Souza, ansioso por reencontrar o antigo freguês na estreita janela de 24 horas, pegou a fotografia e percorreu, na tarde de 31 de outubro de 2024, os 160 quilômetros que conectam Jaraguá do Sul a Curitiba.

Plínio Lopes. O poderoso busão. In: Revista Piauí. Internet: piaui.folha.uol.com.br (com adaptações).

014. (Q3596379/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROFESSOR/2025) Infere-se do texto que as filmagens de *Megalópolis* aconteceram em Curitiba.



Curitiba, a capital do Paraná, serviu de inspiração para o filme que Coppola vinha tentando produzir desde a década de 1980. Por isso, é incorreto afirmar que as filmagens aconteceram lá, pois essa informação não está presente no texto e não há elementos que permitam essa inferência.

Errado.

Texto CB1A1

O renomado linguista e filósofo Noam Chomsky e outros dois especialistas em linguística, Ian Roberts e Jeffrey Watumull, escreveram um artigo para o jornal *The New York Times*, em março de 2023, compartilhando sua visão sobre os avanços que vêm ocorrendo no campo da inteligência artificial (IA).

Para os intelectuais, os avanços “supostamente revolucionários” apresentados pelos desenvolvedores da IA são motivo “tanto para otimismo como para preocupação”.

No primeiro caso, porque as ferramentas de IA podem ser úteis para resolver certas problemáticas, ao passo que, no segundo, “tememos que a variedade mais popular e em voga da inteligência artificial (aprendizado automático) degrade nossa ciência e deprecie nossa ética ao incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea da linguagem e do conhecimento”.

Embora os linguistas reconheçam que as IA são eficazes na tarefa de armazenar imensas quantidades de informação, que não necessariamente são verídicas, elas não possuem uma “inteligência” como a das pessoas. “Por mais úteis que esses programas possam ser em alguns campos específicos (como na programação de computadores, por exemplo, ou na sugestão de rimas para versos rápidos), sabemos, pela ciência da língua e pela filosofia do

conhecimento, que diferem profundamente do modo como os seres humanos raciocinam e utilizam a linguagem”, alertaram. “Essas diferenças impõem limitações significativas ao que podem fazer, que pode ser codificado com falhas inerradicáveis”.

Nesse sentido, os autores detalharam que, diferentemente de mecanismos de aplicativos como o ChatGPT, que operam com base na coleta de inúmeros dados, a mente humana pode funcionar com pequenas quantidades de informação, por meio das quais “não busca inferir correlações abruptas entre pontos (...), mas, sim, criar explicações”.

Nessa linha, manifestam que esses aplicativos não são realmente “inteligentes”, pois carecem de capacidade crítica. Embora possam descrever e prever “o que é”, “o que foi” e “o que será”, não são capazes de explicar “o que não é” e “o que não poderia ser”.

Internet: ihu.unisinos.br (com adaptações).

015. (Q3597311/CEBRASPE/PCDF/GESTOR DE APOIO/2025) Infere-se da leitura do texto que os linguistas que escreveram o artigo para o jornal americano são contrários ao uso de ferramentas de inteligência artificial.



Na verdade, os linguistas veem o uso de ferramentas de inteligência artificial com ressalvas, procurando balancear pontos positivos e preocupantes. Não há, então, uma posição **contrária** ao uso de ferramentas de inteligência artificial.

Errado.

016. (Q3599769/CEBRASPE/INOVERSASUL/SECRETÁRIA/2025) O código é a linguagem utilizada na construção da mensagem, e o canal é o meio pelo qual é transmitida a mensagem.



Na teoria dos elementos da comunicação (de Jakobson), o código é a linguagem utilizada na construção da mensagem e o canal é o meio pelo qual a mensagem é transmitida. Por estar condizente com a teoria, a afirmativa está correta.

Certo.

A humanidade produz 400 milhões de toneladas de plástico por ano, e apenas 10% dele é reaproveitado, até mesmo porque a reciclagem de alguns tipos é econômica ou tecnicamente inviável. Mas pode haver solução.

Uma equipe de pesquisadores da Universidade da Califórnia, liderados pela engenheira química e ambiental Kandis Abdul-Aziz, criou um método que transforma o plástico em fertilizante: ele é misturado a palha de milho e se torna um tipo de carvão extremamente poroso, ideal para fertilizar o solo.

Para transformar o plástico em carvão, a equipe utiliza plásticos como o PET, empregado em garrafas, e o isopor, misturados a resíduos de milho — restos de talos, folhas, cascas e espigas. Os pesquisadores aquecem essa mistura em um reator, sem oxigênio, para romper a estrutura molecular original e obter carbono elementar, que dá origem ao carvão. Esse processo de decomposição por altas temperaturas, chamado pirólise, já é frequentemente usado com outros restos agrícolas.

Esse carvão pode aumentar o teor de nutrientes como potássio e nitrogênio no solo, além de melhorar a retenção deles. Mas uma de suas aplicações mais promissoras é o uso dele para diminuir a chamada lixiviação de nitrogênio (remoção ou dissolução desse nutriente pela ação da água sobre o solo) e aumentar o teor de carbono orgânico presente no solo, o que otimizará sua saúde e o crescimento das plantações.

Quanto aos próximos passos para o desenvolvimento da técnica, a equipe liderada por Kandis Abdul-Aziz está pensando em combinar os plásticos com outros resíduos agrícolas comuns na Califórnia, além da palha de milho. O estado é um dos maiores produtores de frutas cítricas dos Estados Unidos da América, mas a maioria dos resíduos, como cascas, sementes e polpa, é descartada e acaba em aterros sanitários. Além de produzir uma mercadoria valiosa como o carvão, o processo desenvolvido pelos pesquisadores pode fornecer uma alternativa sustentável para elementos que geralmente são considerados lixo.

Nova tecnologia transforma plástico em adubo. Revista Superinteressante, 16/02/2023. Internet: <super.abril.com.br> (com adaptações).

Com relação à tipologia, às ideias e a aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os itens a seguir.

017. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) O objetivo principal do texto é explicar como diferentes resíduos agrícolas podem ser usados para produzir carvão.



Na verdade, o objetivo central do texto é apresentar a nova tecnologia que transforma plástico em adubo. O uso de resíduos agrícolas faz parte do processo, mas não é o tema central do texto.

Errado.

018. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) De acordo com o texto, Kandis Abdul-Aziz foi a primeira cientista a buscar soluções para transformar plástico em adubo.



O texto não traz essa afirmação. Não se diz que ela foi a primeira cientista a **buscar soluções**; na verdade, ela criou um método que transforma plástico em fertilizante (ou seja, ela foi a “primeira” a obter sucesso nesse projeto).

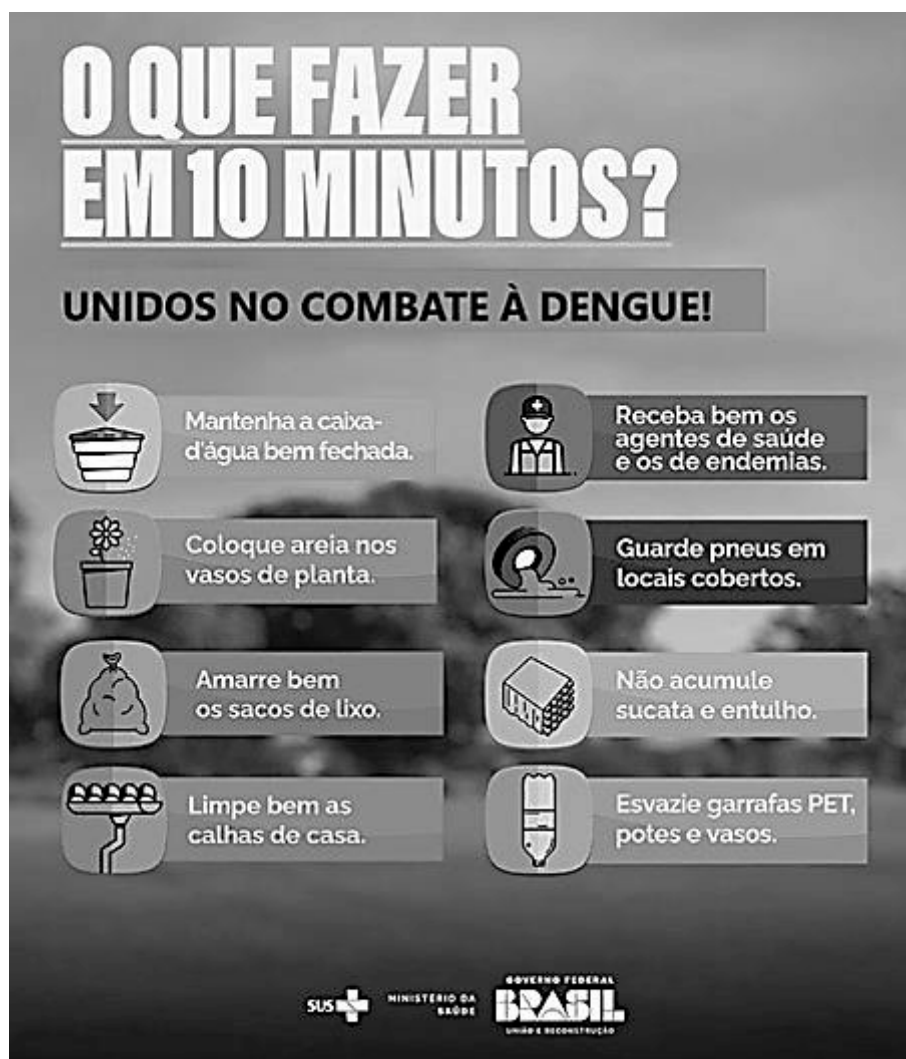
Errado.

019. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) O quarto parágrafo do texto detalha benefícios que o carvão resultante da mistura de plástico com resíduos de milho pode gerar no solo.



Os benefícios apontados são os seguintes, conforme o texto: (i) aumentar o teor e a retenção de nutrientes como potássio e nitrogênio no solo; (ii) diminuir a chamada lixiviação de nitrogênio; e (iii) aumentar o teor de carbono orgânico presente no solo.

Certo.



Internet: <gov.br> (com adaptações).

020. (CEBRASPE/EMBRAPA/ASSISTENTE/2025) A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue o próximo item.

Além de listar ações rápidas que podem ajudar a combater a dengue, o texto descreve efeitos dessa doença na saúde da população, os quais são ilustrados por meio de desenhos.



No texto, não se observam os efeitos dessa doença na saúde da população.

Errado.

TEXTO CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma pré-condição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

Internet: <soberaniaeclima.org.br> (com adaptações).

A respeito das ideias veiculadas no texto CB1A1, julgue os itens a seguir.

021. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) De acordo com o texto, a participação da delegação brasileira na CNUMAH realizada em Estocolmo, em 1972, comprometeu a eficácia dos acordos de preservação ambiental então estabelecidos pelos Estados participantes do evento.



A assertiva do item extrapola o conteúdo do texto [comentário formulado pela banca].

Errado.

022. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Conclui-se das ideias veiculadas no texto que a preservação do meio ambiente deixou de ser considerada uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros e passou a ser entendida como requisito para a garantia da segurança nacional e humana.



Afirma-se no 1º parágrafo que o fato de a preservação do meio ambiente não ser vista “como uma precondição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros” ocorreu “durante certo tempo” e que, posteriormente, “as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa” (3º parágrafo) [comentário formulado pela banca].

Certo.

023. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Depreende-se do texto que, nas últimas décadas, órgãos nacionais de segurança têm cooperado para a preservação do meio ambiente no Brasil.



No 1º período do texto, afirma-se que as instituições nacionais ligadas à soberania vêm atuando, nas últimas décadas, em suporte às políticas ambientais brasileiras [comentário formulado pela banca].

Certo.

024. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) De acordo com o texto, no passado as autoridades brasileiras consideravam auspiciosa a atuação de Estados estrangeiros em território brasileiro, dado o interesse que demonstravam pela preservação das riquezas naturais nacionais.



De acordo com o 1º parágrafo, temia-se despertar a cobiça internacional pelas riquezas naturais do Brasil, o que representaria riscos ao país. Logo, a atuação de Estados estrangeiros em território brasileiro era considerada desfavorável e não auspiciosa [comentário formulado pela banca].

Errado.

025. (CEBRASPE/PCDF/ANALISTA/2024) Conclui-se do último parágrafo do texto que processos positivos para o país, como o fortalecimento de organizações da sociedade civil e o avanço dos estudos científicos, resultaram da mudança de interpretação quanto às questões ambientais.



De fato, o texto apresenta os processos referidos como positivos, mas o emprego do verbo favorecer denota que as tais “novas percepções” são consequência daqueles processos, e não o contrário [comentário formulado pela banca].

Errado.

TEXTO I

(...) as nações latinas do Novo Mundo não se podem queixar de deslembradas. Cada incidente, ainda sem grande relevo, encontra repercussão na imprensa europeia. Não aparecem, é verdade, nenhuns desses longos estudos, circunstanciados e sábios, onde os mestres em assuntos internacionais dizem o que sabem sobre a história política, social e econômica do país de que se ocupam, para daí deduzirem os seus juízos. Não; como de costume, sempre que se trata das repúblicas latino-americanas, os doutores e publicistas da política mundial se limitam a lavrar sentenças — invariáveis e condenatórias. Como variantes dessas sentenças, eles se limitam a ditar, de tempos em tempos, uns tantos conselhos axiomáticos.

Manoel Bomfim. América Latina: males de origem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 24 (com adaptações).

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto I, julgue (C ou E) os itens a seguir.

026. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na construção argumentativa do texto, o autor faz uma pausa retórica mediante o emprego do “Não” (quarto período), para relativizar sua oposição ao conteúdo do período imediatamente anterior, e repete, nos dois últimos períodos, a expressão “se limitam” com o propósito de reforçar sua crítica à visão eurocêntrica, por ele considerada superficial e pretensamente superior.



Há, de fato, uma pausa retórica. No entanto, não se trata de um “não” relativizador.

Errado.

027. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Infere-se do texto que as nações latino-americanas não são lembradas pela imprensa europeia, ou, quando o são, servem, no máximo, como objeto de críticas, de “sentenças condenatórias”.



As nações latino-americanas são, sim, lembradas pela imprensa europeia (no texto: “as nações latinas do Novo Mundo não se podem queixar de deslembradas. Cada incidente, ainda que sem grande relevo, encontra repercussão na imprensa europeia.”).

Errado.

028. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Segundo o autor do texto, cada incidente ocorrido na América Latina é objeto de estudos aprofundados destinados a lavrar sentenças condenatórias.



O trecho “Não aparecem, é verdade, nenhuns desses longos estudos, circunstanciados e sábios, nos quais os mestres em assuntos internacionais dizem o que sabem sobre a história política, social e econômica do país de que se ocupam, para daí deduzirem os seus juízos.” explicita que os estudos sobre cada incidente ocorrido na América Latina não eram aprofundados.

Errado.

TEXTO II

Um senhor que conheci fez-se uma celebridade em astronomia, com auxílio dos saraus que lhe eram oferecidos pelos amigos (...). E tudo isso com mais uns amigos dedicados a lhe oferecer bailes, por ocasião das suas portentosas descobertas nos céus ignotos, levaram o governo da Bruzundanga a nomeá-lo diretor (...).

Para obviar tais inconvenientes, houve alguém que teve a ideia de “canalizar”, de “disciplinar” o entusiasmo do povo bruzundanguense, entusiasmo tão necessário às manifestações que lá há constantemente, e tão indispensáveis são ao fabrico de grandes homens que dirijam os destinos da grande e formosa República (...).

*Lima Barreto. *Os Bruzundangas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 2023, p. 106 (com adaptações).*

No que se refere aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto II, julgue (C ou E) os itens seguintes.

029. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segundo parágrafo, o autor assinala que alguém teve “a ideia de ‘canalizar’, de ‘disciplinar’ o entusiasmo do povo bruzundanguense” com a finalidade de tornar óbvios os inconvenientes da prática de bailes e saraus para fabricar os “grandes homens” da República.



A finalidade apontada pelo item não é a mesma do texto, no qual não se quer tornar óbvios os inconvenientes da prática de bailes.

Errado.

030. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segmento “nos céus ignotos” (segundo período do primeiro parágrafo), para expressar a natureza desconhecida do firmamento, o narrador atribui aos “céus” uma qualidade intrinsecamente humana.



O termo “ignoto” designa aquilo “que é desconhecido, não sabido”. Essa característica, diferentemente do que se afirma no item, não é intrinsecamente humana.

Errado.

031. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Evidencia-se no texto o emprego de paradoxo, que remete, em sentido conotativo, ao oposto daquilo que de fato o narrador afirma.



Não se trata de paradoxo, mas de ironia.

Errado.

Afinal, os homens nascem iguais, apenas sem uma definição completa da natureza.

Em Rousseau, por exemplo, com a noção do “bom selvagem”, essa ideia estará absolutamente presente.

A alteridade desses “novos homens” transformada em modelo lógico se contrapunha à experiência ocidental. Como concluía Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens, “se há uma bondade original da natureza humana, a evolução social corrompeu-a”.

O famoso filósofo da Ilustração encontrava um modelo ideal nesse “outro” tão distante do “nós, ocidentais”, e o elegia como moralmente superior. No entanto, ao conformar esse quadro antitético, Rousseau de certa forma se afastava da Ilustração, já que refletia sobre um progresso às avessas.

Mas, se a visão idílica de Rousseau foi a mais fecunda, é impossível deixar de falar das vertentes mais negativas de interpretação. As imagens que detratam o Novo Mundo se intensificaram, simetricamente correspondentes ao maior conhecimento e colonização desses novos territórios. É o momento em que se passa da projeção da inocência à inata maldade do selvagem.

Esse debate — que opunha o modelo igualitário da Ilustração às doutrinas raciais — faz parte, no entanto, de um problema mais remoto, sobre as origens da humanidade.

De um lado, a visão monogenista, dominante até meados do século XIX; de outro, a partir de então, a hipótese poligenista, que se transformava em uma alternativa plausível. Partiam os seus autores da crença na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas.

Lília Moritz Schwarcz. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 45-48 (com adaptações).

Em relação aos sentidos do texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

032. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No quarto parágrafo, o segmento “conformar esse quadro antitético” pode ser entendido como contextualizar, de forma contrária à visão do Iluminismo, a natureza humana.



De fato, o texto opõe duas visões sobre a natureza humana, uma Iluminista e outra (a de Rousseau: “Rousseau de certa forma se afastava da Ilustração”).

Certo.

033. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Entende-se da leitura do segundo e do terceiro parágrafos que o sentido dado pela autora ao termo “alteridade” é o de distinção entre a humanidade resultante da “experiência ocidental” e da ‘evolução social’ e os outros, caracterizados como o ‘bom selvagem’ e os ‘novos homens’.



De fato, o sentido, segundo Lilia Schwarcz, é este: o termo “alteridade” é caracterizado como a distinção entre a humanidade resultante da “experiência ocidental” e da “evolução social” e os outros, apresentados como o “bom selvagem” e os “novos homens”.

Certo.

034. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Depreende-se da leitura do texto que Rousseau, ao propor a imagem do ‘bom selvagem’, se alinha à tese, proposta pela Ilustração, de progresso da natureza humana.



Como se diz no texto (4º parágrafo), Rousseau se distancia da Ilustração no que diz respeito à proposta sobre o progresso da natureza humana (“Rousseau de certa forma se afastava da Ilustração”).

Errado.

Ainda em relação ao texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

035. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Segundo a autora, a hipótese teórica poligenista tornou-se hegemônica no século XIX.



Contrariamente ao que se afirma no item, a hipótese teórica dominante até meados do século XIX foi a monogenista (7º parágrafo do texto: “a visão monogenista, dominante até meados do século XIX”).

Errado.

036. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) O segmento “visão idílica” (primeiro período do quinto parágrafo) remete à noção bucólica do ‘bom selvagem’ de Rousseau, que representa um devaneio, uma utopia.



A semântica do adjetivo “idílica” é justamente esta: uma visão que é produto da fantasia, um devaneio, uma utopia.

Certo.

Texto IV

Assim como aquela senhora hopi que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. (...)

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. (...)

O Rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. (...)

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. (...)

Ailton Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Em relação a aspectos linguísticos e estilísticos do texto IV, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

037. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Aspectos antitéticos dos seres humanos são explorados na passagem do primeiro parágrafo, em que prevalece o uso da prosopopeia, ao segundo parágrafo, que remete ao Antropoceno.



A figura denominada “prosopopeia” (personificação) está presente nos trechos em que ocorre a humanização de seres inanimados (as montanhas). A essa humanização de coisas inanimadas contrapõe-se a não humanização das coisas, com a centralidade do traço humano restrita apenas aos homens.

Certo.

038. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Ao chamar o Rio Doce de Watu (terceiro parágrafo), o autor emprega uma metáfora.



Não se trata de uma metáfora, mas de uma prosopopeia/personificação, pois atribui uma característica humana (parentesco: avô) a um ente inanimado (um rio).

Errado.

039. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No segundo parágrafo do texto, o autor utiliza metonímia para qualificar o tipo de humanidade que as pessoas estão sendo convocadas a integrar.



Não há uma relação semântica do tipo “contiguidade”; há, na verdade, uma comparação (a humanidade assemelha-se a um zumbi).

Errado.

Texto V

Quando os jornais anunciaram para o dia 1º deste mês uma parede de açougueiros, a sensação que tive foi muito diversa da de todos os meus concidadãos. Vós ficastes aterrados; eu agradei o acontecimento ao céu. Boa ocasião para converter esta cidade ao vegetarianismo.

Não sei se sabem que eu era carnívoro por educação e vegetariano por princípio. Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne. Quando cheguei ao uso da razão e organizei o meu código de princípios, incluí nele o vegetarianismo; mas era tarde para a execução. Fiquei carnívoro. Era a sorte humana; foi a minha. Não importa, o homem é carnívoro.

Deus, ao contrário, é vegetariano. Para mim, a questão do paraíso terrestre explica-se clara e singelamente pelo vegetarianismo. Deus criou o homem para os vegetais, e os vegetais para o homem.

Enfim, chegou o dia 1º de março; quase todos os açougues amanhecera sem carne. Chamei a família; com um discurso mostrei-lhe que a superioridade do vegetal sobre o animal era tão grande, que devíamos aproveitar a ocasião e adotar o são e fecundo princípio vegetariano. Ervas, ervas santas, puras, em que não há sangue; todas as variedades das plantas, que não berram nem esperneiam, quando lhes tiram a vida. Convenci a todos; não tivemos almoço nem jantar, mas dois banquetes. Nos outros dias a mesma coisa.

O vegetarianismo é pai dos simples. Os vegetarianos não se batem; têm horror ao sangue. Eu não me dou por apóstolo único desta grande doutrina. Creio até que os temos aqui, anteriores a mim, e, — singular aproximação! — no próprio conselho municipal. Só assim explico a nota jovial que entra em alguns debates sobre assuntos graves e gravíssimos.

Machado de Assis. Carnívoros e vegetarianos. In: A Semana, 1892 (com adaptações).

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto V, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

040. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na narrativa, a deflagração de um movimento paredista dos açougueiros é a situação que oportuniza ao narrador apresentar uma análise crítica de hábitos alimentares junto aos familiares.



De fato, o narrador apresenta uma análise crítica dos hábitos alimentares junto aos familiares. Em especial, observamos uma defesa da superioridade do vegetal em relação ao animal.

Certo.

041. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, percebe-se a intenção do narrador em apresentar uma experiência traumática com a alimentação na infância, algo que seria determinado pela sorte, o destino do ser humano.



A afirmativa do item realiza uma análise correta sobre o segundo período do excerto. Destaco as seguintes passagens: “Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne.” e “Era a sorte humana; foi a minha.”

Certo.

042. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Da leitura do segundo parágrafo conclui-se, consideradas a estrutura narrativa da crônica e a sequência temporal empregada no primeiro período desse parágrafo, que a oração “eu era carnívoro”, apesar da flexão verbal no pretérito imperfeito do indicativo, pode ser interpretada como correspondente ao presente do indicativo.



A noção de “presente” ocorre pela análise de que o autor não deixou de ser carnívoro (ele era e ainda é, como se observa na leitura do trecho “Fiquei carnívoro”).

Certo.

043. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Evidencia-se na narrativa que o movimento paredista desencadeia um afastamento do narrador em relação à infância, o que o leva a uma crítica a hábitos adquiridos em seu percurso no sistema educacional e, ao mesmo tempo, a uma defesa da racionalidade humana.



Apontar um erro basta para considerar a afirmativa como errada: não há afastamento do narrador em relação à infância. Na verdade, o primeiro movimento do narrador é retornar a esse período de sua vida.

Errado.

Texto VI

O bife e o vinho compartilham a mitologia sanguínea. É o coração da carne, e qualquer um que a consuma assimila a força do touro. Obviamente, o prestígio do bife deve-se ao seu estado de semicrueza: nele o sangue é simultaneamente visível, denso, compacto e suscetível de ser cortado: imagina-se logo a ambrosia antiga sob a forma de uma matéria pesada que diminui entre os dentes, de modo a fazer com que se sinta ao mesmo tempo a sua força de origem e a sua plasticidade se expandirem no próprio sangue do homem.

E assim como o vinho se transforma, para um bom número de intelectuais, em substância mediúnica que os conduz à força original da natureza, do mesmo modo o bife é para eles um alimento de redenção, graças ao qual tornam o seu cerebralismo mais prosaico e conjuram, pelo sangue e a polpa mole, a secura estéril de que são acusados. Tal como o vinho, na França, o bife é um elemento básico, mais nacionalizado do que socializado, estando presente em todos os cenários da vida alimentar; participa de todos os ritmos, desde a confortável refeição burguesa ao lanche boêmio do celibatário; é uma alimentação simultaneamente rápida e densa, que realiza a mais perfeita união entre a economia e a eficácia, a mitologia e a plasticidade do seu consumo. Além de tudo isso, é um produto eminentemente francês (é certo que se encontra circunscrito, hoje em dia, pela invasão dos *steaks* americanos). Sendo nacional, depende da cotação dos valores patrióticos: revigora-os em tempo de guerra, sendo a própria carne do combatente francês, o bem inalienável que só pode passar-se para o inimigo à traição. Associado geralmente às batatas fritas, o bife transmite-lhes o seu renome: elas são nostálgicas e patrióticas como o bife.

Roland Barthes. O bife com batatas fritas. In: Mitologias. 2010, p. 79-80 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os próximos itens, relativos a aspectos linguísticos e ortográficos do texto VI.

044. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) Na análise crítica de aspectos culturais, o “bife” é caracterizado no texto duplamente como elemento de alienação e como elemento redentor.



De fato, segundo Barthes, o bife (elemento objeto da análise) é caracterizado no texto, duplamente, como elemento de alienação e como elemento redentor.

Certo.

045. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, o autor contesta a ideia do intelecto privilegiado dos intelectuais, o que os coloca na esfera dos mitos da sociedade.



Não há contestação; na verdade, há a pressuposição de que exista, sim, um corpo de intelectualidade privilegiada.

Errado.

046. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) No texto, a análise de elementos gastronômicos, como o bife, as batatas fritas, com a inclusão do vinho francês, é referenciada com o aporte semântico dos nomes e de sua simbologia, a partir do qual o autor tece sua visão crítica acerca da sociedade capitalista.



Toda a afirmação está correta. Cabe destacar o nome da obra de Barthes, *Mitologias*, a qual analisa o que é simbólico nas sociedades contemporâneas, especialmente no contexto capitalista.

Certo.

047. (CEBRASPE/IRBR/TERCEIRO SECRETÁRIO/2024) A proposição básica do autor é apontar a alienação do povo, por meio da denúncia da propagação de mensagens fantasiosas na mídia.



Não há qualquer denúncia nesse sentido.

Errado.

TEXTO CB1A1-I

A PETROBRAS demonstra compromisso com a sustentabilidade por meio do desenvolvimento de estratégias para acelerar a descarbonização e atuar sempre de forma ética e transparente, com operações seguras, respeito às pessoas e ao meio ambiente e com foco na geração de valor. Seis dos dez compromissos de sustentabilidade estabelecidos pela empresa estão associados a carbono. Os outros quatro compromissos referem-se a segurança hídrica, conservação da biodiversidade, gestão de resíduos e responsabilidade social, e esse último inclui investimentos em projetos socioambientais, programas em direitos humanos, relacionamento comunitário e contribuição para a solução de problemas sociais e ambientais, envolvendo oportunidades de atuação junto aos públicos de interesse e clientes de produtos da PETROBRAS.

No que diz respeito aos desafios da transição energética, a PETROBRAS contribui para a mitigação da mudança climática por meio do investimento de recursos e tecnologias na produção de petróleo de baixo carbono no Brasil, gerando energia, divisas e riquezas relevantes para o financiamento de uma transição energética responsável, bem como para a capacidade de ofertar gás e energia despachável para viabilizar a elevada participação de energias renováveis na matriz elétrica brasileira. Além disso, investe em novas possibilidades de produtos e negócios de menor intensidade de carbono, promove pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e soluções de baixo carbono e investe em projetos socioambientais para a recuperação e conservação de florestas.

Internet: <<https://petrobras.com.br>> (com adaptações).

048. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Julgue o seguinte item, relativo às ideias do texto CB1A1-I e à sua tipologia.

De acordo com as informações do texto, o investimento de recursos e tecnologias para possibilitar uma transição energética responsável inclui-se entre as ações desenvolvidas pela PETROBRAS.



Segundo o texto, o investimento de recursos e tecnologias gera bens para fomentar a transição energética responsável. O que se afirma no item, então, está adequado em relação ao exposto no texto.

Certo.

TEXTO CB1A1-II

Em 23/3/2023, o presidente da PETROBRAS, Jean Paul Prates, afirmou à imprensa que a companhia não deve praticar o preço de paridade internacional (PPI). “Se lá fora o preço do petróleo diminuiu, entendo que diminuiu também em termos de insumos para as refinarias, logo isso tem de refletir no preço para o consumidor final. Não é necessário que o preço do combustível esteja amarrado ao preço do importador, que é o nosso principal concorrente. Ao contrário. Paridade de importação não é preço que a companhia deve praticar.”

Prates disse que, em sua gestão como presidente da estatal, não haverá o “dogma do preço de paridade internacional (PPI)”, abrindo espaço para a negociação de preços que levem em consideração o cenário econômico nacional.

Instituída em 2016, a política do PPI prevê que a PETROBRAS alinhe os valores que cobra das distribuidoras pelo combustível ao que é cobrado pelas importadoras que trazem o petróleo refinado em forma de diesel e gasolina para o Brasil.

Questionado se haverá redução no preço da gasolina, Jean Paul Prates disse que as equipes estão avaliando o mercado sobre possíveis oscilações no preço do combustível. “A gente está avaliando a referência internacional e o mercado brasileiro. Essa é a nossa política agora. O mercado nacional é composto pelo que é produzido aqui com o produto importado. Sempre que a gente puder ter o preço mais barato para vender para o nosso cliente, para o nosso consumidor brasileiro, a gente vai fazer isso”, concluiu.

O presidente da companhia também garantiu que a venda dos ativos do Polo Bahia Terra, em negociação entre a PETROBRAS e um consórcio formado por PetroReconcavo e Eneva, está sendo reavaliada sob uma nova ótica e que nada está decidido. Segundo ele, “o que está assinado será cumprido; o que não está assinado será revisto”.

Internet: <www.cnnbrasil.com.br> (com adaptações).

Em relação às ideias do texto CB1A1-II, julgue os próximos itens.

049. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Depreende-se do texto que a atual política de preços da PETROBRAS visa à possibilidade de redução do preço do combustível para o consumidor brasileiro.



A afirmativa encontra validade no último período do quarto parágrafo do texto.

Certo.

050. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Entende-se do segundo parágrafo do texto que, segundo o presidente da PETROBRAS, o PPI não deve ser visto como uma doutrina indiscutível.



Pode-se considerar, sim, o emprego do vocábulo “dogma” como equivalente a “doutrina indiscutível”. Nesse sentido, a afirmativa está correta.

Certo.

051. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Infere-se do segundo parágrafo do texto, sobretudo pelo emprego da forma verbal “haverá”, flexionada no tempo futuro, que Jean Paul Prates ainda não foi efetivado na presidência da PETROBRAS.



A análise proposta é inadequada, tendo em vista que é factual que Jean Paul Prates é o presidente efetivo da PETROBRAS.

Errado.

052. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) No início do quarto parágrafo, o trecho “Questionado se haverá redução no preço da gasolina” expressa uma condição imposta pela imprensa ao presidente da PETROBRAS.



Não se trata de uma “condição imposta pela imprensa”; trata-se apenas de um questionamento.

Errado.

053. (CEBRASPE/PETROBRAS/ADMINISTRAÇÃO/2024) Entende-se do texto que, quanto à venda de ativos, o presidente da PETROBRAS pretende rever todos os compromissos assumidos pela companhia antes de sua gestão.



Não se pretende “rever todos os compromissos assinados”. No último período do texto, lemos claramente que “o que está assinado será cumprido”.

Errado.

A Geografia da Fome

Não é somente agindo sobre o corpo dos flagelados, roendo-lhes as vísceras e abrindo chagas e buracos na sua pele, que a fome aniquila a vida dos sertanejos, mas também atuando sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social. Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo à personalidade humana quando alcança os limites da verdadeira inanição. Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentar-se, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado, apresenta uma conduta mental que pode parecer a mais desconcertante. Muda o seu comportamento como muda o de todos os seres vivos alcançados pelo flagelo nesta mesma área geográfica.

Josué de Castro, A Geografia da Fome

054. (Q3701226/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Esse texto aborda o problema da fome.

Um aspecto desse problema que **não** está presente nesse texto, é:

- a) a fome ataca o corpo e a mente.
- b) as causas da fome no Nordeste.
- c) as consequências da fome na conduta social.
- d) semelhanças entre homem/animal diante da fome.
- e) mudanças comportamentais do homem na fome.



Ao se ler o texto, observam-se os seguintes aspectos do problema da fome: ataca o corpo e a mente, possui consequências na conduta social, altera comportamentos e torna o homem semelhante a outros animais (instinto). No texto, não se apresentam as causas da fome no Nordeste (essa região sequer é citada). Por isso, apenas o conteúdo da alternativa B não está presente no texto.

Letra b.

Norma da empresa

Descartar-se um cliente que está reclamando com um “É norma da empresa” deixa-o furioso. É o equivalente empresarial da frase que nossos pais costumavam dizer: “Porque sim”.

055. (Q3701603/FGV/EBSERH/ASSISTENTE/2025) A **semelhança** entre as frases da empresa e dos pais é

- a) a grosseria das respostas.
- b) a falta de explicação clara.
- c) a ausência de diálogo.
- d) o autoritarismo exagerado.
- e) o reconhecimento do direito do próximo.



A semelhança entre as frases da empresa e dos pais é a falta de explicação clara; isto é, a falta do “porquê”. A semelhança não ocorre por serem frases rudes (grosseiras) ou autoritárias. Também não há ausência de diálogo (na verdade, elas são resultado da inferência de uma troca dialógica). Por fim, não se trata de uma semelhança por haver o reconhecimento do direito do próximo.

Letra b.

056. (Q3702098/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) A interrogação direta numa frase é a que leva a uma resposta de sim ou não. Assinale a frase que **está** nesse caso.

- a) Será que vai chover no final de semana?
- b) Quando haverá novas eleições?
- c) Como ele conseguiu essa proeza?
- d) Onde fica a nova agência do banco?
- e) Por que tudo está tão caro?



Para resolver essa questão, basta responder a cada pergunta com SIM ou NÃO: aquela em que a resposta do tipo SIM/NÃO for adequada é a resposta certa. Se eu perguntar “Quando

haverá novas eleições?”, uma resposta do tipo SIM/NÃO é inadequada. Uma resposta adequada para ela seria algo do tipo “em outubro”. A inadequação também ocorre em C, D e E. Mais uma vez: tente imaginar uma situação em que você faz as perguntas em B, C, D e E e, como resposta, recebe um “SIM”. Certamente, a sua pergunta não foi corretamente respondida. Diferentemente, em A, observamos uma pergunta que pode ter uma resposta do tipo SIM/NÃO: será que vai chover no final de semana? SIM [vai chover].

Letra a.

057. (Q3635949/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que mostra uma visão **positiva** do ser humano.

- a) Conhecer a fundo, e tal como é, um ser humano, e amá-lo, é impossível.
- b) Os homens em geral ganham muito por não serem perfeitamente conhecidos.
- c) Muitos são os prodígios; entretanto, nada é mais prodigioso do que o homem.
- d) Mas homens são homens e o melhor deles esquece-se às vezes de que é humano.
- e) Os homens deveriam ser aquilo que parecem.



Em A, B, D e E, não se observa uma visão positiva do ser humano, pois eles são considerados: (A) difíceis de serem amados quando conhecidos a fundo; (B) bem pagos quando não são conhecidos (se fossem conhecidos, não teriam valor para serem bem pagos); (D) soberbos; (E) vivem de aparências. Em (C), diferentemente, observamos uma visão positiva do ser humano: o ser humano é a coisa mais prodigiosa que existe.

Letra c.

058. (Q3636110/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que apresenta **intertextualidade** com uma outra frase muito conhecida.

- a) Não apreciamos bem nos outros senão as qualidades que julgamos possuir.
- b) O que mais besteiras ouve no mundo é, talvez, um quadro de museu.
- c) Um quadro só vive graças àquele que o olha.
- d) Tudo é puro para os que são puros.
- e) Parece um projeto adequado, mas nem tudo que reluz é ouro.



Apenas em (E) existe uma intertextualidade com uma frase muito conhecida: “nem tudo que reluz é ouro”. Nas outras alternativas (A, B, C e D), não observamos intertextualidade com frases muito conhecidas.

Letra e.

059. (Q3702072/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase em que **não há** a presença de um **interlocutor**.

- a) Vamos, crianças, silêncio na classe!
- b) Eu estou te dizendo que a festa será hoje!
- c) Outras informações, na secretaria, por favor!
- d) Por favor, não fumem!
- e) Vocês, João e Pedro, vão passear?



Em A, B, D e E, observamos a presença de interlocutores (a quem o produtor da mensagem se dirige): (A) crianças; (B) te; (D) 2ª pessoa; (E) João e Pedro. Em C, não há interlocutor direto (há apenas pressuposto, no sentido de que se produz a mensagem para algum leitor, que, nesse caso, é um interlocutor implícito).

Letra c.

060. (Q3636112/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Assinale a frase integralmente construída com linguagem formal (não popular).

- a) A gente não sabe o que está por vir.
- b) Torna-se difícil para mim fazer isso hoje.
- c) A raça humana não suporta muita realidade.
- d) Me deram preocupações demais ao nascerem.
- e) Tem muitos anos que não viajo para a Europa.



A linguagem formal (não popular) é mostrada por adotar a norma culta, prevista pela tradição gramatical. Com isso, as frases em que há desvio gramatical não são formais: em (A), o uso de “a gente” não está previsto como forma culta; em (B), o pronome oblíquo “mim” não pode ser sujeito da oração infinitiva; em (D), o pronome “me” não pode iniciar oração (deve estar em ênclise); em (E), o verbo “ter” não pode denotar tempo decorrido (deveria ser “há”, por exemplo). Em (C), não há desvios em relação à norma culta.

Letra c.

061. (Q3702094/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que não mostra **uma ordem** de forma direta ou indireta.

- a) Tente não gastar todo o seu dinheiro.
- b) Lembre-me daqui a dois dias.
- c) Que ela venha aqui amanhã de manhã.

- d) A chuva vai continuar por todo o dia.
- e) Tome um comprimido a cada dia.



A noção de “ordem” aqui é a mesma de “comando”/“orientação”. Esse comando busca mobilizar o interlocutor a realizar alguma ação. O comando pode ser direto (isto é, direcionado diretamente ao interlocutor) ou indireto (isto é, o comando não é direto, mas o conteúdo da proposição busca mobilizar o interlocutor a realizar alguma ação). Isso ocorre em A (não gaste), B (lembre-me), C (venha aqui) e E (tome). Em D, não existe qualquer tipo de tentativa de mobilizar o interlocutor (não há uma ordem, um comando).

Letra d.

062. (Q3702090/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) Assinale a frase que mostra um termo que indica a **participação pessoal do autor** na mensagem da frase.

- a) A população aplaudiu a inauguração do mercado.
- b) Os impostos sobre a água não aumentarão.
- c) O Rio, como São Paulo, enfrenta problemas.
- d) O acusado foi, felizmente, preso.
- e) As máquinas interditaram a pista.



A participação pessoal do autor é expressa por adjetivação subjetiva ou por verbos/advérbios modais. Observando as frases A, B, C e E, não observamos essas marcas. Com isso, o autor não se apresenta de forma pessoal. Em D, a forma adverbial “felizmente” denota que, para o autor, o fato de o acusado ter sido preso é um aspecto positivo. Por isso, a alternativa correta é a D.

Letra d.

063. (Q3636101/FGV/TCE RR/TÉCNICO/2025) Observe o seguinte texto argumentativo: O papel principal da acupuntura, segundo nossa associação, é a de regularizar as diferentes energias do corpo humano. Isso pode ser comparado ao sistema de canalização de águas num rio. Logo que há um excesso de água num dado local do rio, deve-se abrir as válvulas de certas barragens, a fim de fazer descer o nível de água a um limite aceitável.

A respeito desse texto, assinale a afirmativa **inadequada**.

- a) O tema do texto é o controle dos níveis de água nos rios.
- b) O argumentador é representante de um grupo.
- c) O público-alvo é um leitor interessado em acupuntura.
- d) A finalidade do texto é mostrar o papel da acupuntura.
- e) O argumento básico do texto é do tipo comparativo.



As alternativas B, C, D e E estão adequadas, pois o argumentador é representante do grupo (segundo nossa associação), o público-alvo está interessado em acupuntura (está lendo sobre o assunto), o texto tem por finalidade mostrar o papel da acupuntura e o argumento é do tipo comparativo (sistema de canalização de águas em um rio). No entanto, há uma inadequação na alternativa A: o tema do texto não é o controle dos níveis de água nos rios (essa é, como vimos, a temática da comparação).

Letra a.

064. (Q3701143/FGV/EBSERH/ADVOGADO/2025) Assinale a frase que indica um desejo, uma esperança.

- a) A marquesa estava deslumbrante na festa.
- b) Os ministros ainda estão em Brasília.
- c) Se somente ele tivesse sido eleito!
- d) O tempo não está esplêndido?
- e) Como neva nos Estados Unidos nesta época.



A alternativa correta é a (C), pois apresenta uma construção que expressa desejo ou esperança não realizada, típica do modo subjuntivo: “Se somente ele tivesse sido eleito!”. As demais são constatações ou exclamativas sem valor volitivo.

Letra c.

065. (Q3614915/FGV/PC MG/INVESTIGADOR/2025) Em todas as frases a seguir foi indicada uma inferência, ou seja, algo que pode ser deduzido da leitura. Assinale a opção que apresenta a frase em que a dedução é inadequada.

- a) O Flamengo ganhou o campeonato mundial. → O time do Flamengo é magnífico.
- b) As mulheres já podem servir nas Forças Armadas. → As mulheres mostram ascensão na sociedade.
- c) Muita gente no Rio de Janeiro vive nas favelas. → As favelas do Rio são lugares aprazíveis.
- d) Uma multidão atacou o supermercado de alimentos. → O país atravessa uma crise social.
- e) A temperatura no estádio atingiu 40 graus. → O futebol devia alterar alguns horários de partidas.



A alternativa correta é a (C), pois a dedução de que “as favelas do Rio são lugares aprazíveis” não é coerente com a premissa de que “muita gente vive nas favelas”. Trata-se de uma inferência inadequada. As demais apresentam deduções plausíveis a partir dos dados apresentados.

Letra c.

066. (FGV/TJ-RN/TÉCNICO/2024) Todas as frases abaixo fazem propaganda de um creme dental; aquela que, em busca do convencimento do cliente, apela para a sua vaidade é:

- a) Creme Dental X: mais por preço menor;
- b) Sorriso brilhante é com Creme Dental X;
- c) Faça como os franceses: compre Creme Dental X;
- d) Para proteção completa dos dentes: Creme Dental X;
- e) Não sofra com as cáries: use Creme Dental X.



O apelo direcionado à vaidade do cliente é expresso pela palavra “brilhante”, que qualifica o sorriso. Nas outras alternativas, há atrativos como preço, comparação, proteção e precaução.

Letra b.

067. (FGV/CFC/EXAME DE SUFICIÊNCIA/2025) Um cartaz, na porta de um supermercado, dizia: “Compre hoje! Amanhã pode estar mais caro!”

Esse cartaz

- a) aconselha o cliente a economizar.
- b) dá ordem ao cliente para ganhar tempo.
- c) chama a atenção do cliente para a possível falta de produtos.
- d) pretende ensinar o cliente a controlar seu orçamento.



O cartaz apresenta um conselho para o cliente economizar: ao comprar hoje, você não pagará mais caro (amanhã). Por isso, a alternativa (A) está correta. Em (B), (C) e (D), os erros são os seguintes: (B) não se trata de uma ordem, muito menos direcionada ao ganho de tempo; (C) não se pode inferir uma suposta falta de produto (fala-se sobre preço: o produto estará mais caro); (D) não se objetiva, com a frase no cartaz, ensinar o cliente a controlar seu orçamento. Na verdade, o objetivo é engajar o cliente a consumir.

Letra a.

068. (FGV/CFC/EXAME DE SUFICIÊNCIA/2025) Um famoso escritor falou sobre a leitura: “A leitura é para a mente o que a ginástica é para o corpo.”

Com essa frase, o autor quer dizer que

- a) exercícios físicos devem ser feitos todos os dias.
- b) a leitura, como a ginástica, deve ser feita diariamente.
- c) a leitura enriquece o nosso conhecimento.
- d) exercícios físicos e leitura fortalecem o corpo.



Essa questão foi anulada pela banca. O problema é o foco de cada uma das alternativas: parece-me que nenhuma indica corretamente o que o autor quis dizer ao enunciar a frase. Vejamos: em (A), a frase não fala sobre frequência, muito menos sobre exercício físico em si; em (B), interpreta-se a analogia como um conselho de frequência (“deve ser feita diariamente”), o que não está explícito na frase. A ideia de “frequência” não está presente — e, por isso, estamos diante de uma extrapolação; a alternativa (C) parece ser a mais adequada, mas a ideia de enriquecimento não é a mais apropriada; em (D), por fim, observamos um erro claro, pois não se pode inferir que a leitura fortalece o corpo.

Anulada.

TEXTO 1

Menos mortes e engarrafamentos: movimento quer reduzir a velocidade nas cidades brasileiras (adaptado)

Por Marcela Donini e Tiago Medina

Mais que uma mudança de cidade e país, a vida da fonoaudióloga Paula Dallegrave Priori mudou de estilo a partir de 2021. Acompanhada do marido e da filha, então com menos de 3 anos, ela trocou Porto Alegre por Barcelona. O carro da família, tão necessário para deslocamentos na capital gaúcha, ficou do lado de cá do oceano. Se antes era um elemento presente no cotidiano, tornou-se anacrônico na nova cidade.

“A percepção do trânsito em relação a Porto Alegre é bem clara: aqui é muito melhor. Não percebemos o ambiente tóxico que é o trânsito aí”, compara ela, usuária frequente do metrô, além de pedestre habitual. Aliás, caminhar na rua com a filha é, agora, mais tranquilo. “Os carros não andam em alta velocidade, respeitam o pedestre, faixa de trânsito, usam a seta, enfim tu consegues prever o que vai acontecer.”

Tendência em cidades que são exemplo em mobilidade ativa, a redução de velocidade foi decretada pelo governo espanhol em maio de 2021. Desde então, os limites na maioria das vias urbanas de todas as cidades espanholas são de até 30 km/h [...].

Um movimento no Brasil quer entrar nessa onda e readequar os limites nas vias das cidades de todo o país. A União de Ciclistas do Brasil (UCB), em parceria com outras entidades como a Fundação Thiago Gonzaga, propõe uma alteração no Código de Trânsito Brasileiro que fixaria em 60km/h o máximo permitido nas vias de trânsito rápido e 50km/h nas vias arteriais. [...] O máximo para vias coletoras e locais permaneceria em 40km/h e 30 km/h.

[...]

O documento publicado pela entidade apoia-se ainda em experiências brasileiras e estrangeiras nas quais a redução das velocidades levou a maior segurança no trânsito. São Paulo, por exemplo, fez alterações significativas nesse sentido desde 2011. Em 2015, foram

reduzidos os limites em duas das principais vias expressas, as marginais Tietê e Pinheiros [...]. O sucesso da operação, destaca o relatório da UCB, foi verificado no ano seguinte, quando a cidade registrou uma queda de 52% no número de mortes nas duas marginais.

Outras experiências dentro e fora do Brasil comprovam a relação entre velocidades menores e menos mortes, mas ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população. Uma pesquisa de opinião encomendada pela UCB a uma empresa terceirizada revelou que 82% dos entrevistados conhecem alguém que morreu no trânsito, e 9 em cada 10 consideram alto o número de mortes nas vias brasileiras. Quando a questão são limites de velocidade mais baixos, metade concorda que isso evitaria mais óbitos, mas 8 em cada 9 deixaram de citar a redução dos limites como fator importante para essa queda.

[...] “As pessoas sempre pensam que vão ter perda se forem mais devagar. Ao contrário, o trânsito flui melhor”, diz, citando o exemplo da ponte Rio-Niterói, onde o limite passou de 110km/h para 80km/h e houve melhoria na fluidez. “Por isso, estamos deixando de falar em *redução*, e usando o termo *readequação* de velocidades”, explica.

Ana Luiza Carboni, coordenadora do projeto Vias Seguras, destaca uma ilustração didática aprendida com a engenheira de transportes e professora da Universidade Federal de Alagoas Jessica Lima. “Pense em uma torneira aberta, com ralo pequeno. Se você abrir toda a torneira, a água vai acumular. Se abrir menos, ela vai escoar, vai passar mais lentamente, mas constantemente”, exemplifica. “É preciso mudar a visão de que ‘a velocidade vai fazer eu chegar primeiro’. Já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média. As cidades são feitas de gargalos. Acelerar significa apenas que você vai chegar mais rápido num gargalo”, completa.

[...]

Status do carro

Em cidades planejadas para o carro, não à toa a população mais vulnerável no trânsito são pedestres, ciclistas e motociclistas – e dentro desse grupo, as vítimas mais comuns são pessoas negras, destaca Carboni.

Para a engenheira civil e gerente de mobilidade ativa do WRI, Paula Manoela dos Santos, a questão geracional é chave na mudança de visão que ainda precisa ser feita para o carro deixar de ser visto como o elemento central na mobilidade. “Ainda habita em nós uma questão de status do carro. A bicicleta é vista como veículo só no Código de Trânsito Brasileiro. Para as pessoas, nem sempre. Diria que até é um pouco marginalizada, como considerar que quem anda de bicicleta não teve sucesso”, diz.

Carboni sabe bem do que Santos está falando. A ativista, que não tem carro há oito anos, costuma contar a história de suas idas ao mercado: “Na hora de pagar, sempre perguntam se tenho o ticket do estacionamento, e eu respondo que não tenho carro. Até que um dia uma caixa falou ‘Deus há de prover um pra você’”.

Apesar de o caminho até um trânsito mais seguro ser longo, os especialistas ouvidos pelo Matinal são otimistas. Bohn lembra que já se avançou muito: “Hoje não é mais aceitável beber e dirigir como era 20 anos atrás”. A engenheira da WRI faz questão de ressaltar que as novas gerações têm outro entendimento, especialmente em relação ao carro.

Paula que o diga. A porto-alegrense cuja história abre a reportagem tem convicção de que o novo estilo de vida irá mudar a perspectiva da filha, de 4 anos, sobre mobilidade. “Hoje, ela está muito mais acostumada a ver as pessoas fazendo as coisas de bicicleta. Os ciclistas enfrentam dia de chuva, de frio. Isso é normal”, diz. Além do automóvel, também ficou para trás o hábito de entregar o celular na mão da pequena para driblar a impaciência dos momentos de trânsito parado.

Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/reduzir-velocidade-nas-cidades-brasileiras/>

069. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) O texto 1 discute o problema da segurança no trânsito. A alternativa que identifica, de acordo com o texto, uma *causa indireta* dos acidentes de trânsito é:

- a) respeito ao pedestre;
- b) sobrecarga do serviço público de saúde;
- c) alteração do Código de Trânsito Brasileiro;
- d) *status* do carro;
- e) desenvolvimento de um novo estilo de vida.



Nos parágrafos 9 e 10, lemos que o status do carro (o modo como o veículo é percebido pela população) é uma das causas indiretas dos acidentes de trânsito. Não são causas indiretas o respeito ao pedestre, a sobrecarga do serviço público de saúde, a alteração no CTB ou o desenvolvimento de um novo estilo de vida.

Letra d.

070. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) Do ponto de vista da organização estrutural, observa-se no texto 1 uma oposição entre, de um lado, o bloco introdução/conclusão (parágrafos 1, 2 e 13) e, de outro, o bloco do desenvolvimento (parágrafos 3 a 12). Essa oposição decorre da predominância, em cada um desses blocos, de estratégias composicionais distintas. A alternativa que captura corretamente a oposição entre as estratégias composicionais predominantes em cada um desses blocos, respectivamente, é:

- a) função fática X função referencial;
- b) situações factuais X situações hipotéticas;

- c) sequências descritivas X sequências injuntivas;
- d) discurso indireto X discurso indireto livre;
- e) perspectiva particularizante X perspectiva generalizante.



Nos parágrafos 1, 2 e 13, há a apresentação de situações particularizantes, mais específicas. Nos demais parágrafos, há uma ampliação dessa perspectiva, a qual adquire um perfil mais generalizante. Nas demais alternativas, os pares opostos não são encontrados no texto como estruturadores (isto é, não compõem eixos de organização estrutural).

Letra e.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M. J.; DOREN, C. V. *Como ler um livro*. 1990.
- CAMACHO, R. *Sociolinguística*. 2001.
- HORTIFRUTI (*peça publicitária*: www.hortifruti.com.br)
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 2014.
- KOCH, I. *Introdução à linguística textual*. 2013.
- MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2012.
- MEDEIROS, J. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 2017.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (*peça publicitária*: www.saude.gov.br)
- MOLINA, O. *Leitura: será possível (e necessária) uma definição?* 1982.
- PEIRCE, C. *Semiótica*. 2016
- PIGNATARI, D. *Poesia pois poesia*. 2002.
- PRETO, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 2000.
- REIS, R. *Poemas de Ricardo Reis*. 2000.
- REVISTA VEJA (28 de março de 2018: veja.abril.com.br)
- SARAMAGO, J. *O homem duplicado*. 2014.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 2012.

Abra



caminhos



crie

futuros

gran.com.br

